

GABRIEL DAMBROS

**REFLEXÕES ACERCA DA PEDAGOGIA DO FUTSAL NO AMBIENTE
UNIVERSITÁRIO: ANÁLISES A PARTIR DO DISCURSO DO SUJEITO
COLETIVO**

UBERABA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabriel Dambros

REFLEXÕES ACERCA DA PEDAGOGIA DO FUTSAL NO AMBIENTE
UNIVERSITÁRIO: ANÁLISES A PARTIR DO DISCURSO DO SUJEITO
COLETIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Esporte e Exercício” (Linha de Pesquisa: Formação e Ação Profissional em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo

UBERABA

2014

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

Dambros, Gabriel
D162r Reflexões acerca da pedagogia do futsal no ambiente universitário: análises a partir do discurso do sujeito coletivo / Gabriel Dambros. -- 2014.
162 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2014.
Orientador: Prof^ª Dr^ª Vilma Leni Nista-Piccolo

1. Esportes. 2. Futebol. 3. Estudantes. 4. Universidades. I. Nista-Piccolo, Vilma Leni. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 796

Gabriel Dambros

**REFLEXÕES ACERCA DA PEDAGOGIA DO FUTSAL NO AMBIENTE
UNIVERSITÁRIO: ANÁLISES A PARTIR DO DISCURSO DO SUJEITO
COLETIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Esporte e Exercício” (Linha de Pesquisa: Formação e Ação Profissional em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Uberaba, 26 de Fevereiro de 2014.

Banca Examinadora:

Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo (Orientadora)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr. Alcides José Scaglia (Membro da Banca)
Universidade Estadual de Campinas

Dr. Wagner Wey Moreira (Membro da Banca)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

À minha esposa, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar a vida e saúde para cumprimento desta tarefa.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo, que acreditou em mim e nesta pesquisa. Como disse Nikos Kazantzakis, “professores ideais são aqueles que se transformam em pontes e que convidam os alunos a cruzá-la, depois de ter facilitado sua passagem, com alegria e colapso, incentivando-os a criar pontes a partir de suas próprias atitudes”. Você faz parte deste *hall* de professores ideais. Não tenho palavras para descrever a admiração construída nesses dois anos de convivência. Agradeço todas as orientações recebidas que, com certeza, vão muito além do conhecimento científico, permanecendo para o resto da minha vida. Espero que nossa amizade perdure para sempre.

Aos meus familiares, pelos bons momentos de felicidade e incentivo pela busca do desconhecido, pela constante ajuda e presença nas dificuldades. Pela contínua motivação e transformação de meus sonhos em realidade. Especialmente aos meus pais, Reinato e Bernadete e minha irmã Camila, que bem sabem os valores que uma família deve possuir.

Aos meus amigos-irmãos Rafael, Vinícius e Ricardo, que ofereceram todo o suporte profissional necessário para a realização dessa pesquisa. Que este seja um primeiro momento para alavancarmos as mudanças que pretendemos na nossa profissão.

A todos os jogadores com quem trabalhei e trabalho atualmente nas equipes de futsal da UNIFEI. Vocês me receberam de braços abertos, e fazem com que a cada dia me realize na minha profissão.

À Universidade Federal de Itajubá, por proporcionar-me auxílio na realização desta pesquisa e por permitir que coloque em prática minhas ideias acerca do desporto.

Aos meus colegas da Segunda Turma de Mestrado pelo pronto auxílio nas dificuldades encontradas.

À amiga Andrezza Papini Alkmim de Souza, que dividiu as dificuldades para a construção desta pesquisa, auxiliando-me prontamente nos momentos necessários.

Aos professores membros da banca, Prof. Dr. Alcides José Scaglia e Prof. Dr. Wagner Wey Moreira, pelo carinho e pelas indispensáveis contribuições para a concretização desta pesquisa.

Agradeço aos jogadores, gestores e ao ex-treinador entrevistados, pela confiança e disposição para a construção do conhecimento. Sem vocês, este estudo não seria possível.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela dedicação e pela oportunidade para aquisição de novos conhecimentos, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudos Potencial, por dividirem os sonhos a serem realizados e auxiliarem nas suas concretizações.

Aos funcionários da UFTM, em especial à Angélica Fatureto. Obrigado pela constante ajuda, em todas as necessidades e solicitações.

À Capes pela bolsa concedida a qual possibilitou a realização desta pesquisa.

RESUMO

O desporto é um patrimônio da humanidade e, como tal, integra as atividades desenvolvidas em uma Universidade. Diante de questionamentos relacionados ao papel que o desporto representa nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, investigamos diferentes aspectos referentes a essa temática. O objetivo geral deste estudo consiste em desvelar o desporto no ambiente universitário e sua relação com o papel do treinador como mediador do processo de ensino e aprendizagem da modalidade futsal, como meio de representação universitária competitiva. A pesquisa foi constituída de um estudo de caso, mediante um delineamento qualitativo, utilizando como instrumento entrevistas. Foram compostas por perguntas abertas, visando à exploração do pensamento nas respostas dadas, os sujeitos entrevistados foram os jogadores das equipes de futsal, os gestores da IES escolhida e um ex-treinador da modalidade, sendo todos envolvidos com o desenvolvimento do desporto. Para a análise dos resultados foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, proposta por Lefevre e Lefèvre (2003). Verificamos que os discursos dos jogadores ressaltam a importância do desporto na Universidade como atividade educativa; revelam aspectos importantes para o desenvolvimento das equipes de representação competitiva; e apontam que as ideias defendidas pela Pedagogia do Desporto consistem em diretrizes norteadoras para o desenvolvimento das ações pedagógicas promovidas pelos treinadores. Os gestores e o ex-treinador indicam que o desporto pode contribuir para a formação educacional dos alunos, como também apontam a ausência de um projeto político institucional para atrelar o desporto como meio para auxiliar a formação dos alunos. Na opinião deste pesquisador, as informações encontradas revelaram muitas incoerências entre os discursos e a realidade do desenvolvimento do desporto nessa IES. Nos discursos analisados, foi possível identificar que a Universidade pesquisada apresenta um trabalho relevante para o desporto universitário, porém, não identificamos o desporto como atividade integrante do projeto formativo ofertado pela instituição, fato este que dificulta as ações dos profissionais de Educação Física presentes na IES.

Palavras-chave: Desporto. Universidade. Futsal.

ABSTRACT

Sport is a patrimony of humanity and, as such, integrates the activities developed at a University. Faced With questions related to the role that sport represents at the Brazilian's University, we investigated different aspects related to this theme. The subject of this study consists in unveiling the sport in the university environment and its relationship with the role of the coach as facilitator of the process of teaching and learning futsal modality, as means of representation competitive university. The research was composed of a case study, through a qualitative, using as an instrument interviews. Composed of open questions, aiming at the exploration of thought in the answers, the subjects interviewed were the players of the futsal teams, the managers of the University chosen and an ex-coach of modality, all being involved with the development of the sport. For the analysis of the results we use the technique of the Collective Subject Discourse, proposed by Lefevre and Lefèvre (2003). We found that the speeches of players highlight the value of sport in the University as educational activity; reveal important aspects for the development of competitive representation teams; and suggest that the ideas defended by the Pedagogy of Sport consist of guidelines for guiding the development of pedagogical actions promoted by the coaches. The managers and ex-coach indicate that sport can contribute to the students education, as also pointed out the absence of a institutional political project to tow the sport as a means to assist the students formation. In the opinion of this researcher, the information found revealed many inconsistencies between the discourses and the reality of the development of the sport in this University. In the analyzed speeches, it was possible to identify that the University researched presents a relevant work for the sport university, however, did not identify the sport activity as an integral part of the formative project offered by the institution, a fact that complicate the actions by professionals in Physical Education present in University.

Keywords: Sport. University. Futsal.

LISTA DE FIGURAS

Figura

1	A Pluralidade de Perspectivas das Ciências do Desporto.....	24
2	Diferenças entre estratégia e tática.....	38
3	Traços característicos do jogo de futsal.....	42
4	TGfU: Modelo do ensino de jogos para a compreensão.....	53
5	Modelo Pendular.....	56
6	Cruzamento dos dados revelados no olhar do pesquisador.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadros

1	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativo ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre seu interesse em fazer parte da equipe de futsal da IES.....	75
2	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre os treinamentos anteriores na modalidade.....	78
3	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o apoio da IES no desenvolvimento do desporto na instituição.....	82
4	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre a relação com os colegas de time.....	88
5	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre a relação com o seu treinador atual.....	92
6	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Você acredita que suas expectativas são atendidas nos treinamentos?.....	98
7	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o treinamento atual, como ele acontece, os conteúdos desenvolvidos, aspectos positivos e negativos.....	102
8	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O técnico é aberto ao diálogo durante os treinamentos?.....	109
9	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Como o técnico ensina? O que você pensa sobre isso?.....	111

10	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o trabalho do técnico em amistosos e jogos de competição.....	114
11	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: A IES é caracterizada por cursos na área de Engenharia e Tecnologia. Entretanto, ao investigarmos a história da instituição percebemos que profissionais de EF fizeram parte do quadro de docentes e servidores técnicos-administrativos, desenvolvendo diversas atividades. O que você pensa sobre isso?.....	120
12	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O que você espera das equipes de representação que a IES possui?.....	127
13	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O que você espera que os técnicos desportivos desenvolvam com as equipes de representação da IES?.....	131
14	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Como se deu a implantação do desporto dentro da IES?.....	134
15	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Na sua gestão, como aconteciam os treinamentos?.....	138
16	Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Os atletas se mostravam interessados durante os treinamentos?.....	141

LISTA DE SIGLAS

IES – Instituição de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

FISU – Federação Internacional de Esportes Universitários

ISU – União Internacional dos Estudantes

CBDU – Confederação Brasileira do Desporto Universitário

JUB's – Jogos Universitários Brasileiros

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

EF – Educação Física

JDC – Jogo Desportivo Coletivo

IM – Inteligências Múltiplas

ACM – Associação Cristã de Moços

FIFUSA – Federação Internacional de Futebol de Salão

FIFA – Federação Internacional de Futebol

UEFA – União das Federações Europeias de Futebol

TGfU – *Teaching Games for Understanding*

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

ECH – Expressões-Chave

IC – Ideias Centrais

UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá

IEMI – Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá

IEI – Instituto Eletrotécnico de Itajubá

EFEI – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

CNE – Conselho Nacional de Educação

TCLE – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento

DAIEI – Diretório Acadêmico do Instituto Eletrotécnico de Itajubá

ADE – Associação Desportiva Eletrotécnica

DAEFEI – Diretório Acadêmico da Escola Federal de Itajubá

AAAEFEI – Associação Atlética Acadêmica da Escola Federal de Engenharia de Itajubá

AAAUNIFEI – Associação Atlética Acadêmica da Universidade Federal de Itajubá

SC – Sujeito Coletivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	PROBLEMA.....	17
1.2	OBJETIVOS.....	20
1.2.1	Objetivo Geral.....	20
1.2.2	Objetivos Específicos.....	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1	A EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESPORTO.....	22
2.2	O DESPORTO UNIVERSITÁRIO.....	26
2.3	A PEDAGOGIA DO DESPORTO.....	28
2.4	O JOGO DESPORTIVO COLETIVO.....	31
2.5	AS HABILIDADES TÉCNICAS INERENTES AO JDC.....	34
2.6	O JOGO, A TÁTICA E A INTELIGÊNCIA.....	36
2.7	O FUTSAL.....	40
2.8	O PAPEL DO TREINADOR.....	43
2.9	OS MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS NOS JDC.....	51
2.10	OS MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS NO FUTSAL.....	56
3	MÉTODOS.....	62
3.1	O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	63
3.2	UM ESTUDO DE CASO - O FUTSAL EM UMA UNIVERSIDADE.....	67
3.3	A COLETA DAS INFORMAÇÕES.....	68
3.4	AS ENTREVISTAS.....	69
3.5	ANÁLISE DOCUMENTAL.....	71
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	74
4.1	ENTREVISTAS - JOGADORES.....	74
4.1.1	Pergunta 1 - Interesse em fazer parte da equipe de futsal da IES.....	74
4.1.2	Pergunta 2 - Prática do futsal antes de ingressar na Universidade.....	78
4.1.3	Pergunta 3 - Apoio da IES para desenvolvimento do desporto.....	82
4.1.4	Pergunta 4 - Relação com os colegas de equipe.....	87
4.1.5	Pergunta 5 - Relação com o treinador.....	91
4.1.6	Pergunta 6 - Expectativas dos jogadores.....	97
4.1.7	Pergunta 7 - Treinos desenvolvidos na IES.....	101

4.1.8	Pergunta 8 - Presença do diálogo nos treinamentos.....	108
4.1.9	Pergunta 9 - Trabalho do treinador em amistosos e jogos de competições.....	113
4.2	ENTREVISTAS - GESTORES.....	119
4.2.1	Pergunta 1 - Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso.....	119
4.2.2	Pergunta 2 - Expectativas em relação às equipes de representação da IES....	127
4.2.3	Pergunta 3 - Expectativas em relação ao trabalho dos técnicos desportivos com as equipes de representação.....	130
4.3	ENTREVISTAS - EX-TREINADORES.....	133
4.3.1	Pergunta 1 - Desenvolvimento do desporto na IES.....	134
4.3.2	Pergunta 2 - Treinamentos anteriores desenvolvidos na IES.....	137
4.3.3	Pergunta 3 - Interesses dos jogadores pelo treinamento desportivo.....	141
5	UM CRUZAMENTO DOS DADOS REVELADOS NO OLHAR DO PESQUISADOR.....	143
6	CONCLUSÕES.....	148
	REFERÊNCIAS.....	151
	ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	161

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, vários profissionais da Educação Física têm procurado estabelecer as bases epistemológicas tanto dessa área de conhecimento, como as origens do fenômeno esporte, resultando em diversas pesquisas acadêmicas (MOREIRA e CARBINATTO, 2006). As maiores dificuldades encontradas nesta tarefa referem-se ao caráter transdisciplinar que ambas as áreas envolvem, o que impede, muitas vezes, de revelar os seus reais objetos de estudo. O que não podemos deixar de pontuar é a confusão existente entre a pluralidade que determinados fenômenos se apresentam com a sua dependência epistemológica.

Neste estudo buscamos investigar o desporto no ambiente universitário, mediante a sistematização de ações pedagógicas para o treinamento de equipes de futsal, visando à representação competitiva. Para isso, inicialmente, tornou-se necessário pontuarmos as questões referentes aos termos “desporto” e “esporte” que estão utilizados neste estudo por diferentes autores. Percebemos que ambos os termos são utilizados como sinônimos, mas a escolha por um deles tem explicações diferentes.

Segundo Cunha (2010), a palavra **desporto** tem seu desenvolvimento histórico em dois momentos. É uma adaptação do francês *desport*, forma divergente de *deport* (divertimento, jogo), derivado regressivo do verbo *déporter* (divertir, distrair). Paralelamente a **desporto**, encontramos, no português do século XVI, a forma **deporte**, adaptação do italiano *dipórto*, que já era adaptação do vocábulo francês *deport*. A partir do século XIX, o uso da palavra inglesa *sport* (também derivado do francês *deport*) contribui para o incremento do uso de **desporto** no português europeu. No português do Brasil, preferiu-se a forma inglesa, criando-se a adaptação **esporte**. Na Constituição Federal Brasileira, consta o termo desporto. Corroborando à nossa base epistemológica apoiada na Ciência do Desporto e entendendo que a língua portuguesa possui origem latina, utilizamos em todas as argumentações próprias descritas nessa Dissertação o termo desporto. Entretanto, buscamos manter a ideia dos autores abordados neste estudo, indicando o termo definido e escrito pelos mesmos.

Normalmente, ao pensarmos no desporto, a concepção adotada é como sinônimo de prática de uma modalidade desportiva, quase sempre realizada por pessoas privilegiadas, ou seja, por aquelas que possuem grande desempenho atlético. Embora essa seja a ideia dominante, culturalmente transmitida pelos meios de comunicação, tentamos desmistificá-la, partindo das concepções do fenômeno desporto, o qual se mostra muito mais amplo, segundo estudiosos do assunto.

Percebemos através das publicações existentes, ao longo do tempo, as dificuldades encontradas por diferentes pesquisadores da Educação Física na busca de sua consolidação como área de conhecimento científico, visando conquistar um *status* na sociedade atual. Bracht (2000) demonstra a existência de certa motivação para se elaborar justificativas de origem teórica para a área da Educação Física, tentando trazer cientificidade à área, aproximando-se de outras áreas de conhecimento já reconhecidas pela sociedade (tais como a biologia, a fisiologia, a sociologia, entre outras). Segundo esse autor, o maior problema consiste no fato da maioria dos intelectuais da Educação Física terem se tornado historiadores, sociólogos, teóricos da educação em geral, fisiologistas etc., sendo que poucos contribuíram para teorizar a intervenção na Educação Física em suas várias dimensões (escola, lazer, rendimento, saúde e outras).

A partir de um novo conceito de esporte, difundido recentemente como uma prática de exercício sistematizada, na qual há regularidade, controle e intencionalidade, é possível alargar a concepção atribuída a esse fenômeno. Essa reflexão não tenta negar o conhecimento já produzido em ciências que tratam do esporte, apenas salientamos que os valores por elas disseminados, assim como algumas formas de pensar o esporte não são mais cabíveis na atualidade pela sua insuficiência (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012a). Ao mesmo tempo, analisamos algumas publicações científicas da área e observamos que a maioria delas contempla diferentes campos temáticos, deixando a desejar sobre a sua real contribuição à compreensão do desporto. Assim, propagamos em nossos estudos a compreensão de um desporto como direito humano, que pode ser praticado, estudado, analisado e interpretado como um fenômeno que se alastra na sociedade e ganha uma dimensão ampliada em sua concepção.

Relacionando essas discussões com nossas experiências de vida (anterior e posterior à vida acadêmica), visualizamos a necessidade de mudanças de paradigma em relação à interpretação que se dá ao desporto e à Educação Física. Em nossa visão, é preciso caminhar para uma Ciência do Desporto, analisando-o como um fenômeno maior que a Educação Física. Estudamos o desporto como nosso alvo, nosso foco, nosso campo de estudo e de trabalho, sempre o ressaltando numa ideia mais ampla, deixando de ser interpretado na limitação de práticas de modalidades desportivas. Ou seja, o desporto entendido na sua pluralidade, como foco de atenção em diferentes culturas, envolvendo muitos aspectos que induzem muitas pessoas para sua dependência. O desporto na visão de Bento (2006a, p. 3):

Um construto que se alicerça em um entendimento plural e em um conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador das dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas.

Esse autor sugere o olhar para o desporto com a função de humanização. Caminhando nesse sentido, é possível concluir que, “sem o desporto, o envolvimento cultural dos homens empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões” (BENTO, 2003, p. 14). Dessa forma podemos entender o desporto como sendo a conciliação de aspectos aparentemente contraditórios, mas que se envolvem mutuamente e são pressupostos uns dos outros, como o dever e direito, o trabalho e o jogo, o esforço e o prazer, a dor e a alegria, a restrição e a liberdade, a disciplina e o excesso, a derrota e a vitória, a contenção e a exaltação, a transpiração e a gratificação, o sacrifício e a realização, a concentração e a distração, o cansaço e a satisfação etc. (BENTO, 2013b, p. 23).

A partir dessas reflexões, surge a necessidade de investigarmos as possíveis manifestações do desporto na Universidade. Ao verificarmos as principais bases de dados referentes às pesquisas científicas, encontramos poucos estudos sobre o desporto universitário desenvolvido no nosso país. Diante da nossa experiência profissional, parece-nos que o desporto universitário não cativa os olhos dos pesquisadores como uma vertente interessante do desporto a ser estudada. As Universidades podem oferecer aos seus alunos diferentes atividades, sejam essas voltadas às modalidades de cursos ofertadas como também atividades extracurriculares ou de extensão. Dentro destas, percebemos o desporto como uma das áreas de interesse, com alunos praticando alguma modalidade desportiva, com diferentes finalidades. Compartilhando das ideias de Santana (2005), nas quais o autor faz referência ao esporte e à educação como fenômenos indissociáveis, entendemos o desporto como um facilitador do processo educacional dos indivíduos, contribuindo para a formação humana do aluno. Porém, parece-nos que muitas vezes esse processo educacional é desconsiderado, como demonstram os campeonatos desportivos que existem entre algumas Universidades, em que os valores presentes na origem do desporto, como educação, cidadania, cooperação, ética, podem dar lugar ao “negócio”, à violência, à vitória a qualquer custo, à falta de respeito, à impossibilidade de acesso para todos os alunos, entre muitos outros aspectos considerados negativos. Torna-se necessário ressaltarmos que essas características não são exclusivas do desporto universitário, sendo encontradas em muitas vertentes do desporto desenvolvidas no nosso país.

O desporto universitário, nos moldes como é desenvolvido atualmente em nosso país, instiga muitas inquietações face aos acontecimentos gerados pelos comportamentos inadequados dos estudantes. Temos dificuldade em afirmar quais são as causas que acarretam os problemas relatados anteriormente, entendendo que este estudo pode oferecer dados e propiciar reflexões para defendermos o desporto universitário como atividade importante a ser promovida pelas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

Entendemos que o desporto deveria estar intimamente relacionado com o processo educacional dos indivíduos, mas são raros os indícios que garantem a concretização desse ideal. Bento (2013, p. 36) declara que “é para ensinar e aprender o trato humano que o desporto existe e deve ser perspectivado. [...] no cerne do desporto habita uma pedagogia do trato inter-humano, de aprendizagem, de modos e métodos de o qualificar.”

Diante deste cenário, buscamos compreender como é desenvolvido o desporto dentro de uma Universidade, analisando questões referentes ao papel do treinador na modalidade desportiva Futsal, por ser uma prática que sempre contemplou grande interesse por parte dos alunos, trazendo resultados ao longo dos anos em uma Instituição de Ensino Superior, a ponto de se tornar o principal meio de representação desportiva competitiva no âmbito universitário.

1.1 PROBLEMA

Devido aos problemas verificados em nosso país acerca das dificuldades educacionais, sociais e econômicas, a Universidade pode constituir-se numa forma de buscar um futuro melhor para cada indivíduo. Ela consiste em um espaço de reflexões de todas as áreas do conhecimento com o objetivo de formar profissionalmente os indivíduos que ali frequentam, graduando-os em uma profissão. Com isso, é possível aumentar as chances de se conquistar um trabalho em sua especialidade, e, assim, poder se sustentar.

O desporto é um patrimônio da humanidade, e como tal, integra as atividades desenvolvidas numa Universidade. Sua presença nesse ambiente pode estar pautada na realização de diferentes objetivos individuais, como melhora na saúde, prazer, lazer, rendimento, etc. Nossa experiência profissional no desporto universitário sugere que a preparação de equipes para competições desportivas é umas das possibilidades que atrai a participação dos alunos. Verificamos, ao longo dos anos de trabalho, que muitos desses alunos se dedicavam ao desporto nas escolas, clubes ou outros ambientes de formação desportiva. Ao adentrarem na Universidade, muitos deles procuram vivenciar as diferentes experiências que o desporto proporciona, sendo a competição desportiva um dos mais procurados.

Ao presenciar uma competição universitária podemos verificar que, em algumas vezes, não ficam expressos os valores abordados neste estudo referentes ao desporto, segundo nossa interpretação dessa prática. Parece-nos que o ambiente inicialmente saudável, alegre entre estudantes, é substituído pela desorganização, falta de educação, com manifestações de rivalidades que ultrapassam o verdadeiro conceito do desporto. Além disso, é possível destacarmos a dualidade que existe entre as Universidades públicas e as privadas em relação

aos objetivos pretendidos com a prática desportiva. Os estudantes de Universidades públicas representam-nas em competições por meio de atividades extracurriculares, as quais nem sempre são valorizadas pela própria instituição. Já os estudantes das IES particulares que demonstram talento em alguma modalidade esportiva chegam até a receber auxílios em forma de bolsas, para ingressarem e assim representarem aquela instituição. O objetivo, nesse caso é conseguir destaque no cenário educacional, tendo o desporto como veículo para isso.

Historicamente, tivemos um período em que as aulas de Educação Física eram obrigatórias na Educação Superior. Como o desporto está intimamente ligado à Educação Física, essa determinação poderia contribuir para incentivar a presença do desporto na Universidade, mas não foi isso que observaram autores desse período. Segundo Mariz de Oliveira (1988), a Educação Física começou a ser componente curricular de qualquer curso de graduação do ensino superior a partir de 1971. Nas aulas, a preparação física era o principal foco de desenvolvimento. Gebara (1988) questiona se, desta forma, se prepararia uma reserva para o Governo Militar ou apenas consistia em um modo para desmobilizar o movimento estudantil. De qualquer forma, torna-se nítido que a Educação Física desenvolvida não se baseava em conceitos de educação, autonomia, e recebia muitas críticas. Atualmente, essa disciplina não faz mais parte do currículo como componente obrigatório dos cursos universitários.

As diretrizes atuais do Ministério da Educação (MEC) nada mencionam em relação à presença da Educação Física no Ensino Superior. O artigo 26, §3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) define a Educação Física como componente curricular da Educação Básica cuja oferta deverá estar integrada à proposta pedagógica da Escola, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos. Portanto, cabe, às Instituições de Ensino Superior, conforme disposto no art. 47, § 1º “informarem aos interessados, antes de cada período letivo os programas dos cursos e demais componentes curriculares que oferecerão”. Dessa maneira, a Universidade sendo um ambiente de formação educacional, poderia oferecer o desporto como uma oportunidade a mais para estimular esse processo.

Ao investigarmos como isso se dá em uma IES específica, conforme o estudo de caso de nossa pesquisa identificamos que a prática desportiva sempre esteve presente ao longo de sua história, como uma atividade estudantil. A Educação Física fez parte da estrutura curricular dos cursos de graduação enquanto foi considerada como requisito obrigatório. Talvez por conta dessa realidade que encontramos nessa IES a prática do desporto, especificamente em sua vertente competitiva, em todas as gestões da Associação Atlética Acadêmica dessa instituição.

Esse é um órgão de representação dos estudantes que atua na promoção e participação em eventos desportivos competitivos na região, em parceria com a direção da IES.

Dentre as modalidades praticadas, há um grande interesse pelas modalidades coletivas, principalmente aquelas desenvolvidas em quadra, tais como voleibol, basquetebol, handebol e futsal. Essa questão se dá pela facilidade de se ter um treinamento dessas modalidades, em função do maior número de competições desportivas, e também pelo trabalho em grupo.

Conforme exposto anteriormente, compreendemos uma prática desportiva sistematizada como um processo educativo, induzindo o treinador a desenvolver estratégias que possam se pautar em ações pedagógicas que transcendam a prática pela prática. Para tanto, é preciso que este leve em consideração os valores presentes não só num treinamento como na vida fora do desporto, de cada indivíduo, como respeito, cooperação, responsabilidade, iniciativa, união, *fair play*, entre outros.

Se fizermos um paralelo com o mundo empresarial atual, responsável pela maior captação profissional dentro das Universidades, podemos observar que as empresas cobram de seus funcionários atitudes positivas no trabalho em grupo, além de ações empreendedoras. Alguns desses aspectos podem fazer parte dos momentos de treinamento desportivo, como ter iniciativa, visão, coragem, firmeza, decisão, atitude de respeito humano, capacidade de organização e direção, entre outras. Isso mostra a grande proximidade existente entre as necessidades exigidas pelo mercado de trabalho com valores e capacidades formativas que podem ser estimulados e desenvolvidos no ambiente desportivo sistematizado.

Mas, isso só poderá acontecer se a Universidade estimular a promoção de um ambiente multivariado, que caminhe para a real ideia de universalidade da formação do graduando. É nesse ambiente que o desporto pode ser um excelente meio de representação simbólica da vida, contribuindo para a profissionalização dos acadêmicos, possibilitando que ao ingressarem numa Universidade, estejam mais preparados para os desafios da vida. O desporto pode consistir em um ambiente de estimulação da formação humana, mediante as experiências que ele promove, as quais vão muito além de um simples exercício corporal.

Podemos citar como modelo de desenvolvimento do desporto universitário o americano, por ter uma das melhores estruturas do mundo. Lá, muitos atletas, ao frequentarem um curso universitário, vivenciam o momento de transição do desporto amador para o profissional. Há maior valorização da sociedade americana à prática desportiva na Universidade porque existe um conagraçamento das obrigações voltadas à formação em uma profissão, um crescimento no desempenho do atleta, um amadurecimento diante dos problemas a serem enfrentados na idade adulta. Além disso, verificamos grande quantidade de campeonatos desportivos que exigem

disciplina, favorecendo posturas adequadas para não serem expulsos das concorridas equipes representativas. É claro que um modelo não pode ser simplesmente copiado, pois cada país possui suas características, mas mesmo assim, está muito distante do que temos encontrado em nossa trajetória profissional.

No Brasil, o tempo livre destinado à prática e treinamento de uma modalidade desportiva na Universidade não é o ideal, pois consiste apenas em algumas sessões de treinamento ao longo das semanas. Isso ocorre pela falta de um planejamento das atividades universitárias que poderiam incluir a prática desportiva. Além disso, a experiência obtida anteriormente à entrada na Universidade, como também a diferença de faixa etária dos praticantes não seguem um padrão, tornando-se um ambiente multivariado que dificulta o planejamento de estratégias e ações pedagógicas a serem desenvolvidas pelo treinador.

Pelo fato de não sabermos quais são os princípios que determinam o trabalho do treinador, em que se baseiam suas estratégias, se prioriza questões de atitudes e valores positivos, ou seja, por não compreendermos se sua prática vai além do desempenho desportivo, é que identificamos o problema desse estudo. Assim, torna-se objetivo de nossa pesquisa verificar o papel do treinador desportivo como mediador do processo de ensino e treinamento desportivo, mediante a construção de reflexões a partir da Pedagogia do Desporto. E ainda, verificar como pensam os atletas sobre esse treinamento, quais aspectos valorizam, e como interpretam a vivência desses momentos em suas trajetórias profissionais.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo consiste em investigar o desporto no ambiente universitário e sua relação com o papel do treinador como mediador do processo de ensino e aprendizagem da modalidade futsal, como meio de representação universitária competitiva.

1.2.1 Objetivos Específicos

O presente estudo contempla os seguintes objetivos específicos:

1. investigar como os sujeitos entrevistados percebem o desporto dentro da Universidade a ser analisada verificando questões relacionadas com o desenvolvimento do desporto, estratégias utilizadas para sua promoção, ações pedagógicas realizadas, entre outros aspectos.

2. investigar como os atletas nas equipes competitivas de futsal (masculino e feminino) avaliam seus interesses na modalidade, como aconteciam os treinamentos anteriores, relação com os colegas atuais, aspectos positivos e negativos presentes nas ações pedagógicas e estratégias utilizadas pelo treinador atual (no caso, o próprio pesquisador).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESPORTO

Segundo Tubino (2002), as áreas da Educação Física e do Esporte foram marcadas, ao longo do tempo, por proposições que buscavam caracterizar epistemologicamente as teorias de ambas as áreas, ou seja, visava identificar o objeto de estudo, e com essas ações, encontrar um ponto comum de discussão. Destacamos aqui algumas dessas tentativas de caracterização: a Teoria Pedagógica de Ommo Gruppe, a Teoria Crítico-Marxista de Jean-Marie Brohn, a Teoria Psicocinética de Jean Le Boulch, a Teoria Antropológica-Cultural do Esporte e da Educação Física de José Maria Cagigal, a Teoria Praxeológica de Pierre Parlebas, a Ciência da Motricidade Humana de Manuel Sergio e a Ciência do Esporte de Herbert Haag.

Diante de todas as discussões aqui apresentadas anteriormente, entendemo-nos como profissionais do desporto. Assim, temos necessidade de indagar sobre a importância que esse fenômeno tem na sociedade atual. Quais seriam os fatores que o levam a possuir muita atenção das pessoas? Por que muitas pessoas param para assistir à Copa do Mundo ou aos Jogos Olímpicos? Por que nos emocionamos ao ver um compatriota, ou mesmo um atleta de outro país, ganhar uma medalha de ouro? Por que será que nos envolvemos com o desporto?

Segundo Bento (2006a), o desporto consiste:

Em um campo de objetivação da vida e do homem, um espelho onde o homem reflete todas as suas forças e fraquezas, suas virtudes e seus defeitos, suas dignidades e indignidades, suas coragens e medos. Um serviço da arte de viver, visando emprestar à vida um sentido marcado pela consonância entre o exterior e o interior, entre a aparência e a essência, entre o aprimoramento corporal e o cultivo e a elevação da alma (BENTO, 2006a, p. 9).

Talvez, por esses motivos, encontramos no desporto possibilidades de expressão, características que nos definem como humanos. São momentos em que expomos nosso pensamento, em que nos relacionamos com os outros, e colocamos nossos valores em prática, nossas ideias, entendimentos e raciocínios. Muitas vezes, por meio do desporto, não temos medo de dizer que queremos ser mais, de mostrar que buscamos ser mais, pois esse sentimento e ação não ferem meu “oponente”. Ele também quer o mesmo, e assim, podemos nos entender nesse processo de vivências prazerosas da vida humana.

Ao longo do tempo, as discussões em relação ao desporto buscavam interpretar cientificamente os seus diversos significados (GAYA, 2001). A ciência moderna, cartesiana, buscou explicar as inquietações mediante uma visão racional dos fatos, reducionista, desprezando aspectos como a complexidade dos fenômenos, a sensibilidade dos indivíduos,

entre outros. Segundo Lovisolo (1995), se fosse possível conhecer cientificamente o esporte, ele seria reduzido aos seus elementos mais simples e aos processos básicos. Para Gaya (2001), por meio desse tipo de análise, teríamos a possibilidade de reconstituir o esporte numa visão reducionista, desprezando o caráter aleatório e imprevisível que está presente na prática esportiva, sendo a complexidade o próprio jogo. Ao fazer esse exercício, deixaríamos de lado o que é mais importante no desporto, que é a sua essência, sua natureza. Para o autor, não pode ser por esta via que poderemos aprender o desporto em sua complexidade e pluralidade de sentidos (GAYA, 2001, p. 81). Ao considerar o desporto como fenômeno plural, é preciso conscientizar-se da sua complexidade, nos inúmeros aspectos envolvidos e que, cada indivíduo atribui a ele significados diferentes.

Diante desta complexidade, a Ciência do Esporte de Haag (1994), distinguiu sete campos teóricos: Medicina do Esporte, Biomecânica Aplicada ao Esporte, Psicologia do Esporte, Pedagogia do Esporte, Sociologia do Esporte, História do Esporte e Filosofia do Esporte. Com o passar dos anos, foram acrescentados a Ciência da Informação e Esporte, Ciência Política e Esporte, Ciência Jurídica e Esporte, Teoria das Facilidades para o Esporte e Economia e Esporte. Segundo Gaya (2006), as Ciências do Desporto envolvem uma pluralidade de perspectivas (Figura 1). Segundo o autor, a Ciência do Desporto poderia ser definida como:

Um conjunto de ações restritas às manifestações dos corpos esportivos com o compromisso de analisar, interpretar, propor teorias científicas relacionadas com o ensino, o treino, a saúde, o lazer e, compreendê-las à luz dos sentidos e valores, das condições e possibilidades, das normas e razões da educação e formação (GAYA, 2006, p. 3).



Figura 1 - A Pluralidade de Perspectivas das Ciências do Desporto (GAYA, 2006).

Tani (1996) afirma que os estudos em Ciência do Esporte no Brasil iniciaram-se de forma muito incipiente, mediante iniciativas individuais de professores de Universidades brasileiras (naquela época as maiores e mais importantes). Diante da riqueza do campo de análise, verificamos um aumento significativo de estudos nessa área, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Atualmente, autores como Jorge Olimpio Bento, possuem grande destaque mundial em relação à defesa do desporto como fenômeno plural.

A Ciência do Desporto envolve uma pluralidade, diversidade e complexidade de perspectivas e olhares de problemáticas e temas, de conceitos e conhecimentos, de sensibilidades e lógicas, de razões e metodologias científicas. Embora todas as disciplinas científicas se envolvam com o mesmo fenômeno, cada uma delas observa o desporto com saberes, instrumentos, ideais e intenções particulares (BENTO, 2006b). Ao elegermos o desporto como objeto de estudo da Ciência do Desporto, nós, profissionais da área, devemos desvendar o significado do desporto para seus praticantes, e ainda, saber como organizar tal prática para que sejam realizados os valores humanos pretendidos (BENTO, 1999). Ao ampliar a visão sobre o desporto, percebemos que mediante uma prática desportiva educativa, contribuimos para a formação integral e crítica do ser humano, estimulando aspectos, tais como a cooperação, participação, solidariedade, criatividade, entre outros. No desporto, os indivíduos podem se relacionar de forma mais humanista, por meio do desenvolvimento das potencialidades próprias do ser humano, como inteligência, sentido social, consciência social, patriotismo e espírito crítico.

Segundo Gaya (2001), o desenvolvimento do desporto como fenômeno plural, auxilia na superação do significado único, hegemônico do desporto como prática restrita à sua expressão de alto rendimento. Com isso, a compreensão sobre o desporto, atualmente, torna-se muito mais adequada.

Avançar neste caminho, buscando o desenvolvimento do desporto como cultura (humana), construindo um ambiente de promoção de práticas envolvendo os valores humanos, deve se tornar um compromisso de todos nós, profissionais do Desporto e da Educação Física. Será que todos os profissionais dessas áreas estão prontos para este desafio, dispostos a contribuir para essa mudança?

Muitos profissionais da área da Educação Física defenderam, no passado, o desporto como algo que não deveria fazer parte do currículo escolar do aluno. Estes mesmos profissionais defendiam que a competição era extremamente prejudicial à formação dos alunos, justificando isso com inúmeras teorias atualmente ultrapassadas. Como qualquer atividade, ela por si só não é boa ou ruim. Os valores agregados vão depender daquilo que fizermos dela. Segundo Gaya e Gaya (2013, p. 50) não é o esporte que ensina as crianças a competirem entre si, mas são as crianças que podem encontrar no esporte um momento para “praticá-la de forma regrada, cooperativa, solidária, com altivez e elevado padrão moral”. Kami (1991) escreve a respeito do equívoco em comparar a competição esportiva com, por exemplo, a competição socioeconômica. A autora traz que os efeitos da vitória e da derrota no esporte perduram por determinado período de tempo e não pela eliminação total do oponente; no esporte, aqueles que “burlam” as regras, que não jogam honestamente, são excluídos pelo grupo, enquanto no mundo capitalista atual não existem regras, formas de disputa de mercado, não se pode começar o desenvolvimento ao mesmo tempo, no mesmo lugar. Bento (2013b) aborda o competir com outros indivíduos sob uma ótica interessante. Para o autor:

A alteridade e o Outro são a trave-mestra do desporto. É da afinidade e contiguidade do Outro que ele trata, porquanto o desporto é essencialmente uma instituição dependente do Outro, da maneira de o olhar, encarar e apreciar. É uma forma de relacionamento com o Outro. Sem o Outro, ele não existiria, tal como não existiriam a vida, a sociedade e a civilização. Logo o Outro é um valor, uma entidade valiosa e portadora de alta cotação, digna, portanto, de apreço, de consideração, de respeito. E também de gratidão, porque muito do que somos vem-nos do Outro, da sua antagonista cooperação, da sua desafiante e cooperante oposição, da sua convergente *com-petição*, das suas diferenças que são um traço de completude e união. Por isso mesmo a competição cumpre uma função de cooperação (BENTO, 2013, p. 34).

Nista-Piccolo e Moreira (2012a) apontam que a prática esportiva que exige rendimento deve ser um direito dos corpos praticantes e, portanto, isso nos leva a um redimensionamento do valor rendimento. Para esses autores, os profissionais que atuam nessas áreas devem ter o

compromisso de disseminar conhecimentos sobre o fenômeno cultural e social “esporte”, de oferecer vivências do mundo esportivo que permitam a existencialidade da corporeidade, executando movimentos da luta, da dança, da ginástica e outros componentes da história da Educação Física/Esporte. Para isso, nos baseamos nos constructos da Pedagogia do Desporto para nortear esse estudo, voltado às práticas desportivas no âmbito universitário.

2.2 O DESPORTO UNIVERSITÁRIO

As primeiras informações a respeito de competições entre colégios datam de 1805, quando aconteceu uma partida de críquete entre escolas inglesas (McINTOSH, 1975). A primeira competição entre Universidades foi uma prova de remo em 1829, pelas renomadas Universidades de Oxford (Oxford, Inglaterra) e Cambridge (Cambridge, Inglaterra). A partir da formação das primeiras associações desportivas universitárias (por volta de 1905, em países como Estados Unidos e Alemanha) foi criada a Federação Internacional de Esportes Universitários (FISU), em 1949 (entretanto, os primeiros jogos estudantis foram realizados em 1923). Os jogos mundiais universitários aconteciam a cada dois anos, sendo interrompidos somente pela Segunda Guerra Mundial. Em 1950, foi criada a União Internacional dos Estudantes (ISU). A partir dessa criação, houve uma divisão no desporto universitário, com eventos sendo organizados tanto pela ISU quanto pela FISU, porém, uma entidade não apoiava o evento da outra. A partir de 1957, ambas as entidades concordam em participar dos mesmos eventos e o desporto universitário assim ganha força.

Com o crescimento do desporto universitário em nível mundial, a FISU organiza os campeonatos mundiais desde 1960, até os dias de hoje. O principal evento desse nível de competição é a *Universiade*, que acontece a cada dois anos, nas modalidades de verão e inverno (inspirada nos Jogos Olímpicos). Em 2019, a *Universiade* de verão acontecerá no Brasil, em Brasília/DF. Segundo a FISU (2013), os principais objetivos a serem alcançados pela organização das competições universitárias são: certificar-se da qualidade de seus eventos desportivos dando credibilidade aos seus filiados; desenvolver sua reputação afirmando-se com as Universidades e outros círculos esportivos, aumentando sua credibilidade; desenvolver as federações nacionais existentes nos diferentes países; contribuir mediante a realização de estudos, fortificando as relações entre Universidades, os eventos desportivos e os estudantes que deles participam; aproximar mídias e instituições para obter novos meios de financiamento do desporto universitário e desenvolver um programa de desenvolvimento desportivo

educacional, estabelecendo um conjunto de normas morais, em congruência com a evolução do desporto e da educação atual desenvolvida ao redor do mundo.

Especificamente sobre o desporto universitário no Brasil, verificamos a criação da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), fundada em 1939 e oficializada em 1941. A CBDU é a entidade de administração do desporto universitário brasileiro, responsável pela gestão e organização das competições e eventos desportivos entre universitários de todo país. Segundo a CBDU (2013), seu objetivo é estruturar o desporto para os estudantes universitários e sensibilizar as autoridades para o desenvolvimento e a melhoria da prática desportiva no âmbito das Instituições de Ensino Superior. A filosofia da CBDU está baseada nas noções de amizade, fraternidade, perseverança, integridade, cooperação, esforço e esporte limpo. A intenção é estimular os jovens a conquistarem, por meio dos valores morais, êxito na vida acadêmica e na carreira esportiva. Com este espírito, a CBDU organiza competições e eventos nacionais e participa, representando o Brasil, dos campeonatos internacionais realizados pela FISU. Dessa forma, a CBDU viabiliza a atuação dos melhores alunos-atletas no nível mais alto do desporto mundial.

O principal evento organizado pela CBDU são os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), congregando mais de três mil jovens alunos-atletas em sua fase nacional. Oito modalidades compõem o programa dos JUB's: atletismo, natação, judô, xadrez, futsal, handebol, voleibol e basquetebol. O formato atual dos JUB's é fruto da parceria entre CBDU, Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Ministério do Esporte e Organizações Globo iniciada no ano de 2005. Estudantes universitários e Instituições de Ensino Superior (IES) de todo país podem participar das competições da CBDU e as inscrições devem ser efetuadas pelas Federações Universitárias Estaduais. Segundo a CBDU, as competições esportivas que ela promove, permitem e motivam a continuidade dos programas desportivos nas Instituições de Ensino Superior, estreitando cada vez mais o contato entre os segmentos ligados ao Desporto Educacional e aos meios: político, acadêmico e esportivo.

Entendemos que o desporto universitário no Brasil apresenta inúmeras contradições. Acreditamos que um dos principais problemas refere-se ao fato de não termos clareza em relação aos objetivos pretendidos com a sua promoção. Baseando-se na nossa experiência profissional (inclusive com a participação em algumas edições dos Jogos Universitários Brasileiros), percebemos que os melhores atletas universitários estão em instituições particulares e, na maioria das vezes, esses atletas já são profissionais. Ao atingir o profissionalismo, este atleta não pode representar uma IES, já que o desporto profissional não consiste em um objetivo das Universidades brasileiras, devendo ser desenvolvido pelos clubes.

Vislumbrando um ambiente eficaz para desenvolvimento do desporto no Brasil, entendemos que este deveria ser apresentado como tema relevante pelos professores de EF da Educação Básica. Sendo o desporto um patrimônio da humanidade, criação do homem, ele não deve ser excluído das etapas de formação escolar. Lembramos das dificuldades dessas ações acontecerem, principalmente pelo fato de muitos profissionais da Educação Física terem tratado o desporto como pecado, algo proibido e prejudicial, sendo, por essa razão, uma prática não estimulada nas escolas brasileiras. A partir do desporto escolar, a Universidade poderia se constituir em uma nova etapa no desenvolvimento desportivo, relacionando-se o desporto como conquista humana, com o sentido do ser humano, de “ser mais, de conquistar, de buscar superação de limites, de transcender” (NISTA-PICCOLO E MOREIRA, 2012b, p. 15). Para isso, torna-se fundamental que os profissionais do desporto tenham como fundamentação norteadora a Pedagogia do Desporto.

2.3 A PEDAGOGIA DO DESPORTO

Entendemos que a pedagogia trata das questões de ensino e aprendizagem que foram produzidas pela humanidade ao longo de sua história. Segundo Bento (2006b), a pedagogia se interessa pelo conhecimento historicamente produzido pelo sujeito, ao longo de sua existência. Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 601) trazem que:

A pedagogia analisa, interpreta e compreende a problemática educativa, para solucionar diretrizes no presente, que sejam orientadoras da ação educativa, projetando no futuro ingredientes para a configuração da atividade humana, pela prática educativa concreta, em busca de um ideal pedagógico capaz de realizar nos sujeitos a formação humana, por meio de saberes e modos de ação sistematizados e organizados culturalmente.

Reverdito, Scaglia e Paes (2013, p.31) afirmam que a Pedagogia do Esporte busca “investigar e intervir na prática esportiva, de modo a garantir que o sujeito possa apropriar-se do fenômeno esportivo, tão logo, implicando na responsabilidade da educabilidade do sujeito”. Assim, a Pedagogia do Desporto se interessa pelas práticas desportivas corporais, pois o desporto é uma criação do homem, que surgiu e se desenvolveu simultaneamente com a civilização. Atualmente, diante do aumento da produção de estudos e melhora na qualidade dos mesmos, a Pedagogia do Desporto ocupa destaque na Ciência do Desporto.

Para Reverdito, Scaglia e Paes (2013), apesar dos avanços alcançados na concepção da Pedagogia do Esporte, existem obstáculos que ainda precisam ser superados. Dentre os principais, os autores ressaltam as “ideias instrumentalistas e inatistas”, privilegiando somente

as práticas esportivas aos indivíduos talentosos, e assim, reduzindo o papel do professor/treinador a um caçador de talentos, deixando de acreditar na possibilidade de um aluno aprender a praticar um esporte que lhe é ensinado. Ressaltam também a incoerência entre o que o professor ensina e como ele ensina, contribuindo assim para o distanciamento entre a teoria e a prática, como também a ausência de estudos relacionados com as implicações pedagógicas que envolvem a prática esportiva.

Segundo Galatti (2008), o esporte é recomendado para tudo e para nada, como se na sua prática emergisse espontaneamente tudo o que há de mais positivo. Obviamente que não concordamos com essa ideia, já que como em qualquer fato ou ação relacionados às nossas vidas, podemos ser estimulados com valores com sinais positivos ou negativos, ou seja, entendemos que a prática do desporto apresentará consequências positivas ou negativas como resultado daquilo que fizermos nela (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

A Pedagogia do Desporto está ligada ao processo educacional dos indivíduos, tendo no desporto o seu caminho para isso. Bento (1999) afirma que educar é mudar e modificar; mudar e adquirir novos modos para ser, para ser mais e melhor, para crescer como pessoa. Ao se referir à Pedagogia do Desporto, Bento (1999, p. 29) traz que:

A Pedagogia do Desporto vai muito além da busca por vitórias no campo desportivo, até porque, a vitória, uma vez consumada, deixa logo de o ser; aponta para tarefas novas e superiores. Além de que o desporto, mais do que celebrar o que em nós abunda, evoca aquilo que em nós falta. Por isso emergem nele o homem alto e o homem baixo, o homem sonhador e o homem vulgar, o homem grande e o homem pequeno.

Segundo Galatti (2006), cabe à Pedagogia do Esporte, no trato com modalidades coletivas (foco deste estudo), organizar, sistematizar, aplicar e avaliar procedimentos pedagógicos a fim de buscar o desenvolvimento de jogadores inteligentes, capazes de lidar com os problemas do jogo; e cooperativos (exigência do jogo coletivo) estimulando a transcendência dos conteúdos e atitudes tomadas na quadra para além desta, mediante um processo educacional para e pelo esporte. Nesse mesmo sentido, comungamos com os ensinamentos de Freire (2000), em que nós, enquanto professores, devemos investir para o desenvolvimento da Pedagogia do Esporte, auxiliando na produção de pesquisas pautadas na importância da ação pedagógica do professor, educando os indivíduos no e pelo esporte.

Entendemos que o professor deve-se pautar desses princípios, adotando procedimentos pedagógicos que possam ampliar os valores educacionais e de formação, sustentados em uma ação consciente de sua função e personalidade pedagógica. Diante desse olhar, o profissional de Educação Física precisa se constituir num pedagogo do desporto, pois é necessário ter

competência para ler e interpretar pedagogicamente as situações e circunstâncias que o desporto proporciona. E, assim, poder contribuir com os processos de aprendizagem, vivenciados na prática desportiva, os quais são marcados pela intencionalidade do desenvolvimento e formação dos indivíduos (BENTO, 2006a). Um pedagogo do desporto deve refletir acerca do sentido do desporto como prática de formação e educação, da realização e da condição humana (BENTO, 2006b).

Segundo Santana (2005), o esporte e a educação constituem-se em fenômenos indissociáveis. Para ele, a Educação Física brasileira não tem se preocupado em educar as pessoas, considerando sua complexidade e a dos fenômenos sociais. Segundo esse autor, os pedagogos do esporte atuais educam, baseando-se em um pensamento reducionista, desprezando dimensões sensíveis, tais como: a moralidade, a afetividade, a sociabilidade e privilegiam a dimensão racional (avaliação e treinamento), elegendo um modelo de atleta ideal a ser (*per*)seguido. Dessa forma, compartilham da preocupação mercadológica da revelação de talentos, e apresenta uma tendência à especialização esportiva precoce, selecionando crianças para a prática do esporte a fim de compor equipes de competição, por meio da reprodução de modelos extraídos de eventos competitivos do Esporte profissional, tendo a competição como o principal referencial de avaliação.

O desporto deve proporcionar uma prática que seja inclusiva e não excludente. Deve possibilitar a todos a sua prática e aprendizado. Santana (2005) indica que os pedagogos do esporte deveriam se preocupar em cultivar um modo de pensar e agir mais comprometido com a condição humana (das pessoas), permitindo a não exclusão do desenvolvimento das capacidades e habilidades.

Existem alguns princípios que são considerados importantes pelo referido autor, atribuindo diretrizes para a atuação do pedagogo do esporte. Entre elas, podemos destacar: tratar pedagogicamente a competição, buscar o equilíbrio entre o racional e o sensível; investir em aulas que reconheçam as diferenças entre os iguais; utilizar métodos de ensino comprometidos com a participação e a construção da autonomia; valer-se de uma pedagogia sedutora (lúdica); capacitar (educação de habilidades e desenvolvimento de capacidades) e formar (educação da atitude) (SANTANA, 2005, p. 4).

Segundo Paes (2001) e Balbino (2001; 2005), a Pedagogia do Esporte tem como objetivo transcender a simples repetição de movimentos, permitindo uma iniciação e formação esportiva consciente, crítica e reflexiva, fundamentada sobre os pilares da diversidade, inclusão, cooperação e autonomia, sustentando sua prática pedagógica em princípios filosóficos voltados para a aprendizagem social. Nessa perspectiva, as ações pedagógicas desenvolvidas pelo

professor devem basear-se no indivíduo que joga e não no jogo em si. Assim, compreendemos o indivíduo a partir de suas potencialidades na dimensão de sua totalidade. O ponto de partida para reconhecer essas potencialidades está na forma de ver o outro, de perceber o potencial das pessoas nas práticas pedagógicas. Há uma teoria que se pauta nesses princípios, apresentada por Howard Gardner, que é a teoria das inteligências múltiplas, a serem melhor abordadas mais à frente. Antes de compreender essa teoria é preciso identificar aspectos importantes do jogo a que nos referimos.

2.4 O JOGO DESPORTIVO COLETIVO

De modo geral, verificamos que o desporto coletivo possui maior difusão na sociedade atual. Nos principais ambientes que podem ocorrer essa prática, tais como: escolas, clubes, Universidades e praças desportivas, acontecem as modalidades coletivas as quais chamam mais a atenção dos praticantes e dos espectadores. Para Teodorescu (1984), a difusão do desporto coletivo pela sociedade se deve ao fato da sua prática acumular as influências e efeitos positivos do desporto e do exercício físico, junto às influências e os efeitos educativos do jogo. Graça (2013) escreve que os jogos desportivos coletivos representam um espaço privilegiado para aprender a trabalhar em equipe, em coordenar esforços conjuntos para atingir um objetivo comum, mediante a comunicação, a organização, o apoio mútuo.

Nesse estudo, trabalhamos com a terminologia do Jogo Desportivo Coletivo (JDC), acreditando ser a melhor definição dessa temática. Teodorescu (1984) mostra que os JDC vão além de exercícios, sendo que consistem em um microsistema social, que acontece dentro de um plano físico de ações conjuntas, na condução do objeto de jogo (bola) em direção a um alvo determinado. A qualidade da interação entre os companheiros de uma mesma equipe se opõe a outro sistema de interação de adversários, em ação conjunta para formar a ideia de jogo, em relação não hostil, buscando a vitória desportiva. Teodorescu (1984) aborda fatores característicos deste como a predominância da aciclicidade técnica, por solicitações e efeitos cumulativos (globais e não seletivos); morfológico-funcionais e motores e por uma intensa participação psíquica.

Comungando com as ideias apresentadas sobre o desporto, em defesa da humanização dos indivíduos, estimulando valores éticos e morais, Bento (2013a) esclarece que o jogo desportivo se trata de uma rara oportunidade de o homem

Reencontrar e assumir a variedade e naturalidade de acepções do Ser humano. O jogo desportivo socializa na vitória e na derrota. É uma acção renovadora e enriquecedora, porque permite experimentar acções sem as conseqüências que teriam num acto sério; permite acumular respostas de tipo novo dificilmente atingíveis de outro modo e abordar problemas que normalmente ficariam por tratar. O jogo altera e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu pode ser em breve o vencedor; quem ganha hoje pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre (BENTO, 2013a, p. 77).

Diante disso, podemos relacionar como JDC o futebol, o futsal, o basquetebol, o voleibol, o handebol, entre outros. Estes jogos possuem características semelhantes. Para Teodorescu (1984), as principais características consistem na existência de um objeto de jogo (bola); disputa complexa (individual e coletiva, correlacionadas); regras de jogo; presença obrigatória da arbitragem; limitação da duração do jogo (tempo ou objetivo); estandardização do inventário do jogo e das dimensões do terreno de jogo; existência de técnicas e táticas específicas; caráter organizado das competições; organização da atividade nacional e internacional; existência de teorias e práticas respeitantes à técnica, tática, treino e suas metodologias e existência do espetáculo esportivo.

Autores como Garganta (1996, 2002); Garganta e Oliveira (1996) e Garganta, Cunha e Silva (2000) enfatizam que o ambiente dos jogos desportivos coletivos apresenta uma grande complexidade. Neles acontecem simultaneamente momentos de aleatoriedade e imprevisibilidade, equilíbrio e desequilíbrio, ordem e desordem, organização e interação.

Destacamos ainda que em muitos momentos de aprendizagem, os professores adotam ações pedagógicas reducionistas, que excluem a lógica e a imprevisibilidade do jogo, descaracterizando sua própria funcionalidade (REVERDITO; SCAGLIA, 2007). Esses momentos são caracterizados principalmente por ações que buscam o ensino dos jogos pela aprendizagem dos gestos técnicos da modalidade. Assim, espera-se que o jogador, ao dominar todos os gestos técnicos da modalidade consiga um bom desempenho no jogo. Nessa abordagem, despreza-se o jogar, aspecto fundamental do ensino e o treinamento dos jogos desportivos coletivos. Salientamos a necessidade de se definir um método de trabalho, de uma proposta pedagógica que esteja fundamentada em teorias metodológicas que privilegiam o jogar, e que por meio dessa atividade seja possível ensinar e desenvolver os principais aspectos do jogo, como as habilidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas, entre outras.

Segundo autores como Teodorescu (1984) e Scaglia (2003), o jogo e o esporte se confundem um no outro, pois ambos possuem a mesma natureza. Assim, devemos criar estratégias para ensinar os desportos coletivos de modo que sejam baseadas na sua forma primária de jogo, orientadas sobre o ato de jogar na sua forma dinâmica. Vale destacar que esse

“jogar” a que nos referimos, necessariamente não envolve somente o jogo formal, mas situações variadas em que o ato de jogar esteja presente, como jogos reduzidos e situações de jogo.

Comungamos com os conceitos trazidos por Garganta e Gréhaigne (1999), que destacam que o mais importante no jogo é o jogador gerir a “desordem” do jogo. Essa desordem é gerada mediante a presença do adversário, que sempre apresenta ações imprevisíveis. Sendo o jogo dinâmico e aleatório, o jogador precisa “enxergar” as possibilidades que o jogo apresenta, lidando com as situações de “como” e “quando fazer”. Para isso, entendemos que o desenvolvimento dos princípios operacionais que regem o jogo é fundamental. Ainda, segundo os autores, uma proposta metodológica que privilegia o domínio dessa desordem do jogo é compreendida como fonte geradora de progresso. Assim, o problema gerado no jogo (situação), pode levar o jogador a um recriar que seja capaz de estabelecer uma nova ordem, conseguindo assim, promover o aprendizado. Para Scaglia (2003, p. 81), “a desordem pode ser vista como um problema gerado pelo e no jogo (jogar o jogo). Essa desordem levará a construção criativa de uma nova ordem. A desorganização é sempre acoplada à ideia de reorganização”.

Entendemos que essa é a função do treinador, ao mediar o processo de ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. Segundo Garganta (1996; 1998; 2002), nós, profissionais do desporto, devemos difundir os conhecimentos obtidos na formação acadêmica, identificando os aspectos indicadores da qualidade do jogo apresentada pelos jogadores. A partir dessa identificação, o treinador deve intervir com diferentes ações pedagógicas, buscando a melhora na qualidade do jogo jogado. Para Garganta (1996, p. 77)

Impõe-se assim que se identifiquem os problemas mais pertinentes do jogo elementar e os indicadores de qualidade do jogo de elevado nível, deles devendo decorrer a sistematização dos conteúdos, a definição dos objetivos e a seleção dos exercícios para ensinar e treinar essa modalidade desportiva.

Quando aplicamos modificações e variações aos elementos estruturais do jogo, podemos alterar consideravelmente toda a organização da unidade complexa do jogo. No plano cognitivo sobre a conjuntura estratégica e tática, o aluno terá de buscar por uma série de elaborações capazes de vencer as adversidades e os problemas, alcançando os objetivos do jogo. Isso também acontece com o plano motor, na adaptação e execução das ações (SCAGLIA, 2003). É esse processo que garante que os jogadores aprimorem suas capacidades de jogo ao longo do tempo. E para isso, o professor torna-se indispensável.

Para que esse processo seja possível, o professor deverá se tornar um pedagogo do jogo, que segundo Reverdito e Scaglia (2007) é aquele que deve “gerir metodicamente o processo, privilegiando o jogo jogado, na dimensão de seu ambiente fascinante e de sua natureza

essencialmente complexa”. Segundo Capra (2005), o professor deve ter, de forma clara, a ideia de que o ambiente de ensino e aprendizagem poderá desencadear diversas mudanças estruturais às ações pretendidas, não sendo o professor capaz de especificá-las e nem dirigi-las. Nesse caso, o professor tem a responsabilidade de especificar e dirigir o processo, mediando às ações e situações que vão acontecendo durante os treinamentos e os jogos.

2.5 AS HABILIDADES TÉCNICAS INERENTES AO JDC

Quando falamos em habilidades específicas, a primeira ideia que surge diz respeito à técnica. Para Bento (2013b, p. 29), o gesto desportivo bem realizado engloba em “harmonia perfeita o ético e o estético, o bem e o belo. É a forma (estética) que expressa o conteúdo (ético) do ato desportivo; a primeira vertente condiciona e influi na segunda, ao aprimorarmos aquela estamos a concretizar a substância desta”.

Daolio (2002), partindo das proposições do antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950), aborda essa temática como um conceito cultural de técnica corporal, propondo o ensino dos gestos técnicos não somente baseados na dimensão da eficiência mecânica, mas em contextos culturais específicos, respeitando-se também a eficácia simbólica inerente a toda ação humana. Segundo Mauss (1974), técnicas corporais são todas as formas de utilização do corpo criadas pelos seres humanos em sociedade ao longo do tempo. Para o autor, não existe técnica e nem sua transmissão se não houver tradição. Segundo Mauss (2001, p. 115), as técnicas corporais “são os gestos simbólicos que são, ao mesmo tempo, gestos reais e fisicamente eficazes”. Para Daolio (2002, p. 102)

É justamente essa característica que separa o Homem dos outros animais. Enquanto esses últimos apenas reproduzem movimentos, podendo até realizá-los com certa eficiência, os humanos, além da busca da perfeição, continuamente atribuem significados culturais às suas ações, variando as formas de execução, transformando-as, criticando-as e executando-as com objetivos os mais variados possíveis.

Segundo Garganta (1998, p. 22), no ensino de desportos coletivos, as técnicas corporais referem-se “às diferentes formas de utilização do corpo que permitem lidar eficazmente com os constrangimentos impostos pelas características das respectivas modalidades esportivas”. Garganta (2002) explica que a técnica pode ser compreendida como um conjunto de processos bem definidos e transmissíveis, em que a espécie humana recorre para produzir certos resultados. Para Teodorescu (1984), a técnica representa o conjunto de hábitos motores e específicos que são utilizados com o objetivo de praticar o jogo com a máxima eficiência.

Como no futsal não se usam as mãos no jogo dentro de campo, exceto no caso do goleiro, os gestos técnicos estão, na maioria das vezes, relacionados com os membros inferiores, tronco e com a cabeça. Basicamente, podemos pensar em ações indispensáveis para execução de um jogo de futsal, que seriam: o passe e a recepção (que podem ser realizados com os pés, as coxas, o peito e a cabeça), o desarme (recuperação da posse de bola), a finalização, os dribles e as fintas. Porém, atualmente, parece que a capacidade física tem estado acima das demais. Jogadores com altos níveis de habilidades técnicas e táticas, que pensam em todas as dimensões do jogo estão desaparecendo, dando lugar a jogadores com ótimos níveis físicos (jogadores altos, com grande velocidade e força). Mediante a preferência por essas características, estamos formando jogadores sem criatividade no momento do jogo, sem visão do jogo, sem ter uma percepção do que acontece durante uma partida, ou seja, jogadores que apenas reproduzem os gestos treinados e correm atrás da bola.

Balbino (2001) aponta que ao ensinar esporte devemos ir além do ensino dos gestos técnicos, promovendo oportunidades que possam estimular os potenciais dos jogadores para as resoluções dos problemas possíveis, como cognitivos, corporais e de comportamento moral. Garganta (2006) e Graça e Mesquita (2009) destacam que o processo de ensino do jogo desportivo deve estimular a resolução de problemas semelhantes aos que acontecem no jogo. Concordamos com o autor nesse aspecto, pois não se pode ter como objetivo apenas o desenvolvimento de capacidades. Ao propormos ações pedagógicas que levem em consideração a experiência de vida dos indivíduos, entendendo que eles não são apenas reprodutores de movimentos e ações, mas sim, construtores dos mesmos, que podem refletir sobre os problemas, podem tomar decisões, estaremos contribuindo para o seu desenvolvimento, por um melhor entendimento de si mesmo, do outro, do mundo. Diferentes indivíduos não respondem de modo igual a uma mesma situação, isso não implica que um seja melhor que o outro, mas que possuem compreensões diferentes e lidam de maneiras distintas frente aos desafios que o esporte e as situações proporcionam num jogo (MOURA et al., 2008).

Mediante essas ações, um jogador pode vivenciar sua corporeidade, expressá-la como resposta aos problemas apresentados. As ações são fruto das experiências de sua vida, do mundo que o rodeia. As situações-problema não apresentam uma única solução correta, cada indivíduo pode formular a melhor solução pra si mesmo diante de um determinado desafio. Segundo Meirieu (1998), as situações problemas instigam o indivíduo a tentar resolver o enigma gerado pelo desejo do saber; permitem ao indivíduo uma apropriação do aprendizado, atribuindo significado às ações e não somente a um fazer repetitivo; e podem, ainda, favorecer a emancipação do indivíduo, buscando a compreensão do esporte na sua magnitude e estimulando

a autonomia. Portanto, concordamos com Garganta (1999) sendo que, se as atividades ou problemas propostos não reproduzirem os problemas levantados pelo jogo, o indivíduo poderá ter participado do treino, mas não terá treinado e nem aprendido as resoluções a serem tomadas nas situações inusitadas que poderá enfrentar num jogo.

2.6 O JOGO, A TÁTICA E A INTELIGÊNCIA

Como foi mencionado anteriormente, já temos a ideia do que vem a ser o objetivo do futsal, ou seja, um jogo centrado na finalização, apontando para obtenção de pontos, fazer gols (ação de atacar). Quando o time está defendendo, tem-se como objetivo recuperar a posse de bola, e ainda não sofrer gols. Para a realização dessas ações, é preciso utilizar-se de elementos táticos. Segundo Garganta (2000, p. 51), “a tática é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipes gerem os momentos do jogo”. Para o autor, as experiências táticas devem ser orientadas inicialmente a partir da análise da estrutura do jogo, para configurar a especificidade de cada esporte e dessa forma realizar o planejamento de acordo com os objetivos.

Segundo Bayer (1994), a semelhança entre as modalidades desportivas coletivas faz com que possam ser pensados princípios operacionais comuns entre elas, divididos em ataque e defesa.

Daolio (2002) escreve que os princípios operacionais de ataque estão relacionados com a conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em relação ao alvo adversário (no caso o gol) e a finalização da jogada, objetivando marcar o gol. Já os princípios operacionais de defesa estão relacionados com a recuperação da posse de bola, com o impedimento da progressão da equipe adversária preocupando-se em não deixar a bola atingir o alvo (o gol) protegendo-o para que a equipe adversária não consiga finalizar. Num jogo de futsal, essas ações acontecem o tempo inteiro. Sempre que uma equipe está com a posse de bola, ela executa princípios operacionais ofensivos, buscando marcar o gol. Quando esta perde a posse de bola, ela passa a executar os princípios operacionais defensivos.

Bayer (1994) define outro conceito muito importante: as regras de ação. Essas regras relacionam-se com os mecanismos necessários para a realização dos princípios descritos anteriormente. As regras de ação se constituem em ações táticas que a equipe executa para conseguir realizar, por exemplo, a conservação individual e coletiva da bola, fazendo com que os jogadores se movimentem pelo campo de jogo, aproximando-se uns dos outros, tocando a bola entre eles para finalizar no gol adversário.

Garganta (1998) aponta dois aspectos fundamentais para o desenvolvimento do jogo: a cooperação e a inteligência. A cooperação se relaciona com a noção de equipe, com o espírito de colaboração e ajuda, fazendo com que os integrantes de uma mesma equipe se ajudem para obter êxitos nas ações do jogo como a defesa e o ataque. Deste modo, deverá ser estimulado nos praticantes o espírito de colaboração e ajuda, podendo o jogo constituir-se em campo privilegiado para que os praticantes expressem sua individualidade, manifestando suas capacidades e aprendendo a subordinar seus interesses pessoais aos interesses da equipe.

Já a inteligência se relaciona com a capacidade do indivíduo de se adaptar a novas situações que podem aparecer no jogo, gerando respostas adequadas aos problemas num curto espaço de tempo. Com certeza, a inteligência está relacionada com o “craque”, o atleta que apresenta uma habilidade diferenciada, e não quem executa todas as ações técnicas do jogo de uma forma correta, mas aquele que consegue fazer a “leitura do jogo”, e reagindo às situações inusitadas obtendo sucesso. Para Garganta (1998, p. 12), a inteligência no desporto é “a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo (noção de adaptabilidade)”. Segundo Pérez Morales e Greco (2007) as decisões sobre “o que fazer”, “quando fazer” e “como fazer” constituem parâmetros imprescindíveis para compreensão do jogo, possibilitando ao praticante comportar-se de maneira inteligente durante uma partida.

Podemos agregar a abordagem da inteligência com o viés proposto por Howard Gardner em sua Teoria das Inteligências Múltiplas (IM). Segundo Nista-Piccolo (1999), o bom professor faz de sua atitude pedagógica momentos de técnica, arte e reflexão, mostrando diferentes modos de se aprender um movimento ou uma nova ação. Pensando no trabalho individual e com equipes, podemos fazer um paralelo entre as funções de professor e treinador, sendo que suas atribuições e ações são semelhantes. Pensando no jogo de futsal, verificamos que as estratégias do treinador são definidas em um momento anterior para a realização dos treinamentos e das ações executadas durante os jogos. Segundo Santana (2008), o planejamento das ações pedagógicas passa primeiro pelo técnico, que enxerga o jogo de um modo, planeja, projeta e administra essa visão em treinos e competições. É papel do técnico fornecer informações relativas às ações táticas do jogador, selecionando conteúdos para o treino, explicando e demonstrando o que deseja. Por conseguinte, a “leitura” de jogo do jogador é influenciada, entre outros fatores, pelos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos nos treinos e jogos, cuja fonte, entre outras, é a análise do técnico (SANTANA, 2008).

Estratégia	Tática
Treinador	Jogador
Plano de ação para o jogo	Execução dos planos de ação
Previsível	Imprevisível
Antes do jogo	No decorrer do jogo
Capacidade de o jogador de se adaptar aos diferentes sistemas da equipe	Capacidade de o jogador de se adaptar às situações de jogo
Concepção do jogo	Gestão dos momentos do jogo
Visão prospectiva (futura)	Ação - resolução de problemas
Relaciona-se com os fins da mudança	Relaciona-se com os meios a utilizar

Figura 2 - Diferenças entre estratégia e tática (SANTANA, 2008).

Segundo Balbino (2001), diante das relações possíveis que se estabelecem no ambiente dos JDC, podemos relacioná-las com os pressupostos das IM, que valorizam as potencialidades do indivíduo a serem expressas nos JDC. A Teoria das Inteligências Múltiplas foi proposta por Howard Gardner no início da década de 80. Segundo Zylberberg e Nista-Piccolo (2008), inicialmente, o conceito de inteligência proposto por Gardner (1994) era a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos, importantes em determinado ambiente ou comunidade cultural. Após duas décadas da publicação de sua teoria, ele reformulou este conceito substituindo o termo “capacidade” por potencial biopsicológico, distanciando-se da concepção biológica, ressaltando que as influências culturais e psicológicas desempenham um papel determinante. Como o jogo coletivo apresenta grande complexidade em sua realização e pode ser um ambiente de estímulos às resoluções de problemas, entendemos que a aplicação dos princípios que pautam essa teoria pode contribuir para o melhor desempenho dos jogadores, assim como para o trabalho do técnico.

Segundo Balbino (2001), essa teoria baseia-se numa abordagem pluralista da mente, valorizando a multiplicidade de habilidades, capacidades, faculdades, talentos, e competências do homem. Mediante muitos estudos sobre as diferentes culturas, somadas às observações de pessoas com características diversificadas resolvendo problemas, os quais abarcavam situações variadas, Gardner (1994), elabora um leque de potencialidades, as quais todos nós somos dotados com níveis diferentes. Cada um possui maior destreza, capacidade em determinada área, sendo que em outras, não exibiam o mesmo nível de atuação. Gardner (1994) dimensionou em sua Teoria a existência de oito inteligências: corporal-cinestésica, verbal-linguística, lógico-matemática, musical, espacial, naturalista, interpessoal e intrapessoal. Desta forma, em nosso estudo, vamos relacionar o processamento de informações que os jogadores devem receber para a solução de problemas, os quais acontecem durante uma partida de futsal. Não só olhar na inteligência corporal cinestésica expressa pelos jogadores, mas em todas que possam ser

manifestadas em uma partida, no momento em que eles se empenham para resolver os problemas que surgem, buscando a melhor atuação, a fim de que possam atingir êxitos nos jogos da modalidade.

Segundo Zylberberg e Nista-Piccolo (2008), entender o ser humano numa perspectiva múltipla de potencialidade obriga o professor a buscar diferentes meios de ensinar nossos alunos. Para Gardner (1999, p. 220), “os educadores precisam levar em conta as diferenças entre as mentes de estudantes e, tanto quanto possível, moldar uma educação que possa atingir a infinita variedade de estudantes”. Esse autor estabeleceu as rotas de acesso como possibilidades de diferentes caminhos que podem levar o aluno a se desenvolver, ou aprimorar-se em suas capacidades mais esquecidas, ou talvez camufladas pelas dificuldades. Complementando, Nista-Piccolo (2005, p.6), esclarece que “se eu identifico os diferentes potenciais do meu aluno, consigo imaginar que sempre há um caminho, um meio mais fácil para ele aprender, e é por esse acesso que devo ensinar”. E essa tarefa depende exclusivamente do professor, e em nosso caso, do técnico.

Gardner (2000), com base em sua perspectiva da multiplicidade da inteligência humana, organiza uma proposta educativa em torno de sete rotas de acesso:

1. Narrativa: caracteriza-se pela aprendizagem por meio de histórias ensinadas por quaisquer veículos midiáticos.
2. Quantitativa e numérica: quando as pessoas respondem com maior facilidade aos aspectos de um tema que convidam a uma consideração de ordem numérica. Lógica: está relacionada diretamente à capacidade de dedução, tradicionalmente por meio de silogismos e interpretações complexas de situações, fatos e conhecimentos.
3. Existencial: examina as facetas filosóficas e terminológicas de um conceito ou assunto. Este enfoque é apropriado para aquelas pessoas que gostam de fazer perguntas fundamentais sobre o mundo, a vida e a humanidade.
4. Estética: por meio desta rota as pessoas respondem a qualidades formais e sensoriais como: a cor, a linha, a expressão e a composição de uma pintura ou a métrica de um poema. A ênfase recai sobre os aspectos sensoriais ou superficiais que atraem e favorecem uma postura artística ou contemplação das experiências de vida.
5. Experiencial: responder com o próprio corpo, numa atividade em que a pessoa possa se envolver completamente, construindo um projeto, manipulando materiais diversos ou em múltiplas vivências de movimento.
6. Social: mais adequado às pessoas que aprendem melhor em grupo do que sozinhas. As linguagens utilizadas são variadas, exploradas e reconstruídas em equipe.

Neste estudo, voltamo-nos principalmente para a inteligência corporal-cinestésica, por se relacionar com a habilidade de solucionar problemas expressando-se corporalmente, sem deixar de considerar outras manifestações de inteligência que possam ser manifestadas. Controlar os movimentos corporais faz parte desta inteligência, mostrar o domínio em capacidades e habilidades corporais. Assim, pensando a respeito da manifestação dessa inteligência nos JDC, entendemos que o jogador poderia apresentar as seguintes características:

- Explora o ambiente de jogo com o corpo em movimento, usando do toque, manejo e manipulação de implementos como a bola de jogo;
- Aprende facilmente por meio da execução de um movimento aquilo que é ensinado;
- Motiva-se pela própria participação nos jogos;
- Manifesta habilidade esportiva geral;
- Demonstra equilíbrio, coordenação graça, destreza e precisão nas tarefas físicas;
- Busca novas abordagens para executar melhor as habilidades em movimento; e
- Apresenta facilidade em resolver situações inusitadas com suas habilidades corporais que acontecem nos jogos.

Diante de todas estas ideias apresentadas, devemos compreender os diferentes meios para a aprendizagem humana. Pensando na aprendizagem esportiva, o professor também tem o dever de propor, pedagogicamente, diferentes caminhos. Mediante essas ações, consolidamos a pedagogia do esporte como um meio para o desenvolvimento dos indivíduos, podendo-se estimular todas as suas potencialidades. Percebemos então que o professor possui papel fundamental em todo esse processo. Mas, e o técnico de modalidades esportivas? Sua atuação é diferente? Reportamo-nos, a seguir, a respeito do papel do treinador, entendendo suas atribuições no processo de desenvolvimento desportivo, apresentando primeiramente um pouco das características do futsal.

2.7 O FUTSAL

Numa das versões sobre a criação do futebol de salão, em sua primeira designação como modalidade desportiva, é possível observar que seu surgimento ocorreu no Uruguai no início da década de 30 e foi criado na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu. Naquela época, o futebol era uma “febre” nas ruas da cidade, pois o Uruguai tinha-se sagrado campeão mundial de Futebol em 1950. O professor Juan Carlos Ceriani percebeu, nesta altura, que havia

muitas crianças que jogavam Futebol em campos de Basquetebol, por não ter campos livres para jogar futebol, e isso resolvia o problema. Adaptou-se então o futebol a um campo pequeno. Utilizaram-se as regras de outras modalidades desportivas, tais como do polo aquático (toda a regulamentação relacionada aos goleiros), do handebol (as medidas do campo de jogo, bem como a proibição de se rematar à baliza de qualquer posição do campo), do basquetebol (o número de jogadores) e como não poderia deixar de ser do próprio futebol, redigindo, assim, as regras de um novo jogo anunciando a criação de uma nova modalidade de JDC.

Numa segunda versão publicada sobre o futsal observa-se a definição que a modalidade começou a ser praticada no Brasil, no início dos anos 40, por jovens frequentadores da ACM, em SP, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para jogar. Assim, começaram a fazer as suas “peladas” nos campos de basquetebol e hóquei. O futebol de salão começou então a expandir-se por toda a América do Sul e, posteriormente, Europa e resto do Mundo.

Segundo Sampedro (1997), em 25 de julho de 1971, no RJ, foi criada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), que passou a superintender os destinos da modalidade em nível mundial. A Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade que gere o futebol no mundo, receosa em relação ao desenvolvimento da FIFUSA, promoveu em 1985, a criação de uma variante do futebol de salão, o futebol de 5. Posteriormente, a FIFA sentiu a necessidade de aproximar as características do futebol de cinco às características do futebol de salão, para atrair os praticantes ligados à FIFUSA. Assim, surge o Futsal, tão difundido nos dias de hoje no Brasil e no Mundo.

A partir de 1990, a FIFA passou a ser o principal impulsionador da nova modalidade. Atualmente, o Futsal é praticado em todos os continentes, com o desenvolvimento de várias competições internacionais sob direção da FIFA e da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) e a uniformização das regras em nível mundial. Esse é um dado que mostra que essa modalidade se desenvolve num bom ritmo, tendo a sua continuidade no futuro assegurado. Em 2002, surge a Associação Mundial de Futsal, buscando manter campeonatos mundiais com as regras no padrão FIFUSA, o que continua acontecendo atualmente, mas não apresentam a mesma força dos eventos organizados pela FIFA. Em 2004, diante do enfraquecimento causado pela disputa na organização de eventos, a FIFUSA foi extinta.

Segundo Santana (2008), o futsal, seguramente, é o esporte coletivo que mais sofreu alterações regulamentares nos últimos dezoito anos. Para Arestigüi (2001), as mudanças buscaram favorecer o espetáculo do jogo, eliminando-se os seus aspectos negativos e aumentando o interesse para os praticantes como também para o público que assiste. É inegável

que todas as mudanças verificadas desde a fusão do futebol de salão para o futsal, como também as mudanças na própria modalidade, contribuiriam para um maior dinamismo do jogo, ampliando o gosto popular, e aumentando o número de praticantes e espectadores. O futsal atualmente constitui-se em um desporto rico em diversidade de situações, permeado de imprevisibilidade e de aleatoriedade (GARGANTA, 1997). Essas características podem ser visualizadas na Figura 3.

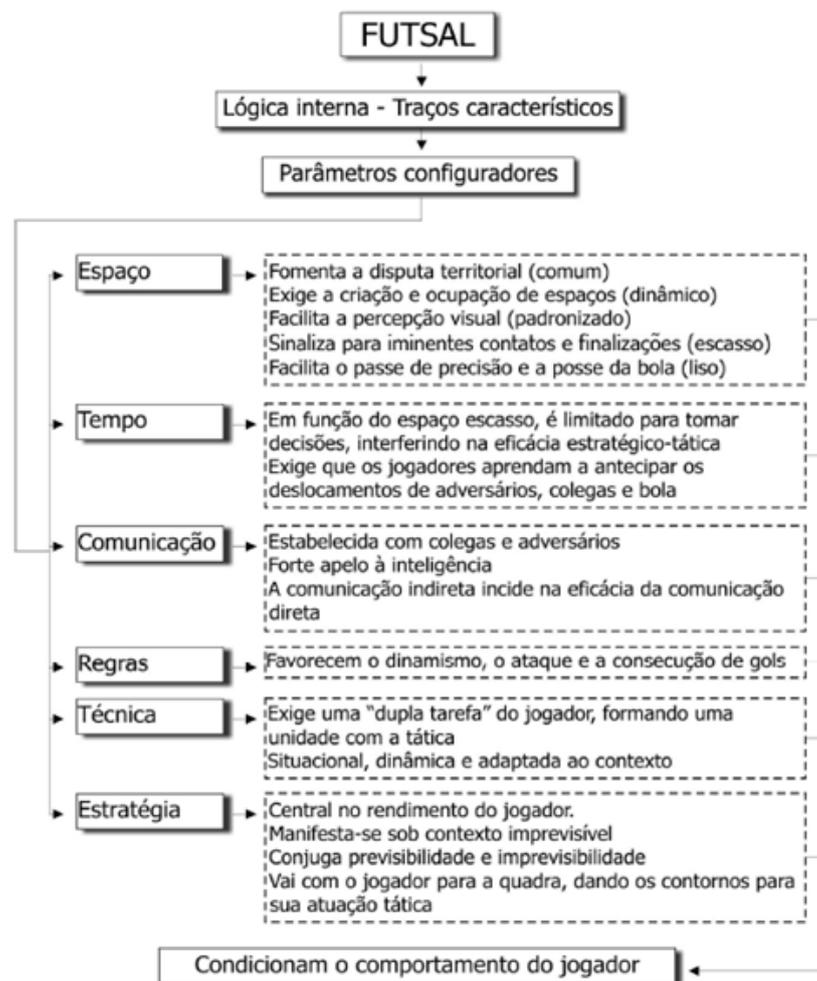


Figura 3 - Traços característicos do jogo de futsal (SANTANA, 2008, adaptado de BLAZQUEZ SÀNCHEZ, 1996; HERNÁNDEZ MORENO, 1998).

Santana (2008), baseado nas ideias de Chavez Chavez e Ramírez Amor (1998), Dias e Santana (2006), Saad (1997) e Santana (2004), escreve sobre os resultados ocasionados acerca das alterações das regras no futsal:

As mudanças contribuiriam para um novo jogo: dinâmico, de alta incidência de gols, de passes acelerados, de repetidos deslocamentos sem bola, de marcação intensa independentemente do local da quadra, de transições rápidas entre o ataque e a defesa, de constante perda e recuperação da posse de bola, de momentos de igualdade e

desigualdade numéricas, de alta incidência de bolas paradas (SANTANA, 2008, p. 19).

Os dois países que apresentam maior destaque na modalidade atualmente são Brasil e Espanha. Segundo Osimani (2004), no Brasil a aprendizagem do jogo se processa mediante o método analítico, aprendizagem das técnicas básicas, gestos motores etc. Na Espanha, utiliza-se mais o método global partindo do jogo, aglomerando conteúdos. Talvez por isso se perceba em competições internacionais que o Brasil apresenta um time mais técnico, enquanto a Espanha apresenta um jogo coletivo altamente competitivo.

Barbero (2002) diz que o futsal é considerado um esporte para jogadores com uma grande habilidade técnica, sendo de vital importância o correto domínio da bola, assim como a velocidade de execução das diferentes ações técnicas. Osimani (2003) refere-se ao jogador moderno de futsal, dotado do ponto de vista físico-atlético, sabendo imprimir qualidade técnica com altíssima velocidade e, sobretudo, ser capaz de ler, antecipar e reagir às situações inusitadas de forma muito rápida em função dos inúmeros estímulos que ocorrem constantemente à sua volta. Segundo Souza (2002), as capacidades técnicas no futsal podem ser representadas como os instrumentos que os jogadores possuem para resolver as tarefas/problemas com que se deparam nas diferentes situações de jogo, quais seriam os meios que utilizam para alcançar um objetivo previamente estabelecido.

Santana (2008) destaca também a interfase estratégico-tática do futsal, apoiando-se em Garganta (2006) no que o autor afirma que o jogo emerge da confluência de dimensões mais previsíveis, induzidas pelas leis e princípios, com outras menos previsíveis, geradas a partir da autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e a singularidade dos acontecimentos. Diante de todas essas características apresentadas, torna-se fundamental a figura do treinador, aquele que é o principal mediador do processo de aprendizagem do futsal.

2.8 O PAPEL DO TREINADOR

Ao longo do texto, destacamos a importância do treinador como mediador do processo de aprendizagem desportiva. Agora, traremos considerações de diferentes autores sobre qual seria o papel, a função específica do treinador, no trato com modalidades desportivas.

Sabe-se que grande parte das decisões que envolvem uma equipe pertence à função do treinador. Buceta (2010) escreve que o principal papel do treinador consiste em dirigir seus atletas, assumindo a liderança desse processo e tomando decisões que afetarão todo o grupo de

trabalho. Para Alves (2010 apud BRANDÃO; MACHADO, 2010) cinco áreas fundamentais devem ser desenvolvidas: filosofia do treino; liderança; comunicação; mecanismos de aprendizagem e gestão do estresse e das emoções. Para outros autores, essas atribuições exigem do treinador ter variados conhecimentos e competências para exercer sua atividade profissional (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; McCALLISTER; BLINDE; WEISS, 2000; VARGAS-TONSING, 2007). O termo “competência” pressupõe a aquisição de um conjunto de conhecimentos e de processos que conduzam à compreensão, interpretação e resolução dos problemas profissionais. Segundo Kirschner et al. (1997), a competência transcende a ação pedagógica, sendo uma forma de usar o conhecimento e a habilidade de maneira estratégica.

Hernandez (2012) escreve que o treinador deve apresentar os domínios técnicos (aspectos como a preparação física, os aspectos técnicos e táticos da modalidade); pedagógicos (estratégias e técnicas de ensino, planejamento, comunicação e avaliação); e organizativos (seleção de atletas, estruturas físicas, horário dos treinamentos e escolha das competições).

Os treinadores com menos habilidade para gerir o grupo de atletas e a comissão técnica, podem ter um estilo de liderança mais rígido, podendo ser pouco participativo, enquanto que treinadores mais experientes e com mais habilidade nesse processo se mostram mais flexíveis, concedendo espaço para a participação tanto dos atletas como intervenções que sejam realizadas pela sua comissão técnica (BUCETA, 2010). Em relação aos estilos de liderança, Chelladurai e Haggerty (1978) classificam-na em três aspectos: estilo *autocrático* (o treinador toma decisões sem consultar seus atletas sobre elas); estilo *participativo* (o treinador partilha as decisões e ele mesmo se converte em um membro a mais do grupo) e estilo *delegatório* (o treinador delega a responsabilidade das decisões aos membros da sua comissão técnica, tendo apenas a função de informar a decisão tomada). Chelladurai (1990) traz mais um estilo, o *consultivo* (o treinador consulta todo o grupo ou alguns membros, sendo que pode ou não levar em consideração alguns pontos sugeridos para tomar a sua decisão final). Parece-nos que, diante de toda a discussão apresentada neste estudo sobre os jogos desportivos coletivos, treinadores que adotam o estilo *participativo* ou *consultivo*, na maioria dos momentos do treinamento, podem alcançar maior êxito com a participação dos atletas.

Para Pinto Sobrinho, Mello e Peruggia (1997) a personalidade do treinador desportivo tem importância relevante para a criação de um ambiente de boas relações com os atletas que dirige, pois, como dito anteriormente, essas atitudes poderão ser incorporadas à vida dos atletas. O carisma e o *status* que os atletas atribuem ao treinador podem facilitar o relacionamento de amizade, além de contribuírem para a execução das regras básicas do treinamento desportivo, as quais nem sempre são agradáveis.

Bloom (1985) escreve que um dos papéis do treinador é estimular o atleta a encontrar um nível ótimo de desenvolvimento pessoal, bem como o aperfeiçoamento esportivo. No processo de treinamento, devem estar implícitos os valores nos quais o treinador acredita e administra em seu comportamento diário. Assim, o treinador se transforma em um modelo para os atletas, sendo que sua conduta será determinante para influenciar tanto na carreira esportiva quanto na vida pessoal do atleta, principalmente em atletas jovens. Isso pode ser aumentado se imaginarmos que os jovens não tenham na escola e na família pessoas para servirem de modelo, aumentando ainda mais a responsabilidade do treinador desportivo.

Como se referem Rosado e Mesquita (2008), a formação acadêmica universitária, pela curiosidade e assertividade em relação à compreensão e resolução de fenômenos e problemas emergentes, constituem um excelente ambiente na produção de novos saberes. A formação acadêmica garante aos futuros treinadores a possibilidade de desenvolverem atitudes de pesquisa, de interesse e análise dos problemas decorrentes da prática; essas, pautadas em saberes teóricos cientificamente suportados. Ressaltamos que esse é justamente o caso do estudo que ora apresentamos: diante das experiências do autor como universitário e técnico de futsal, surge a necessidade de estudos para desvelar problemas que necessitam de investigação. Segundo Galatti (2006), o esporte como fenômeno social é composto por modalidades esportivas, personagens, cenários e diferentes significados. Esses aspectos são envolvidos pelas questões técnicas, táticas, os tipos de comportamento e os valores morais. De Rose Jr. (2013a) escreve que, muitas vezes, a formação do profissional que trabalha com esporte, é fundamentada em questões técnicas e táticas, deixando de lado a estimulação de aspectos que se preocupam com os indivíduos ou com o ambiente favorável à aprendizagem.

Para De Rose Jr. (2013a) os cursos de graduação em Educação Física perderam, com o passar do tempo, o foco na formação de treinadores, além do fato de não existirem cursos complementares para a especialização em uma modalidade específica. De Rose Jr. (2013b), ao analisar 16 cursos de graduação de Educação Física e/ou Esporte em 11 Universidades Federais e Estaduais do nosso país, encontrou que em sete cursos constam disciplinas obrigatórias relacionadas às modalidades esportivas, com cargas horárias que variam de 30 a 90 horas. Em seis desses cursos, as modalidades esportivas são optativas com carga de 60 a 120 horas, sendo que são fracionadas em quatro módulos, não sendo obrigatória a realização de todos. Em dois cursos não foram encontradas disciplinas relacionadas com as modalidades esportivas. Em outros três cursos, as modalidades esportivas são contempladas por disciplinas genéricas, ministradas em um único semestre com carga horária variando de 2 a 6 horas por semana. Além disso, não foram encontrados cursos complementares para minimizar a defasagem em relação

aos antigos cursos técnicos, que durava um ano, com carga horária de 120 a 360 horas. Comungamos com o autor ao verificarmos uma incoerência entre os dados presentes nos cursos de graduação em Educação Física que ele aponta, com a exigência dessa habilitação para exercer a função de técnico desportivo, pois ela, desenvolvida da forma como se apresenta atualmente, não contribui para o conhecimento científico do futuro profissional que trabalhará com modalidades desportivas.

Jowett (2008) escreve que a relação entre o treinador e o atleta começa a se fortalecer na adolescência e gradativamente é reforçada. A relação duradoura de parceria no esporte entre atleta e treinador pode influenciar nas relações do atleta com seus familiares. Segundo Bronfenbrenner (1995) a rede social formada pelo atleta e o treinador possui o potencial de influenciar não apenas as relações específicas para o desempenho do atleta, mas também a formação de valores que o atleta manterá ao longo da sua vida.

O entendimento do papel dos treinadores na orientação das suas equipes torna-se importante se entendermos que as suas ações implicam não somente no ensino e aperfeiçoamento das competências físicas, técnicas, táticas, entre outras, mas também envolvem um efeito sobre o desenvolvimento de um conjunto de princípios e valores acerca do desporto, seja pela forma como os ajudam a lidar cada vez mais eficazmente com as crescentes exigências da competição (GOMES; CRUZ, 2006). Concordamos com Telema (1986) que, para orientar o processo de aprendizagem dos esportes, o professor/treinador tem que ter ciência de que a atividade esportiva por si só não educa. Os efeitos educativos que serão proporcionados dependem da situação na qual se cria (ambiente estimulador) especialmente em relação aos aspectos de interação social, ao clima afetivo-emocional e motivacional existentes. Estas condições dependem de diversos fatores, entre os quais o determinante será a intervenção do educador, mediando o processo de aprendizagem.

Para Mesquita (2000), a função de treinar deve ser entendida mediante o processo de ensino e o desenvolvimento de capacidades, com um conjunto de ações organizadas, dirigidas à finalidade específica de promover intencionalmente a aprendizagem e o desenvolvimento de alguma coisa por alguém, com os meios adequados à natureza dessa aprendizagem. Neste ambiente, o treinador deve ser visto como o profissional que tem a função específica de conduzir esse processo, fazendo-o mediante um conjunto de saberes próprios, que sustentam a capacidade de desempenho profissional.

Buceta (2010) afirma que as responsabilidades do treinador envolvem as seguintes funções: selecionar os atletas que comporão a equipe (pode acontecer colaboração dos dirigentes), estabelecer os objetivos competitivos da temporada (às vezes conjuntamente aos

dirigentes e aos atletas), estabelecer normas de funcionamento interno e fixar os papéis concretos de cada um; elaborar o calendário competitivo anual; planificar, conduzir e avaliar o treinamento esportivo; preparar a estratégia a ser usada em cada competição; decidir quais são os atletas que competirão; dar instruções aos atletas antes e durante as competições; pedir tempo e estabelecer mudanças de atletas durante os jogos; manter ou trocar a estratégia no transcurso da competição; avaliar o rendimento de seus atletas e tomar decisões oportunas para ajudá-los a melhorar diariamente; analisar qualquer problema de funcionamento que possa ser apresentado e decidir a forma de resolvê-lo; organizar uma comissão técnica e coordenar o trabalho de todos sempre em contato direto com os dirigentes da instituição.

Segundo Gilbert, Côté, Mallett (2006), a evolução em relação ao nível do treino exige dos treinadores um domínio de conhecimentos oriundos das Ciências do Desporto, alguns deles já levantados nesse estudo. Para Lyle (2002), treinar implica em uma aquisição de conhecimentos de natureza multidimensional, além dos específicos da própria modalidade, dada à sua influência na qualidade do processo de treino. Kirk e Gorely (2000) afirmam que treinadores mais “qualificados” proporcionam aos seus atletas um processo de formação desportiva mais apropriada e enriquecida, em que os domínios pessoais e sociais são estimulados em concomitância com o desportivo.

Garganta (1998) destaca a imprevisibilidade e a aleatoriedade das ações de jogo entre os elementos construtores do contexto dos JDC (já citadas anteriormente). É inerente a necessidade de múltiplas competências do treinador e do atleta para interagir com situações assim caracterizadas neste ambiente específico. A partir disso, o técnico desportivo pode trabalhar com os pressupostos que sustentam seus procedimentos pedagógicos e considerar a flexibilidade dos mesmos, buscando-se a integração das diversas competências do indivíduo que constantemente interagem com o complexo sistema de práticas de preparação, o jogo formal e suas exigências. Segundo Balbino (2005), num estudo com treinadores de seleções brasileiras de modalidades esportivas coletivas, ficou demonstrado que a ação pedagógica produz intervenções que o planejamento metodológico do treinamento não prediz, ou seja, apresenta respostas e soluções para situações em práticas de treinamento que são imprevisíveis e aleatórias. Percebe-se então que não basta somente um bom planejamento do trabalho a ser desenvolvido pelo treinador, mas ele precisa estar atento a cada oportunidade que se apresenta, aproveitando-as da melhor maneira possível. Assim, a didática transcende o método escolhido como norteador para o desenvolvimento de um trabalho (BALBINO, 2005).

Entendendo o treinamento desportivo como um campo de práticas em que a pedagogia se faz presente, Bompa (2002, p.5) afirma que mediante o treinamento desportivo, “um

treinador lidera, organiza, planeja o treinamento e educa o atleta”. A dimensão educativa do treinamento está presente diante da necessidade de se adaptar aos estímulos provocados pelo complexo jogo, competição, treinamento, relacionamento com companheiros de equipe, adversários, técnicos, mídia, dirigentes, familiares, entre outros. Para Paes e Balbino (2005) torna-se necessário buscar novas possibilidades de “pedagogizar” o fenômeno esporte e, assim, dar continuidade aos avanços da Educação Física como área de conhecimento.

Para isso, Mesquita (2000) afirma que o técnico desportivo deve possuir um conjunto diversificado de habilidades para interagir com os elementos que compõem o ambiente do desporto, o que exige o desenvolvimento de um amplo repertório de competências. Comungamos com a autora e tratamos a competência com o conceito que lhe atribui Perrenoud (2000), sendo a capacidade que o indivíduo possui de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Mesquita (2000) traz que a atividade do técnico envolve um conjunto de conhecimentos advindos da Ciência do Desporto. Entre eles, a autora aponta que os domínios das questões vinculadas à modalidade trabalhada, a transmissão adequada de ideias, a condução do processo de treinamento e à construção das relações estabelecidas pelos integrantes do são indispensáveis para um bom treinador.

Rosado e Mesquita (2008, p.2) escrevem que as funções do treinador relacionam-se ao conjunto de competências resultantes da mobilização, produção e uso de diversos “saberes pertinentes” (científicos, pedagógicos, organizacionais, técnico-práticos, entre outros), “organizados e integrados adequadamente em função da complexidade da ação concreta a ser desenvolvida em cada situação da prática profissional”. Os autores abordam alguns pontos fundamentais para a formação de treinadores. São eles:

- Valorizar a competência acadêmica (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 03): a formação do treinador deve permitir-lhe visualizar o conhecimento não somente como um instrumento profissional, mas, também, como um meio de realização pessoal, permitindo conceber a profissão como um projeto de vida, de valorização e crescimento pessoal.
- Combater a visão tecnocrática estrita (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 04): os modelos de formação têm seguido uma orientação transmissiva e tecnicista, deixando de lado o desenvolvimento de posturas profissionais reflexivas e críticas; a aquisição de uma conscientização de si como pessoa, e como profissional; a possibilidade de desenvolver competências de investigação e criatividade.
- Adotar posturas sociocríticas (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 5): a formação pedagógica e humanista não está contemplada nas formações profissionais dos

treinadores. Nessa consideração, deve-se buscar promover uma pedagogia socialmente crítica, dedicada à justiça social, à inclusão e mudança social.

- Ação profissional baseada em uma prática reflexiva (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 6): historicamente, percebe-se uma preocupação em se cumprir o programa, ensinar todo o conteúdo, deixando de lado os processos de reflexão. Os programas de formação de treinadores deveriam estimular experiências de autorreflexão, da valorização das experiências práticas, da discussão para a construção de novos caminhos.

- Apostar na aprendizagem experiencial (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 8): mais importante do que adquirir elevado conhecimento teórico é possuir conhecimento prático acerca de soluções a aplicar, em cada situação particular de treino/competição. A aprendizagem experiencial deverá ser aproveitada pelos formadores, como um meio prioritário para ensinar, desde que esteja baseada na compreensão das decisões tomadas e nos erros cometidos.

- Diversificar as estratégias de formação (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 8): deve-se investir em diferentes estratégias para a formação de treinadores. Entre elas, a realização de estágios com treinadores mais experientes, cursos de aprimoramento teórico, oficinas de formação profissional, círculos de estudo e discussão, realização de seminários, cursos modelares, entre outras possibilidades que auxiliam na ultrapassagem do domínio da competência técnica, centrando-se na pessoa que define o treinador.

- Alargar o âmbito profissional para permitir a profissionalização efetiva (ROSADO; MESQUITA, 2008, p. 12): o treinador não é um profissional que trabalha exclusivamente com jovens. Sua atividade profissional envolve todo o tipo de praticantes, para pessoas de todas as idades, qualquer que seja a sua condição. No âmbito de uma concepção plural do desporto (compartilhada nesse estudo), a sua profissionalização deve construir-se pela capacidade de intervir sobre públicos muito variados. Neste sentido, a atividade do treinador dirige-se cada vez mais para novos públicos e para as mais diversas faixas etárias: estende-se ao desporto para deficientes, ao desporto na 3ª idade, ao mundo do lazer e do turismo, e não, apenas, ao desporto de rendimento e ao desporto espetáculo.

Para Leblanc, Saury e Sève (2004) é difícil determinar as características de um bom treinador e as melhores metodologias a serem adotadas para desenvolver seu processo de treino. Para ser treinador é necessário possuir ideias inovadoras em função das exigências constantes que o jogo/treino coloca, obrigando a uma reflexão constante em relação à sua atividade, pois,

como refere Bento (2003, p. 92) “vemos, sentimos, percebemos e entendemos a realidade, qualquer que ela seja, com as nossas ideias, perspectivas e teorias”. O entendimento das diferentes metodologias de treino, de construções orientadas de planificações e periodizações e da seleção objetiva de conteúdos de jogo/treino corresponde às reflexões inerentes à atividade de treinador, pois este terá perspectivas ou olhares mais profundos acerca destas temáticas.

Para Mesquita (2000), a atuação do treinador está centrada em três momentos essenciais (antes, durante e após a sessão de treino), os quais, por sua vez, exigem por parte do treinador o cumprimento de três tarefas: planejar (fixar objetivos, selecionar conteúdos e definir a metodologia a ser utilizada), realizar (gerenciar o treinamento) e avaliar (formas de controle).

Garganta (2004) escreve que o treinador deve possuir um projeto próprio em função dos conhecimentos adquiridos ao longo da suas atividades. Diante disso, podemos visualizar tendências evolutivas de concepções de treino pela forma particular de pensar dos melhores treinadores das modalidades, pois todo o processo de treino consiste na implementação de uma cultura de jogo, com referência a determinados conceitos e princípios.

O estudo de D'Arripe-Longueville et al. (2001), com treinadores de atletas de tiro ao alvo, ressaltou a intenção dos técnicos atribuírem autonomia aos atletas no processo de tomada de decisão, utilizando-se a cooperação e a negociação como estratégias na definição dos objetivos a atingir, sendo o treinador o mediador desse processo. Os líderes consideram que é necessário possuir conhecimentos teóricos e práticos para a preparação dos atletas, para que além de ser necessário possuir determinadas características de personalidade e competências psicológicas (GOMES, 2005), apresentem bons conceitos teóricos e pessoais, princípios que são aceitos pelos atletas e boas condições de trabalho. Em contrapartida, Costa, Samulski e Noce (2003) verificaram que treinadores de futsal de alto nível acreditam que precisam desenvolver suas habilidades, principalmente as de instruções e treino técnico-tático. Os autores ainda destacaram a obtenção de resultados competitivos como objetivo principal, aliada com a análise satisfatória do trabalho realizado e a valorização do desenvolvimento pessoal, tanto no treinador como nos atletas (GOMES, 2005).

Diante de tudo que foi exposto até aqui, justifica-se a importância de analisar essas questões do ponto de vista dos jogadores, um dos objetivos deste estudo. A partir de agora, buscamos entender como o treinador ensina, em quais ideias seu planejamento pode ser baseado. Inicialmente abordamos sobre os possíveis métodos de ensino nos JDC e no futsal.

2.9 OS MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS NOS JDC

O planejamento do ensino de um jogo desportivo coletivo é complexo. Dentre os inúmeros aspectos envolvidos nesse processo, a escolha de um método de trabalho influi diretamente no sucesso do indivíduo e no aprendizado da modalidade escolhida. O método tem a função de facilitar os processos de ensino, visando garantir a aprendizagem, superando cada etapa desse processo, vivenciado num ambiente adequado, indispensável para a continuidade do praticante ao longo dos procedimentos a serem adotados nesse método. Segundo Greco (1998), a escolha de um método não pode consistir apenas na apresentação de uma sequência de atividades estressantes ou desmotivadoras. Mas sim, a criação de situações-problemas coerentes com o nível de desenvolvimento dos jogadores, permitindo que diferentes soluções das tarefas possam expressar um avanço ao conhecimento deles, como fatores indispensáveis à automotivação que os levem à continuação da prática esportiva.

Coutinho e Silva (2009) estudaram sobre os métodos de ensino dos jogos desportivos coletivos desenvolvidos pelos professores universitários em suas práticas docentes nos cursos de Educação Física de nove Universidades privadas (oito da cidade de São Paulo e municípios da Grande São Paulo e uma da Baixada Santista) relacionadas às disciplinas esportivas. Constataram que esses professores desconheciam os principais métodos de ensino, não se baseando em princípios norteadores científicos para o ensino da modalidade, mas pautando-se nas próprias experiências individuais pelas quais passaram em suas vidas, transformando isso na base do conhecimento voltado ao ensino da modalidade. Na verdade, os docentes poderiam estimular melhor compreensão sobre o desporto, ultrapassando a bagagem que ele traz consigo.

Segundo Delgado Nogueira (1993), os métodos de ensino constituem-se em caminhos que levam o professor/técnico a possibilitar o alcance da aprendizagem dos alunos/atletas. Nesse contexto, podemos afirmar que existem inúmeros caminhos (métodos), o que faz com que imaginemos que mais importante que o método utilizado seja a ação didática, ou seja, a adequação desses procedimentos ao ambiente, realidade e capacidade dos alunos/atletas.

Alguns autores abordam métodos e estratégias de ensino como sinônimos. Entendemos que existe uma importante diferença entre os termos. Os métodos de ensino referem-se ao “caminho” para o conhecimento, sendo estes ligados aos conceitos epistemológicos, enquanto as estratégias de ensino consistem na utilização dos meios disponíveis para alcançar os objetivos pretendidos. O treinador deve trazer consigo a visão de quais caminhos deverá utilizar para promover o ensino do desporto aos seus jogadores, selecionando as estratégias adequadas para aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis,

visando ao alcance de determinados objetivos. No ensino dos jogos desportivos coletivos, os métodos de ensino contemplam alguns princípios, direcionando as estratégias a serem escolhidas pelo treinador. Dois princípios baseados em teorias psicológicas divergentes possuem mais destaque e difusão: o analítico-sintético e o global-funcional. Segundo tendências mais atuais na metodologia dos jogos coletivos desportivos, surgiu o princípio estrutural (BAYER, 1994; DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER, 1984; GARGANTA, 1998; GRECO, 1998; MESQUITA, 2000).

O método analítico-sintético aplicado aos jogos parte de elementos técnicos e táticos, reunindo-os paulatinamente em agrupamentos maiores, não considerando o jogo como elemento principal (CANO, 2001). As fases de ensino e do treinamento de uma modalidade desportiva coletiva são realizadas em etapas, mediante exercícios que apresentam uma divisão dos gestos, das técnicas. No início do ensino, os componentes técnicos do jogo são apresentados mediante a repetição de exercícios de cada fundamento da modalidade, os quais vão sendo inseridos em séries de exercícios cada vez mais complexas, à medida que os alunos alcancem maior domínio. Uma aula ou treinamento baseado neste método é dividido em três etapas: aquecimento, sequência de exercícios dirigidos ao aprendizado da técnica e jogo no final (GRECO, 1998).

O método global-funcional é caracterizado pela simplificação dos jogos desportivos formais de acordo com a idade, com um aumento da complexidade e dificuldade ao longo do processo, visando o jogo final (DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER, 1984). A sequência dos jogos recreativos deve ser acessível à faixa etária e à capacidade técnica dos alunos/atletas, sendo que em cada jogo a ideia central ou as estruturas básicas da modalidade devem estar presentes. Esse método tem como princípio a compreensão do todo, proporcionando aos alunos um elevado nível de motivação no momento em que executam os jogos (MESQUITA, 2000).

O método estruturalista possibilita a vivência e aquisição de novas experiências competitivas por meio de resoluções de problemas, oferecendo melhor aprendizado e disciplina tática, capacidade de adaptação e criatividade (MOMBAERTS, 1998). Segundo Graça e Mesquita (2002), esse princípio facilita o desempenho e o desenvolvimento dos alunos/atletas mediante a realização de jogos reduzidos, que podem apresentar alteração do espaço de jogo, regras e número de participantes (igualdade, inferioridade e superioridade numérica). Atualmente, muitos técnicos destacam a importância da realização de jogos reduzidos, mas devemos ter clara a ideia que somente o jogo reduzido não desenvolve os atletas.

A partir desses princípios norteadores, surgiram diferentes métodos de ensino dos jogos desportivos coletivos pautando-se neles: alguns desses métodos são apresentados a seguir:

- TGfU (*Teaching Games for Understanding*): método originado na década de 80, a partir do movimento reformador do ensino dos jogos iniciados das décadas de 60 e 70, em que a atenção dedicada ao jogo para o ensino e aplicação de técnicas se transforma na visão do jogo como um espaço de resoluções de problemas. A sistematização desse método segue alguns princípios pedagógicos como a seleção do tipo de jogo, formas de jogos reduzidos, alteração das regras, da complexidade, do espaço e do tempo de jogo, sendo compatíveis com o nível de capacidade (técnica, física, tática, psicológica) e de compreensão dos alunos/atletas. Esse método acolheu as ideias construtivistas sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, tornando-o construtor ativo de suas próprias aprendizagens, valorizando os processos de percepção, tomada de decisão e compreensão (BUNKER; THORPE, 1982; GRIFFIN; PATTON, 2005).



Figura 4 - TGfU: Modelo do ensino de jogos para a compreensão (GRAÇA; MESQUITA, 2007, baseado em BUNKER; THORPE, 1982).

- O modelo de educação desportiva (*Sport Education*), proposto por Siedentop (1994) centra-se no aluno, apoiando-se na teoria da aprendizagem social. Este modelo investe na democratização e humanização do esporte, buscando minimizar os problemas associados à cultura esportiva enviesada, como o elitismo e a falta de *fair-play*. Possui três eixos fundamentais: a competência esportiva, a compreensão esportiva e o

entusiasmo pelo esporte. O principal objetivo deste modelo é a formação de um indivíduo esportivamente competente (dominar as habilidades para participar de forma satisfatória, adotar comportamentos táticos apropriados ao jogo), esportivamente culto (valoriza as tradições do esporte) e esportivamente entusiasta (o esporte traz prazer ao indivíduo, tornando-o um praticante e defensor assíduo).

- Segundo Bayer (1994) coexistem duas correntes pedagógicas de ensino para os jogos desportivos coletivos: a utilização de métodos tradicionais, fracionando os elementos mediante exercícios, nos quais a repetição e a memorização moldam os jovens ao modelo adulto e a utilização de métodos ativos, em que o professor ou técnico reconhece o interesse dos jovens, e por meio de situações vivenciadas as quais favoreçam ao aprendizado do conhecimento, ele proporciona momentos de imprevisibilidade do jogo. Os métodos ativos devem estimular e promover a cooperação dos atletas com os seus colegas de equipe, opondo-se aos adversários, mediante as diferentes situações de jogo, as quais necessitam de várias tomadas de decisão, buscando respostas mentais para posterior resposta motora.

- Gallahue e Osmum (1995) apresentam um modelo desenvolvimentista, dividindo as fases motoras em: reflexiva (movimentos involuntários, controlados subcorticalmente, que formam a base para as fases do desenvolvimento motor), rudimentar (primeiras formas de movimentos voluntários), fundamental (atividades locomotoras, manipulativas e estabilizadoras) e especializada (o movimento torna-se uma ferramenta que se aplica a muitas atividades motoras complexas presentes na vida diária, na recreação e nos objetivos esportivos). Em relação às etapas de ensino e aprendizagem de uma modalidade esportiva (7/10 anos e 10/12 anos), inicialmente, o ensino das habilidades motoras deve focar uma aprendizagem totalmente aberta (vivência) sem que o professor/técnico interfira na execução dos gestos pelos alunos. Posteriormente, o ensino deve ser parcialmente aberto, com breves correções no gesto técnico dos movimentos. No início da etapa de treinamento (especialização em uma modalidade esportiva), o ensino deve ser parcialmente fechado para posteriormente se tornar fechado, acontecendo o treinamento dos conteúdos físicos, técnicos, táticos e psicológicos da modalidade escolhida.

- Método situacional: ensino de modalidades esportivas coletivas mediante situações de relação do indivíduo com a bola/objeto, com companheiros e adversários, em situações de superioridade, inferioridade e igualdade numérica, com adaptações do espaço de jogo, regras e número de jogadores. A técnica esportiva é praticada conjuntamente à

tática, unindo o “como fazer” a “razão do fazer”, evitando o ensino dos gestos técnicos mediante exercícios analíticos, que não garantem sucesso nas ações de percepção, antecipação e tomada de decisão que acontecem durante o jogo formal (GRECO, 1998).

- Garganta (1998) enumera duas abordagens pedagógicas de ensino: tecnicista (baseada no princípio analítico-sintético) e mediante jogos condicionados (baseada no princípio global-funcional). A segunda abordagem refere-se às combinações de jogo contidas na tática por intermédio dos jogos condicionados, voltados para o todo, nos quais as relações das partes são fundamentais para a compreensão do jogo, facilitando o processo de aprendizagem da técnica. O jogo é decomposto em unidades funcionais sistemáticas de complexidade crescente, nas quais os princípios do jogo regulam a aprendizagem. As ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada. Cabe-nos ressaltar que, nesse contexto, o objetivo principal é a iniciação aos jogos desportivos coletivos, nos quais acontecem os primeiros contatos das crianças e adolescentes com as atividades desportivas. Dessa forma, as fases seguintes não devem limitar-se exclusivamente a esse método, ou seja, tornam-se necessárias outras possibilidades de ensino.

- Modelo pendular: proposto por Daolio (2002) a partir das ideias de Bayer (1994), este modelo visa o ensino, aprendizagem e treinamento dos jogos desportivos coletivos. O pêndulo (FIG. 3) tem em sua base os princípios operacionais (divididos em princípios operacionais de ataque e defesa) e na sua extremidade os gestos técnicos específicos de cada modalidade, passando pelas regras de ação. Os princípios operacionais de ataque estão relacionados com a conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em relação ao alvo adversário e a finalização da jogada, objetivando marcar o gol ou ponto. Já os princípios operacionais de defesa estão relacionados com a recuperação da posse de bola, impedir a progressão da equipe adversária e da bola em direção ao alvo e a proteção do alvo para impedir que a equipe adversária consiga finalizar. As regras de ação relacionam-se com os mecanismos necessários para a realização dos princípios descritos anteriormente. São ações que a equipe executa para conseguir realizar, por exemplo, a conservação individual e coletiva da bola, fazendo com que os jogadores se movimentem pelo campo de jogo, aproximando-se uns dos outros, tocando a bola entre eles para finalizar no alvo adversário. Segundo o autor, a intenção desse tipo de proposta é mostrar que, como um pêndulo em balanço, os princípios operacionais, na sua base, realizam um movimento menor do que na sua extremidade, onde se localizam os gestos técnicos. As regras de ação sinalizam a fase

em que a ênfase não está na execução gestual da técnica, mas nas suas formas de resolução dos problemas que o jogo desportivo coletivo coloca aos praticantes. Por fim, temos os gestos técnicos, que são mais variáveis, devendo ser enfatizados posteriormente, no processo pedagógico de ensino, como indica a seta à direita do pêndulo.

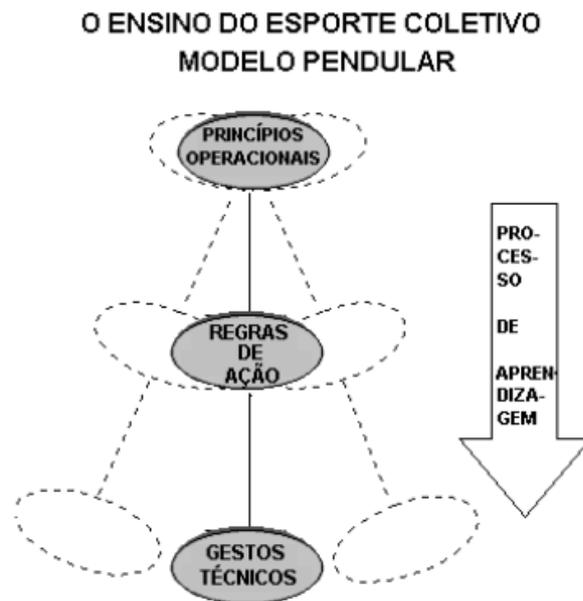


Figura 5 - Modelo Pendular (DAOLIO, 2002, baseado em conceitos de BAYER, 1994).

A partir do conhecimento de diferentes métodos para o ensino dos jogos desportivos coletivos, torna-se importante abordarmos questões referentes aos métodos específicos para o ensino do futsal. Com base em autores nacionais e internacionais, apresentamos os principais caminhos para a aprendizagem do futsal.

2.10 OS MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS NO FUTSAL

Para apresentarmos métodos de ensino aplicados especificamente ao futsal torna-se importante destacar aspectos que se aproximam do futebol, apoiando-nos em estudos voltados a ambas modalidades, além de trazer em pauta estratégias semelhantes entre os Jogos Desportivos Coletivos.

Numa retrospectiva a respeito do ensino do futebol, sabemos que ele acontecia nas ruas, nos campos de várzea, com uma única razão de brincar com a bola. As peladas, as brincadeiras infantis realizadas nos diferentes locais de prática são as responsáveis pela maneira toda

particular do brasileiro jogar futebol (SCAGLIA, 1999). Atualmente, não existem muitos espaços para essas práticas, devido ao crescimento e aglomeração das pessoas nos centros urbanos, além de existirem outros entretenimentos para as crianças e adolescentes, como videogames e computador. Nesse contexto, as escolas de futebol representam um ambiente de ensino e treinamento da modalidade. Destacamos, ainda, que a aprendizagem do futebol é muitas vezes iniciada em quadras, via futsal.

Segundo Scaglia (1999), o futebol, sendo produto da cultura humana, é passível de ser ensinado. Pensando assim, o futsal também pode ser ensinado. Mas o objetivo que leva muitas crianças a essa prática é o desejo de se tornar um “craque na modalidade”, mas isso é outra questão.

O ato de ensinar qualquer atividade (inclusive o futebol e futsal) não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitações de gestos técnicos, sendo o aluno um simples receptor passivo e acrítico. Se o treinador oferecer aos seus jogadores apenas conhecimentos técnicos, sem uma correspondente reflexão, poderá criar um ambiente de adestramento, e não de aprendizagem. Segundo o autor citado acima, a real pedagogia não é aquela em que há uma demonstração de um gesto para ser reproduzido, automatizado, mas a criação de um ambiente que permita ao educando vivenciar um processo de aprendizagem, no qual, mediante a possibilidade de exploração, e de respeito às suas capacidades, ele poderá construir o seu gesto motor.

Reilly (2005) faz referências a um treinamento específico para o futebol, principalmente em relação ao condicionamento físico necessário para sua prática. Tradicionalmente, em uma sessão de treinamento do futebol, as capacidades motoras condicionais (força, resistência, velocidade e flexibilidade) são estimuladas mediante exercícios em que a bola não está presente. Entretanto, quanto mais os exercícios abordarem situações em que a bola esteja presente, assemelhando-se ao jogo formal, mais específica é a adaptação e melhor será o desempenho do atleta no jogo. Além disso, o trabalho com bola pode não só aprimorar o aspecto físico como também o técnico, tático e psicológico.

Esse mesmo autor citado afirma que pequenos jogos são uma excelente ferramenta para o ensino de jovens jogadores, estimulando-os à participação dos treinos, ampliando situações de contato com a bola, e ainda, permitindo-os experienciar inúmeras situações-problemas que surgem durante as atividades. Quanto menor o número de jogadores, mais intenso é o treinamento e mais efetivo é o aprendizado.

Scaglia (2010) discute as relações presentes entre o treinamento e o jogo formal. O autor escreve que um treinamento com fim em si mesmo, sem apresentar relações com o jogo

propriamente dito, não prepara os jogadores para solucionarem os problemas que poderão acontecer em situações de jogo. Face ao ensino determinado por uma cultura histórica da modalidade, podemos concluir que “nos treinos reina a previsibilidade; no jogo impera a imprevisibilidade” (SCAGLIA, 2010, s. p.).

É comum encontrarmos ainda nos treinamentos o método tecnicista pautando o ensino do futebol/futsal por ser uma prática cultural no desporto em geral. Ainda hoje, muitos treinadores não ensinam os fundamentos da modalidade e nem aperfeiçoam a técnica dentro do contexto de jogo. Por meio da aplicação desse método eles ensinam a técnica por meio da ação tática. A seguir, um exemplo de atividade, citada por Scaglia (2010), pautando-se no método tecnicista:

Num jogo de bobinho, o passe (técnica) determinado pela ação tática do jogador. Ação esta que dependerá das circunstâncias (contextos) que emergem do jogo (interação entre os jogadores, as condições externas e as regras do jogo). Logo, é pela tática (ação lógica; razão de fazer) que a técnica (gesto; modo de fazer) acontece e se aperfeiçoa (SCAGLIA, 2010. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>). Acesso em: 10 fev. 2010.

Corrêa, Silva e Paroli (2004) investigaram os efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão, separadamente para meninos e meninas. No método de ensino que se dá pelas “partes” do todo a ser aprendido, foram enfatizados os fundamentos (condução, chute, drible, passe); no método de ensino pautado em situações de jogo, foram realizados exercícios de superioridade, igualdade e inferioridade numérica; no método de ensino baseado na tática de jogo, foi exigida dos alunos a solução de problemas, como por exemplo, manter a posse da bola; e, no método de ensino que utiliza o caminho pelo “todo”, foi realizado um jogo formal. A comparação entre os grupos verificou semelhanças na aprendizagem do futebol de salão, o que declara não existir grandes diferenças entre os métodos. Na comparação dos resultados pré-teste e pós-teste, os meninos não apresentaram grandes diferenças (provavelmente devido ao maior conhecimento da modalidade). As meninas que aprenderam pelo método de ensino por partes apresentaram melhor envolvimento no jogo, enquanto as meninas que aprenderam pelo método de ensino pautado na aprendizagem do todo melhoraram em todas as variáveis analisadas (envolvimento no jogo, índice de tomada de decisões, índice de habilidade, índice de suporte e desempenho global), indicando melhor eficácia do método que ensina pelo todo para indivíduos que não têm muita experiência na modalidade.

Chatzopoulos et al. (2006) desenvolveram um estudo com meninas de 12/13 anos buscando comparar a eficácia do ensino do futebol, utilizando um método tecnicista (princípio

analítico-sintético) para o grupo 1, e um método mediante jogos (princípio global-funcional) para o grupo 2. Os resultados revelaram que o grupo 2, que trabalhou por meio de jogos, apresentou melhor comportamento tático do que o grupo 1 que treinou pelo método tecnicista. Em relação à execução de habilidades (gestos técnicos), os grupos tiveram desempenhos semelhantes, não confirmando a hipótese dos autores de que o grupo 1, que realizou atividades específicas para o desenvolvimento dos gestos técnicos, apresentaria melhor desempenho. Outra questão analisada pelo estudo foi o aspecto da motivação. Nesse ponto o grupo 2 que trabalhou com jogos apresentou-se mais motivado por fatores intrínsecos, do que o grupo 1 que aprendeu pelo método tecnicista, alegando que jogar é mais agradável que praticar as técnicas. Além disso, esse grupo também demonstrou uma rápida perda de motivação, considerando o treinamento específico e isolado das técnicas do futebol como desnecessários.

Williams e Hodges (2005) questionaram a efetividade de alguns aspectos do treinamento do futebol referentes à prática, instrução e aquisição de habilidades, pautando-se numa revisão bibliográfica. Quatro mitos existentes foram questionados por eles, destacando indicativos de estratégias mais eficazes:

- Demonstrações são sempre efetivas na transferência de informações – se a meta for alcançar um resultado que não é consequência da repetição de uma técnica específica, a instrução verbal é mais efetiva que a demonstração. Uma demonstração deveria sempre ser acompanhada de uma opinião dos seus resultados, de forma que os alunos fossem estimulados a resolver os possíveis problemas e determinar como suas ações e efeitos se relacionam. Este processo encorajaria os alunos a se responsabilizarem pelo seu aprendizado, encontrando soluções inovadoras para as situações inusitadas.
- A prática de um fundamento isolado é essencial para o aprendizado das habilidades – quando a variabilidade é introduzida no ambiente da prática o aluno tem que se adaptar ao novo movimento entre uma tentativa e outra, resultando em um esquema de movimento mais flexível e adaptável. A variabilidade da prática estimula a memória e a oportunidade de pesquisar e descobrir as regras que organizam a informação e a ação, facilitando o aprendizado por encorajar o aluno a se responsabilizar por elaborar e distinguir o processo entre um exercício e outro. Mediante o esquecimento e a posterior reconstrução do plano de ação cada vez que a habilidade é executada, estimula-se a descoberta de novas soluções, sendo mais eficaz em um longo prazo. Para um melhor desempenho em curto prazo, a melhor opção seria a repetição.
- O *feedback* do técnico deve ser frequente, detalhado e logo após a realização da habilidade – o aumento do *feedback* em cada exercício é benéfico para o desempenho,

mas prejudicial na aprendizagem da habilidade. A sobrecarga de informações ocasiona problemas nas situações de pensar sobre o que fazer. Uma boa estratégia é encorajar o *feedback* intrínseco. Conforme a habilidade aumenta, devem-se encorajar os alunos a avaliar o seu próprio desempenho com o objetivo de corrigir os seus erros.

Treinamentos específicos para a aquisição de habilidades são mais eficazes que abordagens baseadas na aprendizagem pela descoberta guiada - abordagens prescritivas são mais propensas ao esquecimento do que habilidades estimuladas pela descoberta guiada. Mediante a descoberta guiada, responsabilizam-se os jogadores para o seu desenvolvimento, encontrando soluções para os problemas pela exploração e descoberta.

Memmert e Roth (2007) desenvolveram um estudo com o objetivo de examinar a eficácia de diferentes abordagens de treinamento de esportes coletivos com bola com foco na criatividade tática, em meninos e meninas. Foram realizados treinamentos específicos (baseados em jogos reduzidos, exercícios de fundamentos e orientações táticas) e não-específicos (baseadas na “escola da bola” de ROTH, 2004) de futebol, handebol e hockey de campo. Os resultados demonstraram que houve criatividade em todos os grupos, num grau mais elevado do que antes. Em um prazo mais curto (primeira avaliação), os grupos que seguiram os programas de treinamento específico apresentaram mais criatividade geral do que os grupos não-específicos. Porém, durante um prazo mais longo (segunda avaliação), o efeito foi invertido: o grupo não-específico apresentou soluções mais criativas do que o grupo específico. Isso sugere que em programas de treinamento em longo prazo, estratégias mais abrangentes em relação às vivências e atividades (envolvendo diferentes bolas, partes do corpo e regras podem estimular a criatividade nas soluções dos problemas enfrentados num jogo.

Para José Mourinho, renomado técnico de futebol português, no planejamento e aplicação de treinamentos de futebol, as atividades (exercícios) devem operacionalizar o todo (aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos), aprimorando o modelo de jogo (MOURINHO apud OLIVEIRA et al., 2006). O modelo de jogo é uma referência, construída a partir de outras referências de ordem de rendimento superior, que postulam um conjunto de ações individuais e coletivas dos jogadores e da equipe, integradas com o espírito físico e psíquico característico do jogo (TEODORESCU, 1984). Para esse experiente técnico, se o objetivo final é o jogar, treinar só pode significar jogar. Se o objetivo do treinamento é buscar melhor qualidade de jogo e organização, isso só é possível mediante situações de treino que envolva a complexidade do futebol. O segredo está em saber fazer isso que ele propõe. Assim,

sentido de equipe é quando em determinada situação, todos os jogadores pensam do mesmo modo, e é dessa forma que o planejamento das atividades deve acontecer. Mourinho (apud OLIVEIRA et al., 2004) afirma que o treinamento do futebol pode ser desenvolvido mediante ao processo de descoberta guiada:

Não é fácil passar da teoria à prática, sobretudo com jogadores de top, que não aceitam o que lhes é dito apenas pela autoridade de quem o diz. É preciso provar-lhes que estamos certos. Comigo, o trabalho tático não é apenas um trabalho onde de um lado está o emissor e do outro o receptor. Eu chamo-lhe a “descoberta guiada”, ou seja, os jogadores vão descobrindo as coisas a partir de pistas que lhes vou dando. Para isso, construo situações de treino que os levem por um determinado caminho. Eles começam a sentir isso, falamos, discutimos e chegamos a conclusões. Muitas vezes, paro o treino e pergunto-lhes o que estão a sentir. Respondem, por exemplo, que sentem o defesa direito muito longe do defesa central. Está bem, vamos então aproximar os dois defesas e ver como funciona. E experimentamos uma, duas, três vezes, até lhes voltar a perguntar como se sentem. É assim, até todos, em conjunto, chegarmos a uma conclusão (MOURINHO apud OLIVEIRA et al., 2004, p. 158).

Cabe aqui ressaltar que, antes de me tornar um profissional da área do desporto, passei pelas fases de aprendizagem como jogador, e de treinamento da modalidade futebol, vislumbrando a possibilidade de me tornar um atleta profissional no futuro. Isso não foi possível, mas escolhi seguir uma carreira dentro do desporto, mas não como atleta. Sempre me incomodei com as estratégias utilizadas pelos meus técnicos para o treinamento do futebol, em que na maioria das vezes o método analítico-sintético era utilizado. Não percebia ao longo dos treinamentos o desenvolvimento de ações pedagógicas que poderiam estimular a aprendizagem dos aspectos táticos, da inteligência e da criatividade. As ações desenvolvidas, na maioria das vezes, visavam o aperfeiçoamento físico e técnico dos atletas. Na Universidade, em minha formação conheci todas essas ideias científicas apresentadas ao longo do referencial teórico desse trabalho. O conhecimento dos métodos de ensino, das diferentes estratégias possíveis para ensinar somadas à minha experiência prática, levaram-me à construção do meu modo pessoal de ensinar futsal, utilizado hoje na Universidade. Entendo ser essencial a um professor saber escolher as estratégias mais adequadas para atender os objetivos pretendidos, levando em consideração o seu grupo de trabalho.

Dessa forma, buscamos investigar qual a repercussão desse método adotado em meu trabalho, além de conhecer o pensamento de todos que estão envolvidos nessa prática. Desenvolvemos uma pesquisa, na qual, mediante a coleta de informações realizada e a análise dos dados, foi possível levantar argumentos que possam desvelar os principais acertos e erros, ou seja, as ações pedagógicas desenvolvidas pelo professor/treinador que contribuem para a formação esportiva na modalidade futsal.

3 MÉTODOS

Podemos compreender como método de pesquisa os critérios adotados, os meios encontrados, os passos que um pesquisador segue para dar rumo ao seu estudo. A metodologia utilizada é também considerada como um modo de conduzir a investigação. Segundo Thiollent (1986, p. 25), a metodologia “pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessárias ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados”.

A escolha do método de investigação consiste em uma tarefa importante, na medida em que determina o caminho pelo qual o investigador conhecerá seu objeto de estudo, ou seja, quais meios serão utilizados na coleta de informações e dados e de que maneira os mesmos serão utilizados, viabilizando a conquista dos objetivos da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2006, p. 157), “a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Além da escolha do método, são necessárias técnicas de pesquisa, sendo definida pelas autoras como “um conjunto de preceitos ou processos de que se sirva uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 176).

Considerando a temática desse estudo relacionada à Pedagogia do Desporto e ao ambiente desportivo universitário, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa, descritiva, partindo da revisão bibliográfica para a investigação da realidade em um estudo de caso, que se constitui como um dos delineamentos mais praticados em pesquisas atuais das Ciências Humanas e Sociais. Segundo Yin (2005) é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as delimitações entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. Para Martins (2000), trata-se de uma técnica de pesquisa cujo objetivo é o estudo de uma unidade que se analisa profunda e intensamente. Considera a unidade social estudada em sua totalidade, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, uma empresa ou uma comunidade com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

Segundo Gil (2009), o estudo de caso: - é um delineamento de pesquisa, que preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado; - estuda um fenômeno contemporâneo; - não separa o fenômeno do seu contexto; - é um estudo em profundidade; - requer a utilização de múltiplos procedimentos de coleta de dados; - busca a profundidade e conhecimento da realidade do ponto

de vista do sujeito. O autor traz que as principais vantagens desse delineamento consistem em: - poder analisar um caso em profundidade (considerando as múltiplas dimensões do ambiente estudado); - compreender melhor os dados oferecidos pelo contexto em que ocorre o fenômeno (busca maior compreensão dos fenômenos sociais que ocorrem no seu contexto); - ter a garantia da unidade do caso (consideram o inter-relacionamento entre as partes que o compõe); - conseguir estímulos ao desenvolvimento de novas pesquisas; - e, atingir o aprimoramento, a construção e a rejeição de teorias. Já as limitações consistem na dificuldade de replicação (dificuldade de padronização das técnicas), e no não favorecimento de generalizações do conhecimento (um dos principais pontos da pesquisa científica).

Dentre as etapas que nos permitiram conhecer os dados que foram analisados, começamos pela análise documental, reunindo documentos oficiais da Universidade que nos possibilitaram a identificação do modo como o Desporto e a Educação Física estão inseridos, regulamentados e fundamentados no meio universitário. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dirigentes da Universidade estudada, com ex-treinadores e ainda com os atletas atuais. Para Gil (2009), a entrevista tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam aos da pesquisa. Esses questionamentos levam a novas hipóteses surgidas a partir das respostas obtidas. Segundo o autor, essa modalidade favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e compreensão de sua totalidade.

Na entrevista com os dirigentes e ex-treinadores, buscamos informações em relação à importância atribuída ao desporto dentro da Universidade, verificando como aconteceu o desenvolvimento dessas práticas, quais estratégias eram utilizadas para sua promoção, ações pedagógicas realizadas, entre outros aspectos. Coletamos informações também com os atletas que atualmente fazem parte das equipes competitivas de futsal, investigando como eles avaliam seus interesses, os treinos anteriores na modalidade e suas relações com os colegas jogadores; identificamos os aspectos positivos e negativos presentes nas ações pedagógicas e nas estratégias utilizadas pelo professor/técnico atual (no caso, o próprio pesquisador).

3.1 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A metodologia de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi proposta por Lefevre e Lefèvre (2003; 2005; 2006) ao final da década de 1990 para ser aplicada no campo dos estudos da área de saúde. Ela surge como alternativa de enfrentamento dos problemas relativos à análise de *corpus* qualitativo e à análise quantitativa de pesquisas de opinião que

findam por negligenciar a discursividade. O DSC buscou responder ao desafio da expressão do pensamento ou opinião coletiva, respeitando a sua dupla condição qualitativa e quantitativa. A dimensão qualitativa refere-se ao discurso. A dimensão quantitativa se expressa na frequência de compartilhamento de discursos entre indivíduos. Segundo Lefevre e Lefèvre (2005), o DSC é um discurso síntese, fruto dos fragmentos de discursos individuais reunidos por similaridade de sentidos. Tal discurso, formulado na primeira pessoa do singular, é elaborado pelo pesquisador e analista de discurso. Lefevre e Lefèvre (2005) trazem que a primeira pessoa do plural não é a mais apropriada porque destaca um “nós” que marca mais uma oposição ao “eles” do que uma inclusão dos demais entes sociais em uma categoria ontológica de nível coletivo. A primeira pessoa do singular, ao contrário, simboliza de modo mais preciso um hipotético sujeito coletivo único (individual) para o qual se concede um caráter ontológico.

Para a coleta das informações, em análises pautadas no Discurso do Sujeito Coletivo, são feitas entrevistas individuais com questões abertas, buscando resgatar o pensamento enquanto comportamento discursivo e fato social internalizado individualmente, podendo ser divulgado, preservando a sua característica qualitativa (LEFEVRE; LEFÈVRE, 2005). Ao mesmo tempo, o Discurso do Sujeito Coletivo pode também utilizar um aspecto quantitativo, já que cada depoimento origina-se de um determinado sujeito. Segundo Lefevre e Lefèvre (2006), para explorar o aspecto quantitativo do DSC, foram desenvolvidas técnicas específicas e ferramentas computacionais de tabulação, que quantificam os dados e segmentam resultados, mesmo em amostras grandes.

Na produção do Discurso do Sujeito Coletivo, existem alguns operadores. São eles: Expressões Chave (ECH); Ideias Centrais (IC); Ancoragens; e o Discurso do Sujeito Coletivo em si. As Expressões Chave são trechos do discurso que devem ser destacados pelo pesquisador em cada depoimento, que revelam a essência do conteúdo do discurso. As Ideias Centrais descrevem de modo mais sintético e preciso os sentidos presentes nas Expressões Chave e também no conjunto de discursos de diferentes sujeitos. Estes possuem semelhança de sentido, tendo função discriminadora e classificatória, permitindo identificar e distinguir os vários sentidos ou posicionamentos contidos nos depoimentos. Já as Ancoragens são expressões sintéticas que descrevem as ideologias, os valores e as crenças presentes nos depoimentos individuais ou agrupados, configurados como afirmações genéricas enquadradas em circunstâncias particulares. Na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo considera-se a existência das Ancoragens apenas quando existem marcas explícitas das afirmações genéricas nos depoimentos.

O Discurso do Sujeito Coletivo engloba depoimentos sintetizados e analisados, redigidos na primeira pessoa do singular e expressando o pensamento coletivo por meio do discurso dos sujeitos. Dessa forma, ao se colher vários depoimentos percebem-se elementos comuns que delineiam o discurso coletivo, que são as Representações Sociais que caracterizam um determinado grupo. Os discursos contêm o conjunto das Expressões Chave dos depoimentos, que possuem Ideias Centrais e/ou Ancoragens com características semelhantes. Esta técnica operacional busca expressar uma determinada opinião ou posicionamento sobre um tema, levando em consideração o aspecto social e cultural (ALVÂNTARA; VESCE, 2008).

Gondim e Fischer (2009) afirmam que o DSC se propõe a ser uma ponte entre o conhecimento científico e o senso comum, visando a reconstituir o pensamento coletivo. Nas perspectivas da sociologia do conhecimento e da psicologia do senso comum, o pensamento coletivo dá acesso ao saber produzido no dia a dia, habilitando todos a lidarem com os problemas rotineiros. Segundo as autoras, o DSC não precisa estabelecer como principal critério a quantidade, visto que a expressão individual é sempre compartilhada, em alguma medida. A força do discurso não está em quanto ele quantitativamente é compartilhado, mas na amplitude de significado (variados sentidos) que aparece quando um grupo de pessoas responde a um determinado tema. Os lugares ocupados no mundo social e as experiências compartilhadas podem fazer com que a pessoa represente apenas uma parcela deste social que complementado com outros permite a apreensão do todo. Se o sentido é o mesmo, não importa se as expressões chave só apareceram em um discurso ou em vários, pois basta encaixá-las de modo que deem sentido às demais expressões chave para fazerem parte do discurso coletivo. Este argumento não seria defensável caso o objetivo da construção dos DSC fosse realmente lidar com grandes quantidades de respostas para fins de generalização, mas é bastante justificável caso o uso que se pretenda fazer seja o de construir DSC que representem os sentidos atribuídos por uma parcela desta coletividade.

Lefevre e Lefèvre (2005) trazem que uma pesquisa com o objetivo de desenvolver a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo faz uma investigação de opinião acerca de um tema, fracionado em questões abertas, focado em uma determinada população. Cada uma das questões produz um número diferenciado de opiniões e posicionamentos, ou seja, de diferentes Discursos de Sujeitos Coletivos. Estes Discursos de Sujeitos Coletivos tabulam e organizam opiniões e posicionamentos diversos, resolvendo esse desafio da Pesquisa Qualitativa.

Quando o objetivo final se refere à obtenção das Representações Sociais ou opiniões de grupos sociais, mediante a coleta de informações de questões abertas, é necessário realizar a soma de todos os depoimentos, obtendo desta soma o pensamento generalizado. Para isso,

existe um procedimento chamado de “categorização de respostas”, que tem o papel de analisar as respostas dadas e atribuir um sentido a elas, reunindo as respostas de mesmo sentido. A categorização é a expressão da soma dos depoimentos, sendo cada depoimento incluído na categoria semelhante em relação ao conteúdo, e todos os conteúdos tornam-se muito próximos uns dos outros. Os Discursos de Sujeitos Coletivos não anulam os conteúdos dos depoimentos, já que o objetivo não é somente desenvolver uma soma matemática, mas também um discurso coletivo que gere um posicionamento, e um sentido, tendo a opinião individual de cada depoimento garantida e preservada. No DSC, em uma única categoria, vários conteúdos e argumentos que compõem uma mesma opinião ou um mesmo posicionamento, são compartilhados por um conjunto de pessoas. Estes conteúdos e argumentos distintos podem ser mantidos num único discurso, o qual remete a praticamente uma única ideia ou opinião (ALVÂNTARA; VESCE, 2008).

Assim, sabemos que o Discurso do Sujeito Coletivo respeita o comum e o diferente, ou seja, posicionamentos emitidos de maneira diferente podendo ser complementares. Segundo Lefevre e Lefèvre (2012), estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas Representações Sociais, fazendo com que uma ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado. Para Lefevre, Lefèvre e Marques (2009), possibilita o surgimento de novas possibilidades de interação, no que se refere às Representações Sociais como objeto de pesquisa empírica, entre particular e coletivo, teórico e empírico, síntese e análise, qualitativo e quantitativo. Deste modo, justifica-se a inclusão do DSC no conjunto de reflexões e abordagens destinadas a atender temáticas nas mais variadas áreas do conhecimento.

Para Alvântara e Vesce (2008), o entendimento do conceito de complexidade não está relacionado à soma de partes, mas na inter-relação que ocorre entre múltiplos aspectos de uma realidade. Esta premissa nutre as pesquisas que se referem à reflexão sobre os aspectos culturais e sociais, numa relação com o individual e o coletivo. É necessário reconhecer que a simplificação muitas vezes é prejudicial em pesquisas dessa natureza por acarretar a perda de parte dos significados, uma vez que a complexidade deve ser compreendida a partir de vários ângulos de análise. O conceito de complexidade associa-se à dificuldade na explicação dos discursos presentes nos depoimentos, no que se refere à interligação entre eles. A proposta do Discurso do Sujeito Coletivo como uma *técnica* de Pesquisa Qualitativa contribui na construção

de instrumentos relevantes para resgatar dimensões significativas das Representações Sociais presentes na sociedade e na cultura de um universo pesquisado.

3.2 ESTUDO DE CASO - O FUTSAL EM UMA UNIVERSIDADE

Nosso estudo está voltado para a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), campus Itajubá, em Minas Gerais. Apoiamos nos registros históricos de Leão (2004) para apresentar os dados referentes à IES. A UNIFEI foi fundada em 23 de novembro de 1913, com o nome de Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá (IEMI), por iniciativa pessoal do advogado Theodomiro Carneiro Santiago, constituindo-se assim a décima Escola de Engenharia a se instalar no país. Desde logo o IEMI se destacou na formação de profissionais especializados em sistemas energéticos, notadamente em geração, transmissão e distribuição de energia elétrica.

O então Instituto foi reconhecido oficialmente pelo Governo Federal em 1917. Em 1936, o nome da instituição foi alterado para Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI). Em 1956 o IEI foi federalizado. Em 1968, novamente seu nome foi alterado para Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI). A competência e o renome adquiridos em mais áreas de atuação conduziram ao desdobramento do seu curso original em cursos independentes de Engenharia Elétrica e de Engenharia Mecânica. Iniciaram-se em 1968 seus cursos de pós-graduação. Dando prosseguimento a uma política de expansão capaz de oferecer um atendimento mais amplo e diversificado à demanda nacional e, sobretudo, regional de formação de profissionais da área tecnológica, a instituição partiu para a tentativa de se transformar em Universidade Especializada na Área Tecnológica, modalidade acadêmica prevista na nova LDB. Esta meta começou a se concretizar a partir de 1998 com a expansão dos cursos de graduação ao dar um salto de dois para nove cursos, pela aprovação de sete novos com a devida autorização do Conselho Nacional de Educação (CNE). A concretização do projeto de transformação em Universidade deu-se em 2002, através da sanção da Lei 10.435, pelo então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

A UNIFEI, campus Itajubá, conta hoje (dados de 2013) com 26 cursos de graduação, totalizando 3440 alunos. A Universidade também possui alunos nos programas de Pós-Graduação, modalidades especialização, mestrado e doutorado, totalizando 2480 alunos.

3.3 A COLETA DAS INFORMAÇÕES

Inicialmente, foi apresentada à direção da Universidade a proposta de pesquisa, prevista em documentos (Anexo), solicitando a autorização para a sua realização e explicando a relevância do estudo para toda comunidade da UNIFEI, principalmente para o corpo diretor, corpo docente e equipe técnica do Centro Poliesportivo. O fato de o pesquisador ser integrante do quadro de servidores técnicos administrativos da Universidade desde 2010 contribuiu para facilitar o processo da coleta das informações, visto que já existia uma relação de convivência e confiança entre ele e os sujeitos envolvidos no estudo. Após a obtenção de autorização para realização da pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob o protocolo número 2565, foi elaborado um cronograma para a entrega dos Termos de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE, Anexo A) aos sujeitos, visando à realização das entrevistas com todos os envolvidos no estudo. Houve uma reunião individual com cada sujeito da pesquisa, explicando todos os termos e os objetivos do estudo. Os participantes se mostraram abertos, colocando-se à disposição para quaisquer necessidades. Os TCLE foram apresentados nessas reuniões, sendo assinados no dia da realização das entrevistas.

Os participantes da pesquisa foram: - alunos que compõem as equipes de futsal masculino e feminino da UNIFEI desde o ano de 2011 (participando dos treinamentos e competições até a data da coleta); - os gestores da Universidade que eram responsáveis pela organização das ações desenvolvidas no Centro Poliesportivo da UNIFEI (de modo direto ou indireto); - e, ex-treinadores das equipes de futsal, que desenvolveram seus trabalhos antes do ano de 2011. A escolha pelos alunos justifica-se pelo desenvolvimento do trabalho junto ao pesquisador. Em relação aos diretores e aos ex-treinadores, justifica-se a escolha por seu envolvimento direto em todo o processo de desenvolvimento esportivo, sendo determinantes no processo de desenvolvimento dessas concepções.

Os critérios para inclusão foram os seguintes:

- Gestores: servidores da instituição relacionados com o desenvolvimento do desporto e da Educação Física dentro da Universidade;
- Ex-treinadores e professores: profissionais responsáveis pelas estratégias e ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente nos treinamentos;
- Atletas: alunos da UNIFEI que fazem parte da equipe desportiva de futsal a partir do segundo semestre de 2010 até o momento presente. A escolha deste critério se

relaciona com fato do pesquisador ter iniciado seu trabalho com o grupo neste período.

A quantidade dos sujeitos envolvidos no estudo reflete a contemplação dos critérios de inclusão. Foram selecionados para participar da pesquisa dez jogadores das equipes de futsal (seis homens e quatro mulheres), três gestores (o Vice-reitor, o Diretor de Cultura e Extensão e o Diretor do Centro Poliesportivo) e um ex-treinador, que era responsável pelo desenvolvimento das equipes de futsal da UNIFEI nos anos anteriores a 2011. Todos os envolvidos na pesquisa aceitaram o convite, assinando o TCLE. Essa amostra pode ser caracterizada como não-probabilística intencional, pois segundo Marconi e Lakatos (1996), quando a intenção do pesquisador é investigar e compreender a opinião de um determinado grupo sobre certo fenômeno, exatamente como um tipo de amostra mais comumente utilizado. Essa pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso e, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), a seleção dos participantes para esse tipo de estudo dependerá do problema que o pesquisador se propõe a investigar.

3.4 AS ENTREVISTAS

Diante do método selecionado, os instrumentos aplicados para a coleta das informações foram os seguintes: bibliográfica, englobando coleta dos documentos da Instituição, entrevistas semiestruturadas com os alunos, diretores e ex-treinadores das equipes, as quais foram desenvolvidas fundamentando-se em Yin (2005).

No processo de desenvolvimento desse estudo, decidiu-se que a expressão oral do pensamento dos sujeitos era de fundamental importância e sua coleta foi obtida mediante essas entrevistas. Yin (2005) relata que a entrevista é um dos mais importantes instrumentos de coleta de dados para estudos de caso, já que permite ao pesquisador a elaboração e condução da entrevista como se fosse uma conversa, contribuindo para a espontaneidade nas respostas do entrevistado. Porém, cabe ressaltar que essa conversa informal deve seguir preceitos básicos para não invalidar o instrumento, como seguir uma linha de investigação proposta no protocolo de estudo e não elaborar questões tendenciosas que possam levar o entrevistado a responder o que o pesquisador quer ouvir. Thomas, Nelson e Silverman (2007) afirmam que a entrevista é o instrumento para coleta de informações mais utilizada pelas pesquisas qualitativas e apontam que o formato dessa entrevista pode variar em função da organização das questões.

A opção escolhida para este trabalho foi a utilização da entrevista semiestruturada. Para Mattos (2005), nessa modalidade, o investigador constrói uma lista de questões ou tópicos para serem respondidos (guia), sendo que a entrevista apresenta relativa flexibilidade. As questões não precisam seguir a ordem prevista inicialmente e novas questões podem ser formuladas no decorrer da entrevista, de acordo com a necessidade. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007) é preciso que o entrevistador tome certos cuidados como, por exemplo, formular perguntas compreensíveis, prestar atenção às mensagens verbais e/ou não verbais do entrevistado, não parecer crítico ao entrevistado (principalmente quando suas opiniões divergirem das dele). Em geral, essa modalidade é uma fonte de evidências importantes para os estudos de caso, já que frequentemente tratam de questões humanas; em função disso, estão sujeitas a alguns problemas, entre os quais podemos citar a falta de motivação do entrevistado, a pouca compreensão das perguntas e, conseqüentemente, a pouca capacidade para elaborar respostas (YIN, 2005).

Para a elaboração do roteiro de perguntas foram utilizadas questões que permitissem aos entrevistados a expressão de seus pensamentos. As entrevistas foram realizadas sempre no mesmo local (sala de estudos do Centro Poliesportivo da UNIFEI), em horários marcados previamente. Com os alunos, o período de realização foi a época de férias dos alunos, julho de 2013, já que esse é um período em que não aconteceram treinamentos e competições, sendo que o resultado não interfere na resposta dos alunos. Com os gestores e o ex-treinador as entrevistas também foram realizadas no mesmo período, pois, embora estejam em atividade na Universidade, há com uma carga de trabalho menor. As conversas transcorreram-se em um clima de informalidade, devido à proximidade do pesquisador com os indivíduos (motivo já informado anteriormente) o que contribuiu positivamente para a realização dessa etapa da coleta. A aplicação delas foi individual, facilitando a livre expressão dos entrevistados sobre as questões do estudo.

Em função dos objetivos do estudo e da proposta de análise dos dados, as entrevistas foram gravadas em um aparelho digital, especificamente uma filmadora, permitindo preservar na íntegra a parte verbal da entrevista para análise posterior, com a devida autorização dos mesmos. A filmadora utilizada foi uma Filmadora da marca Sony, modelo DCR-SX60, sendo que logo após os diálogos foram transcritos e as imagens apagadas, conforme foi explicado a cada entrevistado no TCLE. Vale lembrar que, embora todos os entrevistados tenham assinado o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (Anexo), foi reiterado que os dados de cada participante seriam mantidos em sigilo, garantindo-lhes anonimato e que as gravações seriam apagadas após as transcrições.

As questões que nortearam as entrevistas foram:

- Para os superiores da Instituição:

- A IES é caracterizada por cursos na área de Engenharia e Tecnologia. Entretanto, ao investigarmos a história da instituição percebemos que profissionais de EF fizeram parte do quadro de docentes e servidores técnico-administrativos, desenvolvendo diversas atividades. O que você pensa sobre isso?
- O que você espera das equipes de representação competitiva da IES?
- O que você espera que os técnicos desportivos desenvolvam com as suas equipes?

- Para o ex-técnico desportivo da Instituição:

- Como se deu a implantação do desporto dentro da Universidade?
- Na sua gestão, como aconteciam os treinamentos?
- Os atletas se mostravam interessados durante os treinamentos?

- Para os jogadores de futsal dessa Instituição:

- Qual é o seu interesse em participar da equipe de futsal da IES?
- Como eram os treinamentos anteriores na modalidade?
- Como é a sua relação com os demais colegas de time?
- Como é a sua relação com o seu técnico?
- Você acredita que as suas expectativas são atendidas nos treinamentos?
- Fale sobre o treino, como ele acontece, sobre os conteúdos, sobre aspectos positivos e negativos.
- Em relação aos jogos (campeonatos), fale sobre o trabalho do técnico atual.

3.5 ANÁLISE DOCUMENTAL

Segundo a análise Regimento Geral da Universidade (2013), verificamos que a UNIFEI tem por missão gerar, sistematizar, aplicar e difundir conhecimento, ampliando e aprofundando a formação de cidadãos e profissionais qualificados, e contribuir para o desenvolvimento sustentável do país, visando à melhoria da qualidade da vida. A UNIFEI terá por objetivo ministrar ensino superior de graduação e pós-graduação, promover atividades de extensão

universitária e desenvolver a pesquisa, nas áreas especializadas de Engenharia, Ciências Exatas e da Terra e outras correlatas e afins.

O desporto na Universidade é regido pela Pró-Reitoria de Extensão, composta pela Diretoria de Extensão Tecnológica e Empresarial; pela *Diretoria de Extensão de Cultura e Esporte*; pela Diretoria de Extensão Social e pela Diretoria de Parque Científico e Tecnológico. A Universidade prevê o oferecimento principalmente de atividades de extensão, entendendo que a extensão, articulada com o ensino e pesquisa de forma indissociável, tem como objetivo intensificar relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, por meio de atividades educativas, culturais, esportivas, científicas, tecnológicas e de inovação, que são realizadas conforme planos e normas específicas. Está previsto também no Regimento Geral da UNIFEI que a Universidade empenhar-se-á em proporcionar aos membros de seu corpo discente, além do ensino formal, e através de atividades de pesquisa e de extensão meios, orientação adequada e instalações especiais para a realização de programas culturais, artísticos, esportivos e recreativos.

Segundo o livro de registros da Universidade Federal de Itajubá, período 1903-2004, especificamente sobre o desporto, verificamos que até meados de 1951, a prática e organização de eventos desportivos do então Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI) eram organizadas e realizadas pelo Diretório Acadêmico do Instituto Eletrotécnico de Itajubá (DAIEI), ou seja, pelos próprios alunos. Em setembro de 1951, foi criada a Associação Desportiva Eletrotécnica (ADE) do DAIEI, ficando sob sua responsabilidade a organização e realização de eventos esportivos no IEI. A primeira diretoria tomou posse no mesmo ano.

Até 1960, os principais torneios organizados pela ADE eram torneios internos e também amistosos com outras Instituições e Clubes. Em 1960 foi criado o Torneio da Primavera, com a participação dos colégios e faculdades de Itajubá, como um movimento da cidade e tornando-se tradição nos anos seguintes. Esse torneio era organizado pela ADE anualmente até a década de 80.

Em 1972, em Assembleia do Diretório Acadêmico da Escola Federal de Itajubá (DAEFEI), a ADE passa a se chamar Associação Atlética Acadêmica da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (AAAEFEI), o único órgão legítimo de representação esportiva da EFEI, tornando-se assim o órgão responsável por organizar os eventos desportivos na EFEI. Em 1977, é inaugurado o ginásio poliesportivo da EFEI, ocupando uma área de 3.700 m² e com capacidade para 4.000 espectadores. Até os dias de hoje, este é o melhor ginásio poliesportivo da cidade e da região de Itajubá, organizando os principais treinamentos das equipes universitárias da UNIFEI e os principais eventos esportivos da cidade.

Em 2003 após a mudança do nome da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI) para Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) a AAAEFEI passa a se chamar AAAUNIFEI.

Já passaram pela ADE – AAAEFEI – AAAUNIFEI mais de 40 diretorias, todas elas formadas por Acadêmicos que sempre pensaram em elevar o nome da UNIFEI pela prática do desporto. A UNIFEI, ao longo da sua história, contou com um grande número de alunos interessados em participar dos treinamentos de alguma modalidade esportiva. Ao mesmo tempo, a Universidade esteve presente em várias competições regionais, estaduais e nacionais, envolvendo diversos alunos universitários.

A Universidade contou com alguns profissionais de Educação Física em seu quadro de docentes, ao longo desses anos. Em 2010, diante de uma maior proximidade entre a AAAUNIFEI e a direção da Universidade, foram abertos concursos para Técnicos Desportivos, com a função de desenvolver todas as suas manifestações desportivas. Atualmente, a UNIFEI desenvolve atividades de extensão universitária visando à prática esportiva e competições. Dentre elas, destacamos o projeto de futsal competitivo, alvo deste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atingirmos a compreensão dos resultados optamos pela realização de quadros referentes a cada temática pesquisada a partir das respostas às entrevistas com jogadores, gestores e ex-treinadores. Os quadros foram organizados com a seguinte apresentação: - discriminação e caracterização dos sujeitos (cada sujeito foi representado pelo símbolo S seguido de um número para sua identificação); as principais Expressões-Chave (ECH) encontradas no discurso dos sujeitos; as Ideias Centrais (IC) construídas a partir das ECH com suas respectivas percentagens e os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC). A partir dos quadros elaborados, realizamos a discussão dos DSC baseada no referencial teórico que fundamentou o estudo, indicando os aspectos mais relevantes que foram encontrados.

4.1 ENTREVISTAS - JOGADORES

A escolha pela realização de entrevistas com jogadores da equipe de futsal é justificada pelo envolvimento direto desses sujeitos em todo o processo de treinamento desportivo desenvolvido pelo treinador. Para isso, foram formuladas nove temáticas de questionamentos, sendo estas apresentadas abaixo.

4.1.1 Pergunta 1 - Interesse em fazer parte da equipe de futsal da IES

No referencial teórico deste estudo, mediante a experiência profissional do pesquisador, indicamos a possibilidade de muitos alunos, ao ingressarem em uma Universidade, buscarem a prática do desporto com diferentes finalidades. A fim de investigar os principais aspectos referentes a essa questão, formulou-se aos jogadores das equipes de futsal a seguinte pergunta: “Fale sobre seu interesse em fazer parte da equipe de futsal da IES”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 1.

Quadro 1 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativo ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre seu interesse em fazer parte da equipe de futsal da IES.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2, S3, S4, S6, S7, S9, S10	80	<ul style="list-style-type: none"> - Gostar de jogar futsal; - Gosto de jogar bola; - É o esporte que mais me identifico; - Tenho prazer em jogar bola. 	Gostar da modalidade	Meu interesse começou pelo fato de gostar de jogar futsal. Desde criança eu gosto de jogar bola. O futsal é o esporte que eu mais gosto, é o esporte que eu mais me identifico. O futsal me permite movimentar o corpo diferente do dia a dia. A adrenalina, o suor, o cansaço, o prazer que tenho em jogar bola, me faz ter esse interesse, me fez procurar. Mesmo antes de entrar na faculdade já tinha vontade de participar da equipe em qualquer Universidade que eu entrasse e como passei na aqui na IES e sempre tive interesse, corri atrás e pretendo ficar até o fim, até sair.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2, S4, S5, S6, S7, S9	70	<ul style="list-style-type: none"> - Fui bem recebido; - Gostei das pessoas; - Queria estar junto com todos; - Aumentou a vontade após fazer amizades; - Meus amigos estavam no time. 	Gostar do grupo que compõe a equipe	Fui muito bem recebido, foi isso. Fui participando, gostando das pessoas com que me relacionei dentro da equipe. Na IES, gostei bastante de participar principalmente por causa da união das pessoas, e isso não acontece em qualquer lugar. Não é só por querer praticar esporte, é por estar junto com todos. Só aumentou a vontade de continuar depois de fazer amizade com o pessoal. Todos os meus amigos já faziam parte da equipe então eu queria ficar com eles.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S3, S7, S8, S9, S10	60	<ul style="list-style-type: none"> - Já jogava antes; - Sempre joguei em um nível bom; - Jogava na escola; - Nunca quis parar. 	Ter realizado prática anterior na modalidade	Eu decidi fazer parte da equipe porque eu já jogava antes. Desde pequeno, eu sempre joguei num nível bom e não queria parar. Eu praticava o esporte na minha escola. Toda semana eu jogava bola, até no meu ano de cursinho eu arranjava um jeito de jogar bola e nunca quis parar. Mesmo quando não estudava aqui já conhecia alguns integrantes do time. Eram pessoas com que joguei pela cidade e minha vontade era fazer parte desse time.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S3, S5, S6, S7, S8	50	<ul style="list-style-type: none"> - Gostar de viajar; - Gostar de disputar campeonatos; - Conhecer outros times; - Ganhar coisas pelo time. 	Disputar Campeonatos	Meu interesse é ir viajar, ir para os campeonatos, temos muitos campeonatos, o que é muito bom. É conhecer outros times e cada jogo aprender com os nossos erros e isso incentiva a melhorar. Eu queria participar de campeonatos e gostaria de conseguir ganhar coisas com o time, isso eu sempre busquei, não só a parte da educação.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S2, S4, S5, S7	40	<ul style="list-style-type: none"> - Praticar um esporte; - Sempre pratiquei esportes pelas minhas escolas; - Procuo fazer um esporte. 	Praticar um esporte	Meu interesse é praticar um esporte mesmo. Eu sempre gostei de praticar esporte por todas as escolas que passei. Jogar futsal é muito bom e é uma atividade física, um esporte que eu procuro manter.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1, S8, S10	30	O futsal me fez querer ficar aqui; - O grupo do futsal me acolheu; - O futsal é uma motivação para fazer engenharia.	Fazer parte da equipe de futsal é uma motivação para cursar a IES	Eu cheguei aqui na Universidade, não conhecia ninguém e o futsal foi uma coisa que me fez querer ficar aqui. Eu encontrei pessoas legais, um treinamento bacana e isso me fazia esquecer a vontade de desistir, de ir embora. Eu acho que o primeiro grupo de pessoas que me apeguei foi o grupo do futsal, que me acolheram de verdade. Foi a partir do futsal e do ciclo de amizades que eu criei que resolvi de fato ficar na IES, desisti da ideia de ir embora. Engenharia não é a coisa que eu mais queria fazer da vida. Meu pai é engenheiro e me indicou essa área. O futsal é uma motivação pra estar aqui, pra continuar a fazer engenharia. Já pensei em ser fisioterapeuta, por ter machucado muito e ter tratado muito, já pensei em fazer educação física também, mas é que eu não gostei <i>demais de nada</i> . Foi só o futsal que gostei muito.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S3, S8	20	- Dar continuidade nos treinamentos; - Meu objetivo era continuar jogando; - Escolhi a IES por causa do time de futsal; - Não gosto de jogar por brincadeira.	Continuar a treinar	Eu queria dar continuidade aos treinamentos. Ouvi muitas pessoas falando que quando entrar na faculdade você vai parar de fazer essas coisas. Comigo isso não aconteceu. Ao entrar em uma Universidade meu objetivo era continuar jogando pelos 5 anos de curso, se tudo der certo. Eu escutava minha namorada, que entrou antes aqui na IES, dizer como era o time e a Universidade. Um dos motivos de escolher a IES foi por causa disso, foi por causa do time de futsal, porque ela falava que o time tinha um padrão de jogo, que não era um bagunçado. Eu estava acostumado a jogar em um time competitivo e não queria parar de jogar, eu gosto de jogar por causa da competição. Eu não sou aquele que gosta de jogar de brincadeira.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S3, S7	20	- O treinador gostou de mim; - O treinador me chamou para jogar no time; - Fui selecionado.	Ser selecionado para entrar na equipe	Eu comecei a treinar pra tentar entrar para o time. No início quando você é calouro, você não sabe nada daqui, é difícil. O treinador que estava aqui gostou de mim e me chamou para jogar no time. Foi legal, eu gostei porque tinha umas 50 pessoas pra treinar, pra tentar ser selecionada. No meu ano foram somente 3 calouros que entraram para o time, eu e mais dois jogadores fomos selecionados, achei isso muito legal.

No Quadro 1, verificamos ideias presentes nos discursos do SC que, de antemão, poderiam ser consideradas óbvias para que os alunos busquem a prática do futsal no ambiente universitário. Dentre estas, destacamos o gostar da modalidade (SC1), a prática anterior (SC3) e o interesse em continuar a treinar (SC7). Imaginamos que, se no Brasil existisse um projeto sólido de iniciação e treinamento desportivo para jovens, provavelmente ao ingressarem na

Universidade eles buscariam a continuidade do seu desenvolvimento desportivo. Percebemos que mediante os discursos do SC, muitos alunos procuram essas práticas exatamente por essa razão. Entendemos que participar de um processo de seleção para a equipe (SC8), disputar campeonatos (SC4), fazer amizades dentro da equipe (SC2) e praticar um desporto (SC5) são aspectos interligados aos interesses e benefícios da prática de uma modalidade desportiva que, despertada no indivíduo em algum momento da sua vida, fará com que ele dê continuidade à prática de um desporto. Interessante destacar que o SC4 aponta o interesse de buscar na IES, além do aspecto educacional a prática do desporto. O que nos chama a atenção é o fato dos alunos indicarem que fazer parte da equipe de futsal se constitui em um motivo relevante para cursarem suas graduações nessa IES ou mesmo para continuarem a realização do curso (SC6).

A partir dessas informações, podemos entender que o desporto universitário pode se constituir em um agregador de valor relevante no momento da escolha por uma determinada IES. Sabemos que nem sempre a definição de uma instituição, no momento do ingresso em uma carreira, está relacionada à qualidade que ela representa ou à qualidade do curso escolhido. A proximidade da família, boas oportunidades de trabalho, existência de amigos na mesma instituição podem contribuir para essa escolha, entre outros fatores. Mediante o discurso do SC6, vislumbramos a possibilidade das IES investirem no oferecimento de atividades desportivas aos seus alunos. De acordo com os olhares dos autores citados anteriormente no referencial teórico desse trabalho, numa visão mais ampla, podemos analisar que as IES deveriam compor em seu projeto educativo e de formação, um programa desportivo de qualidade. Entendemos que o desporto, desde que estimulado de uma forma coerente, não reducionista, não buscando apenas o desenvolvimento de capacidades e habilidades, pode auxiliar na formação do aluno no ambiente universitário (essas ideias são compartilhadas pelo SC nas Entrevistas - Gestores). Nossa experiência com a prática da modalidade no ambiente universitário mostra-nos que muitas instituições privadas de ensino superior oferecem o desporto competitivo como uma possibilidade de cativar os futuros alunos para representarem a instituição (por exemplo, com o oferecimento de bolsas estudantis mediante o desempenho esportivo). Essa prática de oferecimento de vagas vislumbrando a possibilidade dos alunos alcançarem resultados esportivos, não faz parte da política entre as instituições públicas. No caso específico da IES estudada, como os próprios gestores indicam nos seus discursos conferidos adiante nesse estudo, por ser localizada em uma região do Brasil que não se constitui em um grande centro populacional pode dificultar a escolha da IES por parte de alguns alunos. Essas características, a princípio tidas como negativas pelos gestores podem ser minimizadas

diante do oferecimento de um projeto desportivo que atinja o interesse dos alunos, fazendo com que o desporto se constitua em um fator de relevância no momento dessa escolha.

4.1.2 Pergunta 2 - Prática do futsal antes de ingressar na Universidade

Diante do conhecimento dos fatores que levam os alunos a procurar o desporto na Universidade, torna-se interessante destacarmos como aconteceu a formação desportiva dos alunos, antes do ingresso na IES estudada. Para isso, formulou-se aos atletas a seguinte questão “Fale sobre os treinamentos anteriores na modalidade”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 2.

Quadro 2 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre os treinamentos anteriores na modalidade.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S2, S3, S4, S5, S6, S7, S9, S10	80	- Era chegar e jogar; - Era só pegar a bola e jogar; - Os treinadores largavam a bola e mandavam jogar; - O treinador interferia para fazer uma jogada de falta ou escanteio; - Era só coletivo.	Os treinos anteriores eram apenas o jogo	Antes eu não tinha trabalho tático. Antes era simplesmente chegar e jogar. Eu chegava, tirava time e jogava. Era um treino sem técnica, era só pegar a bola e jogar, jogar pra se divertir mesmo. Os treinadores que tive desde pequeno só largavam a bola e mandavam jogar. Normalmente, cada um já escolhe as pessoas que conhece, que sabem jogar e acho que é por isso que você mantém um padrão, bagunçado, mas você consegue jogar um futebol legal, você até pode ganhar jogos ou competições. No máximo, o treinador interferia para fazer uma jogada de falta ou de escanteio, mas de resto era só coletivo mesmo, jogado.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S5, S9, S10	30	- Quem tinha mais habilidade era quem se destacava; - Prevalencia a questão individual do que a coletiva;	Aqueles que se destacavam eram somente os mais habilidosos	Quem tinha mais habilidade era quem se destacava, porque estava treinando com outros que tinham menos habilidade e acho que o time não crescia muito. Antigamente, no treino prevalecia muito mais a questão individual do que a questão coletiva, os times dependiam muito mais do jogador A ou o jogador B, hoje não.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S5, S6, S10	30	- Não crescíamos; - Só fazíamos o que estávamos acostumados a fazer; - O treinador pegava um atleta mais pronto.	Não existia evolução com o passar do tempo	Antes, não crescíamos nada. Todos faziam somente o que estavam acostumados a fazer e não evoluíamos nada a partir disso. Acho que melhorando a base técnica, treinando jogadas, acho que isso evolui cada um individualmente e isso é bem positivo. O treinador antes já pegava um atleta mais pronto e se ele não tivesse uma base, ele não se tornaria um jogador da equipe,

				um jogador importante para a equipe porque ele não ia conseguir evoluir.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S3, S4, S10	30	- Muitas vezes ficávamos perdidos; - Falta orientação específica no que melhorar.	Falta de orientações táticas	Eu lembro que antes tínhamos mais posição fixa do que temos agora. Não movimentávamos muito, dependíamos muito da individualidade de cada um, muitas vezes ficávamos perdidos. Era ruim, faltava uma orientação específica no que melhorar.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1, S8	20	- Aprendíamos as jogadas; - Os treinos eram mecânicos; - Meus treinadores prezavam pela parte tática.	O principal objetivo do treino era aprender as jogadas	Dentro da quadra aprendíamos as jogadas, marcadinhas. Os treinamentos anteriores eram mais táticos no meu modo de ver. Eram mais mecânicos. Todos os meus treinadores prezavam pela parte tática, como também jogadas de escanteio, de faltas, que no futsal ganham um jogo, sabemos disso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S5, S7	20	- Todos gostam de chegar e jogar; - Mas só isso não é bom.	Era prazeroso, mas não era bom	O que tinha de bom antes é que todos gostavam, todos gostam de chegar e jogar. A parte mais legal do treino é o coletivo e antes só tinha isso. Mas só isso os jogadores gostam, mas não é bom.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S3, S4	20	- Usávamos mais a raça do que a técnica; - Vejo a persistência de chegar aonde chegamos como positivo;	A vontade individual para vencer era o mais importante	Antes, usávamos mais a raça do que a técnica. Mesmo não tendo a seriedade que tem o futsal na IES hoje, persistíamos. Vejo a persistência pra chegarmos aonde chegamos hoje como positivo. Antes, eu gostava mais porque sabia que ia lá e ia jogar uma pelada, mas uma pelada boa, com gente que sabe jogar. Hoje, os dois times no treino têm padrão de jogo. É muito melhor porque você sabe onde o cara está e as jogadas fluem melhor. Na bagunça você acha que o cara deveria estar ali e ele não estava. No padrão, não tem essa de o cara achar, todos sabem se você deveria estar ali ou não, se está certo ou está errado.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S8, S9	20	- Os jogadores eram mais habilidosos do que eu; - Na posição de ala eu não teria chance; - Eu treinava com jogadores que tinham um nível técnico muito melhor; - Antes existiam jogadores com um nível técnico muito melhor.	Grande disputa por vaga na equipe	Quando eu jogava antes percebia que na posição de ala não teria a menor chance de ser jogador de futsal, porque os alas eram muito mais habilidosos do que eu. Acho que a diferença de treinamento é que antes eu treinava com jogadores que tinham um nível técnico muito melhor. Na IES, pelo nível técnico ser um pouco menor, eu consigo fazer coisas que antes não conseguia. Acho que cresci demais jogando na IES porque comecei a fazer coisas que não fazia, mas sei que se tivesse treinando assim antes eu não conseguiria estar nesse nível, jogando por exemplo de ala. Acho que a diferença de treinamento é que antes existiam jogadores com um nível técnico muito melhor, e hoje não temos jogadores na equipe tão bons assim. Isso faz com que o treino não seja sempre bom e sinto essa dificuldade.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9

S1	10	- Na escola eu tinha bolsa; - Eu tinha a obrigação de treinar; - Eu tinha que trazer resultados.	Treinos obrigatórios	Eu treinava (na escola) com bolsa, então era uma coisa mais obrigatória que aqui. Lá eu tinha obrigação de treinar e os treinos ocorriam mais vezes na semana. Aqui, os campeonatos que participamos são diferentes. Antes era uma coisa regrada, obrigatória, lá eu tinha que trazer resultados e, aqui, desenvolvo a vontade de trazer resultado, não só a obrigação.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S1	10	- Treinos físicos em horários separados.	Presença de treinos físicos	O treino físico antes era mais puxado, nós fazíamos num horário separado. Aqui não temos treinos físicos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
S4	10	- Isso não acontecia por causa da liderança do técnico.	O técnico não era um líder	Antigamente, talvez individualmente as pessoas tivessem interesse em melhorar, mas isso não acontecia por causa da liderança do técnico.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 12	Discurso do Sujeito Coletivo 12
S8	10	- Tínhamos 4 padrões de jogo diferentes.	Presença de treinos táticos	Antes, o time em que jogava tinha até 4 padrões de jogo diferentes, 5 ou 6 saídas de bola diferentes, 5 jogadas de escanteio diferentes, 5 jogadas de falta diferentes. Acho que isso faz muita diferença. Algumas vezes, meu time era tecnicamente inferior ao adversário e nem por causa disso não ganhávamos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 13	Discurso do Sujeito Coletivo 13
S9	10	- Aquele que vinha de fora não tinha a oportunidade de jogar com os melhores; - Era difícil você fazer parte do time.	O treinamento não era justo	Antigamente nos treinos de futsal, o treinamento era dividido em duas partes. Na primeira parte jogavam as pessoas que faziam parte do time. Existiam uns 12 atletas e eles jogavam. Depois que eles jogassem, o professor ia encaixando alguns atletas nesse jogo. Aquele atleta que vinha de fora não tinha oportunidade de jogar com os melhores, porque quando ele entrava, ele jogava com outros atletas e mesmo que você tivesse uma condição técnica boa, era difícil fazer parte do time. Você não conseguia mostrar alguma coisa pelo fato dos jogadores não serem os mesmos que treinaram no início. Achava isso injusto. Acho isso errado, várias vezes saí do treino revoltado porque você pode fazer parte daquilo, mas não faz por causa de um método errado escolhido pelo professor.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 14	Discurso do Sujeito Coletivo 14
S9	10	- A sua posição estava guardada;	Os jogadores estavam acomodados	Todos os jogadores que faziam parte do time estavam acomodados, sabendo que a sua posição estava guardada e hoje não. Hoje, apesar da renovação nesses últimos anos ter sido menor, você sabe que se não demonstrar algo a mais, se não fazer algo a mais pelo time, você sabe que vai perder espaço, não que você irá sair do time, mas vai jogar menos.

Verificamos, no Quadro 2, muitos relatos que distanciam a experiência anterior dos jogadores na modalidade futsal dos suportes teóricos apresentados anteriormente acerca da Pedagogia do Desporto (SC1, SC2, SC3, SC4, SC6, SC7, SC11, SC13, SC14). Esses discursos

reforçam a existência de professores que se ausentam da responsabilidade de mediar o processo de ensino, aprendizagem e treinamento das modalidades desportivas, apesar da ampla difusão das ideias da Pedagogia do Desporto presentes em publicações de livros e artigos científicos. O SC, em sua maioria, comunga com os escritos de Scaglia (2010), afirmando que o método tecnicista é ainda poderoso na cultura de ensino, prática e treinamento do futebol. Para Paes (2001) e Balbino (2001;2005), os professores/treinadores devem abandonar o método tecnicista e investirem em ações que transcendam a simples repetição de movimentos, permitindo uma formação esportiva crítica e reflexiva. Já para Garganta (1996; 1998; 2002), os profissionais do desporto devem difundir os conhecimentos obtidos durante sua formação acadêmica, identificando os aspectos indicadores apresentados por seus jogadores, intervindo com ações pedagógicas que busquem a melhora da qualidade do jogo apresentada.

Diante da proximidade entre o futebol e o futsal, imaginamos que isso pode acontecer em ambas às modalidades, dificultando a compreensão por parte dos técnicos de ser possível ensinar e aperfeiçoar a técnica dentro do contexto de jogo, ensinando-se a técnica por meio da ação tática. Entendemos que o treinador que abre mão do planejamento, do controle e da sua autoridade sobre o processo de ensino, não está preparado para exercer a função. É indispensável que o treinador possua um papel ativo nesse processo, assumindo o seu papel de mediador, deixando o protagonismo nos momentos da aprendizagem de seus alunos, corroborando autores como Reverdito, Scaglia e Paes (2013), Bento (1999) e Galatti (2006). Para isso, sugerimos que o treinador, ao trabalhar com o desporto nas suas diferentes fases de ensino, aprendizagem ou treinamento, se baseie nas ideias de De Rose Jr. (2013a, p. 355). O autor sugere que os treinadores incentivem o gosto e o interesse pelo desporto; incentivem a prática de diversas atividades motoras; possibilitem um clima favorável para a aprendizagem; valorizem o esforço dos alunos; proporcionem oportunidades iguais nas atividades desportivas; estimulem atividades que respeitem o nível individual de cada aluno; possibilitem atividades que atendam os interesses dos alunos; evitem comparações entre os alunos; não exponha as diferenças individuais perante o grupo; corrija os possíveis erros; forneça desafios constantes na aprendizagem; estabeleça um clima de justiça no grupo e estimule a criatividade e a participação de todos.

Visualizamos também jogadores que possuem outras experiências estas mais próximas daquilo que consideramos ideal para a aprendizagem e treinamento do futsal (SC5, SC8, SC9, SC10, SC12). Verificamos nas equipes dessa modalidade na IES estudada, alunos com experiências de treinamento anteriores no futsal, os quais esperam continuar trilhando o mesmo caminho no desporto universitário. Esses jogadores anseiam por um treinamento, no qual

possam aprimorar as suas qualidades desportivas para a obtenção de resultados. Entendemos ser interessante que a IES ofereça essa oportunidade a esses alunos. Adiante, discutimos outros pontos relacionados a esta temática, ao abordarmos a relação dos jogadores com o treinador atual e como acontecem os treinamentos atualmente na IES.

4.1.3 Pergunta 3 - Apoio da IES para desenvolvimento do desporto

Ao escrevermos sobre o desporto universitário, defendemos a ideia de que as instituições de ensino superior deveriam desempenhar papel fundamental no seu desenvolvimento, estimulando as diversas ações necessárias para esse fim. Verificamos na prática, que isso muitas vezes não acontece. Diante da falta de clareza dos objetivos pretendidos com o desporto universitário, temos dificuldade para apontar quais instituições apresentam projetos desportivos para seus alunos e sob quais princípios esses projetos são construídos. Na IES analisada nesse estudo, apresentamos anteriormente dados históricos que revelam o desenvolvimento do desporto na instituição desde as primeiras gestões da AAAUNIFEI, sendo os próprios alunos responsáveis por isso, tendo na IES apenas uma parceria com os gastos financeiros e oferecimento de estruturas físicas para a prática do desporto. Aprofundamo-nos nesse assunto ao indagar sobre o apoio dos gestores na IES estudada.

Diante desse cenário, vislumbramos a importância de verificar como os jogadores das equipes de futsal observam o apoio da IES estudada no desenvolvimento do desporto na instituição. Para isso, formulou-se a questão “Fale sobre o apoio da IES no desenvolvimento do desporto na instituição”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 3.

Quadro 3 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o apoio da IES no desenvolvimento do desporto na instituição.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S4, S6, S7, S8, S10	50	- Não percebem o quão importante é ter uma boa estrutura; - Pista de atletismo e campo ruim; - indiferença da Universidade;	Faltam estruturas físicas	Acho um absurdo a falta de estrutura, o problema com goteiras no ginásio, eles não percebem o quão importante é ter uma boa estrutura aqui. Temos uma pista de atletismo muito ruim, o campo de futebol é ruim, não tem arquibancada, não tem refletor para acender de noite. A quadra de vôlei areia muitas vezes são os alunos que arrumam, a pista para corrida também. Temos o Ginásio Poliesportivo que

		- Temos um excelente atleta de natação e não temos piscina.		precisa de reforma há muito tempo. Desde que minha namorada entrou (um ano antes) já existiam problemas como goteiras. Isso mostra a indiferença da Universidade. Sei que a IES deve seguir as normas de instituições públicas. Porém, pra algumas coisas, não deveria ter tanta burocracia assim quanto há. Temos também outras falhas de infraestrutura, como temos um excelente atleta de natação e não temos piscina.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S3, S8, S10	40	- Se não tivéssemos tanta vontade como temos.	A vontade dos alunos é que desenvolve o esporte na IES	Acho fraco ainda, acho que se não tivéssemos tanta vontade como temos, as coisas não funcionariam como estão funcionando. O esporte aqui na IES não é um atrativo pra quem chega aqui. Você vem porque gosta muito, não porque isso vai agregar alguma coisa pra você, além de praticar aquilo que gosta. Acaba sendo uma questão individual, porque no meu calendário, as terça e quintas tenho o compromisso de ir ao treino, não são todos assim. Quando você é atleta e não é notado na IES como atleta, ou não notam o esforço que você faz para representar a IES, isso não te motiva, acho isso errado. As pessoas que vão treinar, vão porque gostam, não é porque tem algum apoio ou porque vai ganhar alguma coisa com isso. A IES não dá os parabéns e nem ajuda ninguém que faz parte de algum esporte aqui.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S4, S7, S9	30	- Não vi ninguém da direção acompanhar os treinamentos; - Nunca vi algum professor dar os parabéns porque o atleta foi campeão.	Falta de apoio da IES	Não apoia, eu não vejo incentivo. Acho um absurdo a IES ter dinheiro pra fazer eventos culturais no final do ano e não podem arrumar o teto do nosso ginásio. Acho que existem muitas partes vazias aqui no campus, que novas estruturas esportivas poderiam ser construídas. Não precisa de tanto dinheiro pra melhorar. Eu nunca vi alguém da direção da IES acompanhar como são os treinamentos, os atletas. Eu nunca vi a direção ou algum professor dar os parabéns porque o atleta foi campeão em tal lugar, porque o atleta conseguiu um título, eu nunca vi isso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1, S5, S7	30	- O trabalho dos técnicos desportivos é bacana; - Merecimento; - Prova substitutiva.	Há melhoras em relação ao apoio da IES	Acho que está melhorando. Acho que o trabalho que os técnicos desportivos estão fazendo aqui, buscando desenvolver o esporte dentro da IES é muito bacana. Antes, atleta ir para campeonato sem pagar nada não existia. Isso foi melhorando de acordo com presença no treino, com assiduidade dos atletas. Acho que isso foi merecido, foi uma conquista nossa. Eu acho que a IES já está apoiando até em relação a provas. Alguns alunos que foram para os Jogos Universitários Mineiros conseguiram ter uma prova substitutiva, por conta dos jogos ter pegado a época de prova. Isso nunca tivemos aqui.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S7, S8, S9	30	- Existem professores que você	Pouco apoio dos professores e gestores	Um dos problemas é que existem alguns professores que você fica com medo de pedir

		fica com medo de pedir ajuda; - Vejo apoio somente das pessoas que trabalham com esporte.		ajuda por conta do esporte, como a remarcação de uma prova. Pensamos que o professor pode até nos dar outra prova pra fazermos, mas ele dá uma que você não consegue fazer, muito mais difícil. Acho que depende de uma consciência dos professores também, pra mudar isso, da direção da IES principalmente. Acho que poderia ser criada bolsa para atleta, dá pra melhorar muita coisa por aqui. Eu vejo somente apoio das pessoas que trabalham com o esporte. Eu não vejo apoio das pessoas de alto cargo, que ocupam alto cargo na IES e que não apoiam o quanto deveriam. Talvez eles ajudem com alguma verba, mas em relação ao atleta, ou identificar quem são os atletas, quem são aqueles que representam a IES, isso não existe.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S3, S10	20	- A IES não oferece orçamento para a Atlética.	Pouco apoio para a Associação Atlética	A IES poderia ajudar a Atlética no começo do ano, ir de sala em sala falando que nosso esporte está crescendo, que é importante ser atleta, que você pode participar, que vai ter treino tal hora. Isso não ocorre. A Atlética é um elo entre a direção da IES e os jogadores. A Atlética tem que fazer essa mediação, mas a IES não fornece orçamento, dinheiro para a Atlética.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S2	10	- Participamos dos Jogos Universitários Estaduais; - A IES contratou quatro técnicos desportivos.	Existe apoio	Participar dos Jogos Universitários Mineiro foi um apoio. Eu considero o campeonato mais legal que participei, que mais gostei. A contratação dos técnicos desportivos partiu da IES, foi um apoio também.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S4	10	- O esporte não faz parte da visão que querem passar; - Acho que nenhum gestor fez esporte pra saber o quanto ele é importante na formação de uma pessoa.	A IES não percebe o esporte como auxiliar na formação	Eles estão mais preocupados com outras coisas, não sei quais são. Acho que se preocupam em mostrar mais a imagem da Universidade no aspecto educacional, da graduação, pós-graduação. O esporte ainda não faz parte dessa visão que eles querem passar. Acho que o Reitor e as pessoas que são responsáveis pelas verbas para incentivar, acho que nenhum fez esporte pra saber o quanto ele é importante na formação de uma pessoa.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S6	10	- Não estou por dentro.	Falta de conhecimento sobre o assunto	Eu não posso falar muito porque não estou por dentro do que é investido aqui.

Ao construir ideias referentes ao sucesso de diversos países em competições internacionais e em programas de desenvolvimento desportivo, De Bosscher et al. (2009, p. 115) elencam nove pilares que determinam esse sucesso: suporte financeiro, organização e estrutura das políticas esportivas, participação esportiva, identificação de talentos, apoio a ex-atletas, locais e equipamentos adequados para treinamento, participação em competições internacionais, pesquisa científica, e capacitação e desenvolvimento de treinadores. O SC indica

diferentes aspectos referentes ao apoio oferecido pela IES, muitos deles envolvidos com os nove pilares apresentados acima.

O SC1 revela a falta de estruturas físicas para o desenvolvimento do desporto, problema esse que não é exclusivo da IES estudada. A experiência profissional desse pesquisador acerca do desporto universitário revela que muitas IES brasileiras não apresentam instalações adequadas para o desenvolvimento do desporto. Mesmo com o discurso atual presente na mídia sobre a relevância da realização da Copa do Mundo de 2014, das Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 e da Universíade (Jogos Mundiais Universitários) de 2019 no Brasil não temos a estrutura física e organizacional necessária para confirmar o discurso ufanista de nos tornarmos uma potência olímpica em um curto espaço de tempo. As IES brasileiras poderiam ter papel fundamental nesse processo, principalmente no que se refere à realização de pesquisas científicas para o desenvolvimento do fenômeno desporto em todas as suas diferentes vertentes. E, podemos afirmar que isso não acontece por conta da carência de recursos financeiros do governo federal. Como o desporto, muitas vezes, não é reconhecido no Brasil como algo importante na formação educacional dos indivíduos, os gestores das IES públicas brasileiras não se esforçam para elaborar projetos esportivos para atender a comunidade universitária, tão pouco a comunidade da região em que essas IES estão localizadas. Com isso, não é possível utilizar a verba disponível para as construções e reformas de estruturas desportivas. É comum as IES públicas brasileiras devolverem ao governo federal ou estadual boa parcela dos recursos destinados à construção de estruturas físicas. Isso pode ser confirmado em diversas reportagens veiculadas em jornais ou na internet, como por exemplo, no Blog do José Cruz, hospedado no UOL, verificamos um *post* no dia 02/12/2013 informando que uma IES pública brasileira desperdiçou R\$ 16 milhões para reformar seu parque esportivo (<<http://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2013/12/unb-desperdica-r-16-milhoes-para-reformar-parque-esportivo>>). Acesso em 10 jan. 2014.

O SC2 revela que o principal responsável pelo desenvolvimento do desporto na IES é o interesse pessoal dos alunos, sugerindo a ausência do desenvolvimento do desporto dentro do projeto educativo da IES (discurso esse confirmado pelo SC4 no Interesse dos Jogadores pelo Treinamento Desportivo). Diante disso, nos perguntamos quais são os motivos que levam a carência de projetos desportivos no ambiente universitário, já que os alunos afirmam se interessarem pela prática do desporto, como também, podemos constatar mais adiante, gestores da IES estudada afirmarem que o desporto possui papel importante na formação desse aluno. O SC3, o SC5 e o SC8 indicam que a IES não apresenta o desporto como algo agregador à carreira acadêmica, diante da falta de apoio dos professores e gestores. O SC8 ressalta a importância do

desporto na formação dos indivíduos, comungando com autores como Bento (1999; 2006; 2013), Gaya e Gaya (2013), Nista-Piccolo e Moreira (2012a; 2012b). Esses discursos revelam a falta de clareza dos gestores em relação às diferentes possibilidades que o desporto pode proporcionar na formação dos alunos. Torna-se um paradoxo imaginarmos que os alunos entendem o desporto importante como uma atividade formativa, enquanto alguns professores e gestores da IES estudada, responsáveis pelo estímulo de atividades para essa finalidade, não o valorizam nessa ótica. Como o próprio SC4 indica, o fato de a IES estudada possuir um perfil tecnológico pode ser que muitos professores e gestores não tenham vivenciado o desporto nas diferentes fases das suas vidas, contribuindo para essa visão equivocada.

Surgem também relatos sobre algum avanço significativo no apoio das atividades desportivas atuais. O SC4 e o SC7 afirmam que algumas ações como a remarcação de provas, a existência de técnicos desportivos na instituição, suporte financeiro para custear as competições são formas de apoio para a promoção do desporto oferecido pela IES. Entretanto, não foram encontrados nos documentos analisados da IES nenhuma normatização em relação a esse apoio. Isso nos sugere que as atividades desportivas desenvolvidas na instituição acontecem mediante a “simpatia” de alguns gestores, mas não como algo global na instituição (isso é confirmado na Entrevistas - Gestores, apresentado mais adiante). Ou seja, como o desporto não se mostra relevante para a formação dos alunos da IES, na visão daqueles que comandam a IES, seu oferecimento e desenvolvimento está a critério do gosto pessoal do gestor que dirige a IES naquele momento. Entendemos que essa discussão deveria ser fomentada dentro da instituição, sendo que a participação da comunidade acadêmica deveria ser ouvida para a construção dos objetivos envolvidos no desenvolvimento do desporto, podendo fazer parte do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional).

O SC6 revela a falta de apoio da IES para a AAAUNIFEI, entendendo-a como um canal de comunicação entre a direção da instituição e os alunos. Sendo a AAAUNIFEI uma organização estudantil, ela deveria ser independente, de acordo com nosso olhar, mas, muitas vezes, a Atlética não possui os mesmos objetivos da instituição. Isso fica comprovado aos assistirmos competições universitárias. São raros os momentos em que professores ou técnicos desportivos que compõem o quadro docente das instituições de ensino superior são os responsáveis pelo desenvolvimento do desporto. As ações mais comuns remetem toda organização esportiva ser realizadas pelos próprios alunos da instituição, aos membros integrantes da AAAUNIFEI. Nesse modelo, muitas vezes o desporto é a “maquiagem”, ou seja, os alunos afirmam que o desporto é algo fundamental na IES, é algo que deva ser desenvolvido, mas no fundo o que interessa a eles são as festas, os shows, o excesso de bebida, a curtidão,

ações já enraizadas no ambiente de competição as quais de um modo geral estão comumente agregadas à prática do desporto universitário. Na IES estudada, não existe nenhum curso de graduação relacionado à prática desportiva (como Educação Física, Esporte, Ciência do Desporto), o que pode fazer com que nenhuma das ideias defendidas nesse estudo faça parte do planejamento da AAAUNIFEI.

O SC9 relata não ter conhecimento sobre as ações atreladas ao desporto desenvolvidas na IES. Isso pode se consistir em um fator preocupante, pois, mediante a experiência profissional desse pesquisador, observamos que muitos universitários só querem cursar a graduação escolhida visando conseguir o seu diploma, e deixam de participar das discussões referentes aos problemas encontrados na educação superior brasileira, ou ainda de auxiliar na busca de possíveis soluções para melhorar o ambiente universitário.

4.1.4 Pergunta 4 - Relação com os colegas de equipe

O ambiente universitário consiste em um momento importante para a criação de laços de amizade que possivelmente serão mantidos ao longo da vida. Normalmente, é possível verificar a convivência entre alunos de várias regiões nas diferentes IES espalhadas pelo Brasil. Na maioria das vezes, esses alunos estão longe de suas famílias e encontram nos colegas universitários o apoio necessário para cumprirem essa etapa de formação.

No desporto, sabemos da importância de um ambiente familiar de treinamento, de cumplicidade, de tolerância e de amizade. Em uma equipe, acreditamos que é indispensável a amizade entre todos os jogadores. É comum ouvirmos relatos de jogadores de equipes profissionais informando que muitos não se conheciam, mas que a luta por objetivos comuns criou relações de amizade. Segundo os depoimentos dos próprios jogadores torna-se mais fácil obter conquistas de sucesso em um ambiente em que todos se respeitem e tenham amizade entre si. Diante da importância de relações saudáveis entre os jogadores, investigamos como isso se dá entre eles. Para tanto, formulamos a seguinte questão “Fale sobre a sua relação com os colegas de time”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 4.

Quadro 4 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre a relação com os colega de time.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2, S3, S4, S6, S7, S8, S10	80	<ul style="list-style-type: none"> - Nos tornamos amigos pelo tempo que passamos juntos; - Sou muito amigo deles; - São pessoas que vou levar pro resto da minha vida; - É pela amizade ser boa que as coisas dão certo. 	Relação de Amizade	Muito boa, tanto dentro quanto fora de quadra. Nós nos tornamos amigos pelo tempo que passamos juntos. Tudo contribui para uma amizade muito forte. Eu sou muito amigo deles, de todos sem exceção. Acho que o grau de amizade, o grau de união é muito grande. Eu diria que são as pessoas que vou levar pro resto da minha vida, de muito carinho, não precisa ver todo dia para sentir isso. Vamos às festas juntos, viajamos para a cidade do outro, gostamos de estar junto. Nas competições gostamos de ficar juntos, alcançamos resultados bons e isso é uma coisa boa. Eles são as pessoas com quem eu tenho mais amizade na IES, são até mais influentes na minha vida do que pessoas que passam mais tempo estudando comigo. Eu acho até que pelo fato da relação ser muito boa é que as coisas dão certo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2, S3, S5, S6, S7, S9, S10	80	<ul style="list-style-type: none"> - Acho bom não ter diferença dentro e fora da quadra; - O respeito é o mesmo; - Até porque essas pessoas são as que fazem parte do meu cotidiano. 	Amizade igual dentro e fora da quadra	Pra mim é igual. Eu acho isso muito bom, não ter diferença de tratamento dentro de quadra, fora de quadra, acho que estamos em uma grande sintonia. Acho que não tem diferença, o respeito é o mesmo. Ninguém é diferente ali, se faz críticas, são sempre construtivas. A cobrança é muito maior quando você está dentro de quadra, você quer ganhar e vai cobrar seu amigo. Se eu ouvi na quadra um xingamento, eu vou sair de lá e tratar essa pessoa como eu tratava antes de entrar em quadra. Eu acho que tem que ser assim. O relacionamento que temos quando estamos jogando, estamos treinando, ele não muda quando sai da quadra, até porque essas pessoas são as pessoas que fazem parte do meu cotidiano. Eu não consigo perceber diferença nenhuma.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S3, S6, S9, S10	40	<ul style="list-style-type: none"> - Temos o mesmo interesse, o mesmo objetivo; - Mesma sintonia; - Por tudo que passamos juntos, todos se esforçam. - Somos parecidos, isso facilita o convívio. 	A amizade é boa porque os jogadores têm o mesmo objetivo	Temos o mesmo interesse, o mesmo objetivo quando estamos juntos. Existe uma vibração positiva, todos na mesma sintonia, é gostoso conviver com isso. Acho que por tudo que passamos juntos, sejam em treino ou em campeonato, todos se esforçam. Quando conquistamos algo ou deixamos de conquistar, acabamos nos unindo muito mais, mais do que a pessoa que você só vê só no dia a dia e assiste aula junto. A partir do momento que você começa a encontrar pessoas que gostam da mesma coisa que você, as coisas começam a andar melhor, você começa a se identificar. Acho que o pessoal do futsal é muito parecido, todos os atletas, eles têm ideias iguais, ideias parecidas, gostos parecidos, que eu não vejo,

				por exemplo, no basquete aqui da IES. Eu vejo pessoas muito diferentes, entre eles, entre os atletas, e aqui no futsal somos mais parecidos, acho que isso facilita o convívio.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S3, S5, S8, S10	40	<ul style="list-style-type: none"> - Cada vez ficamos mais próximos; - É legal ver essa evolução; - Aprendi a gostar deles como atletas. - Eu ajudo o time, o time me ajuda. 	A amizade melhorou com o passar do tempo	Cada vez mais vamos ficando mais próximos. Por exemplo, um jogador, no início, era muito quieto e agora já está se soltando. Os Jogos Universitários Mineiro ajudou isso acontecer, é muito legal ver essa evolução de uma pessoa com a outra. A relação com os colegas de time é a melhor possível. Adoro-os como pessoas. Aprendi a gostar, não gostava tanto como atletas. Hoje eu aprendi a gostar de cada um como jogador também, não só como pessoa. Eu aprendi a ver a limitação de cada um, aprendi também a observar as minhas limitações que sabia que as tinha. Na IES, consegui ver o que posso fazer e o que não posso fazer pra ajudar o time e isso está me ajudando muito. Eu ajudo o time, o time me ajuda e os atletas que estão jogando comigo gostam disso, como eu gosto também.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S6, S10	20	<ul style="list-style-type: none"> - Tento fazer com que os novos jogadores se sintam bem; - Se você começa a se relacionar mal, ele acaba não voltando. 	Boa recepção aos novos jogadores	Eu tento fazer com que os novos alunos que chegam à Universidade se sintam bem, pra fazerem parte do time. Sempre precisamos de novos jogadores. Houve um tempo que não tínhamos jogadores suficientes pra fazer um treino. Às vezes, os jogadores que chegam aqui têm uma qualidade inferior e se você começa a xingar, começa a se relacionar mal, ele acaba não voltando. Então, tento construir uma boa relação para que ele volte.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S4, S8	20	<ul style="list-style-type: none"> - A minha relação dentro de quadra não é a melhor que pode ser; - Alguns são marrentos dentro e quadra e fora dela são parceiros; - Alguns são marrentos fora da quadra e dentro dela se omitem; - Acho que a relação poderia ser melhor a como encaremos o jogo. 	Diferenças dentro e fora da quadra	Minha relação com o time em si, dentro de quadra, eu sempre acho que dá pra melhorar, seja por questões de orientação, seja tentar demonstrar o que penso, passar o que sei, sempre acho que deixo a desejar. A minha relação dentro de quadra não é a melhor que pode ser. Alguns atletas são de um jeito na quadra e de um jeito fora dela. Antes, jogava com atletas que tinham a personalidade forte dentro da quadra, mas fora da quadra eram pessoas de difícil relacionamento. Aqui, percebi que alguns são diferentes. Alguns são marrentos dentro de quadra e fora da quadra são parceiros, como também alguns fora da quadra são marrentos e dentro da quadra se omitem, não tem a personalidade forte para chamar o jogo para si. Eu gosto de todos, não sei se todos gostam de mim. Só acho que a relação poderia ser melhor em relação a como encaramos o jogo. Eu já falei isso pra algumas pessoas, mas como aqui somos universitários, eles acabam não ligando para isso que é uma coisa muito importante. Eu acabo ficando um pouco

				magoadado por conta disso, mas já aprendi a superar isso e a separar as coisas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S1	10	- Foi o primeiro grupo de pessoas que me acolheram.	Bom acolhimento	Foi o primeiro grupo de pessoas que de fato me apeguei e me acolheram de verdade. Elas me acolheram muito bem e acho que até por isso que é a amizade é forte.
Sujeitos	Freq.	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S2	10	- Eles são mais amigos entre si do que comigo.	A amizade não é a mesma entre todos os jogadores	Eles (os jogadores) são muito mais amigos entre si do que comigo. Por exemplo, eles viajam juntos nas férias, eu prefiro não ir. Mas eu sou muito amigo deles, mas prefiro não ir, por causa de costume diferente, jeito de ser diferente.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S4	10	- São pessoas que viraram minha família.	A relação vai além da amizade	São pessoas que viraram minha família mesmo. No contexto da vida universitária, estamos aqui sem pai e mãe e encontramos apoio nos amigos. As pessoas do futsal são muito importantes, sobre a amizade eu não tenho nem o que falar.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S8	10	- Me decepcionei por conta do nível das pessoas; - Na Universidade temos mais liberdade; - O jogador universitário encara o esporte como uma válvula de escape da Universidade. - Se não pensássemos assim, estaríamos muito melhor do que estamos hoje.	Os jogadores poderiam ter mais seriedade no treinamento	Quando eu cheguei à IES, imaginava o que minha namorada que já estudava aqui falava. Ela colocava na minha cabeça que eu não iria parar de jogar como antes, como treinava antes com jogadores do mesmo nível. Nos primeiros 6 meses, me decepcionei um pouco por conta do nível das pessoas. Eu também não estava jogando no nível que jogava e gosto de jogar porque gosto de competir, gosto de ser competitivo e não conseguia fazer isso aqui. Isso fazia com que não tivesse um bom relacionamento com os colegas como tenho hoje. Uma diferença é a seriedade, a forma como os meus colegas encaram o esporte. Antes, eu tinha um jogo de campeonato paulista muito importante, quartas de finais por exemplo. Treinávamos segunda, terça, quarta, quinta, sexta e o jogo aos domingos. No sábado ninguém fazia nada. Todos se concentravam pro jogo porque todos queriam ganhar, todos sabiam que pra jogar o melhor do seu jogo, precisa estar no melhor das suas condições e acho que essa é a principal diferença do meu outro time para o time universitário. Sabemos que na Universidade temos mais liberdade, até porque estamos longe das nossas famílias. Você tem a liberdade de beber um pouco mais, de fazer outras coisas que antes você não conseguiria fazer e isso atrapalha. Muitos jogadores não separam uma coisa da outra. Em alguns campeonatos, o pessoal acaba bebendo e isso atrapalha. Alguns pensam que não, acham que aquele foi o seu melhor jogo, mas sempre atrapalha. O jogador universitário encara o esporte, o futsal, como uma válvula de escape da Universidade. Você consegue tirar da sua cabeça aquela coisa de prova, de estudo, trabalho para entregar outro dia, aquela rotina de Universidade estressante. Sabemos que

				nossos cursos são de período integral, estamos o tempo inteiro ligados na Universidade. Eu acho que não deveria ser assim. Se não pensássemos assim estaríamos muito melhor do que estamos hoje, apesar de estarmos bem.
--	--	--	--	--

O SC indica a importância da existência de um ambiente de amizade para desenvolvimento dos aspectos voltados ao treinamento desportivo, como também o desenvolvimento acadêmico, comungando com autores como De Rose Jr. (2013a). O SC indica alguns argumentos que justificam o ambiente de boa relação. O SC1 relata a importância do ambiente de amizade construído, compartilhando das ideias de Pinto Sobrinho, Mello e Peruggia (1997) a respeito da personalidade do treinador desportivo ter importância relevante para a criação de um ambiente de boas relações com os atletas que dirige. O SC2 indica a importância de a relação ser semelhante nos momentos vivenciados no desporto e fora dele; o SC3 revela que objetivos de interesse comum entre os jogadores contribuem para o desenvolvimento de uma boa relação; o SC4 afirma que a amizade entre os jogadores evoluiu mediante o aumento da convivência; o SC5 fala sobre a importância de receber bem os novos jogadores; o SC7 sinaliza que foi bem recebido ao ingressar na equipe e o SC9 aponta que os jogadores se transformaram na sua nova família, diante da distância entre os reais familiares.

O SC releva também argumentos que indicam algumas dificuldades, como a existência de diferenças no relacionamento dentro e fora da quadra (SC6), nível de amizade diferente entre os jogadores (SC8) e a necessidade de maior seriedade no treinamento (SC10). Entendemos que alguns atletas com experiências relacionadas ao treinamento a longo prazo visando o desempenho de alto nível aspiram que os treinamentos desenvolvidos na IES atendam a essa expectativa. Ao mesmo tempo, não discordamos da realização de ajustes necessários, por parte do treinador, para atingir as expectativas de todos os jogadores.

4.1.5 Pergunta 5 - Relação com o treinador

Bloom (1985), Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1997) e Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) produziram trabalhos científicos, investigando a vida de indivíduos (estudos retrospectivos) que apresentavam altos níveis de desempenho, nas áreas esportiva, artística, musical, matemática, entre outras. Para os autores, os indivíduos que alcançaram altos graus de desempenho passaram por processos contínuos de treinamento, sendo que o apoio dos pais foi decisivo. Observaram também que esses indivíduos não apresentaram bons resultados nas primeiras etapas do treinamento. A qualidade dos treinadores e professores foi considerada

fundamental no desenvolvimento do talento, já que as diferentes atividades proporcionadas ao longo do processo de instrução estimularam a capacidade de se adaptar a mudanças e desafios, requisitos esses indispensáveis para altos níveis de desempenho. Concordando com esses autores nos aspectos responsáveis pelo desempenho, principalmente em relação à importância do técnico no treinamento, foi necessário investigarmos a relação dos jogadores com o treinador. Para isso, formulou-se a seguinte questão “Fale sobre a sua relação com o treinador atual”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 5.

Quadro 5 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre a relação com o seu treinador atual.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S3, S4, S7, S8, S9	60	- O treinador procura que o relacionamento seja próximo; Essa liberdade faz parte do que o treinador quer de retorno dos atletas; - Somos abertos.	O treinador dá liberdade aos atletas para se expressarem	Acho que o treinador procura que o relacionamento seja mais próximo, que não exista distância entre aluno e professor, técnico e jogador. Essa parece ser a sua filosofia de trabalho, essa liberdade de falarmos o que pensamos, expor nossas vontades, sentimentos, faz parte do que o treinador quer de retorno dos atletas para desenvolver seu trabalho. Se o técnico fala alguma coisa eu respeito, vou fazer o que ele me pediu. Se tenho algo a dizer que não concordo, falo com o técnico, somos muito abertos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S5, S6, S7, S9	50	- É uma relação de amizade; - Fora de quadra é diferente; - Amizade construída com o tempo; - Gosto do jeito como ele leva as coisas.	Relação de amizade	É uma relação de amizade, acaba não sendo muito técnico e jogador. Ela é assim quando precisa ser, mas fora de quadra é bem diferente, somos muito amigos, temos um relacionamento fora de quadra, às vezes nos encontramos nas saídas pela cidade, conversamos fora do horário de treino. Na quadra é mais profissional. Acho que é o certo, temos que saber separar as coisas. Não podemos ser amigos dentro da quadra, sendo que existem coisas erradas a consertar. É uma amizade que foi construída com o tempo. Considero um amigo fora de quadra e quando jogamos é alguém que tento ouvir, pra fazer dar certo. A relação é muito boa, gosto muito dele, gosto do jeito como ele leva as coisas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S3, S4, S6, S7, S9	50	- O técnico se abriu conosco e o inverso também aconteceu; - Só o tempo nos permite conhecer o	A relação evoluiu com o tempo	Teve uma excelente evolução. O técnico se abriu mais conosco, e o inverso também aconteceu, foi pouco a pouco. Acho que foi tudo questão de conversamos e só tempo nos permite conhecer alguns mínimos detalhes de como é o comportamento do outro, como o outro pensa.

		comportamento do outro; - Hoje, fico à vontade com o treinador.		Quando entrei, era mais distante do treinador porque não o conhecia direito, mas com o passar do tempo fui conhecendo e pra mim o treinador é como qualquer colega de time. O treinador no começo não conversava tanto, já ia direto ao assunto do treino. No começo, isso causou um pequeno impacto, você até antipatiza, achando que o novo treinador não gosta de você. Isso mudou com o tempo, acho que melhoramos muito. Hoje fico totalmente à vontade com o treinador, de conversar qualquer coisa. No começo, pensava que o treinador não gostava de mim. Até porque a torcida colocava faixa nos jogos pedindo para eu jogar, achava que o treinador pensaria que eu tinha pedido pra eles fazerem isso, ainda mais que antes era titular e com o novo técnico era reserva. Mas não, o tempo consertou as coisas, percebi que esse é o jeito dele mesmo, vi que não era só comigo, outras pessoas do time diziam que ele falava pouco. Depois, ele foi ficando mais à vontade e o relacionamento melhorou muito.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S2, S7, S9, S10	40	- Acho que tem respeito de ambas as partes; - Podemos ter discutido coisas do futsal na quadra, mas fora dela nunca tivemos problema.	Existe um respeito mútuo	Eu considero a relação normal como sempre foi com todos os meus treinadores. Com todos eles eu conversava, colocava o meu ponto de vista, ouvia o ponto de vista dele. Eu nunca fui uma pessoa de enfrentar, de não aceitar o que os outros falam. Esse é o meu jeito. Eu acho que tem respeito de ambas as partes, apesar de existirem algumas diferenças, sempre respeitei o treinador. Acho que o treinador sempre me respeitou também, sempre conversou comigo de maneira educada. Às vezes tem que cobrar, acho que teve uma boa atitude de ambas as partes. Podemos ter discutido coisas do futsal dentro da quadra, dentro do vestiário, mas fora dela nunca tivemos problemas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1, S2, S4	30	- Precisa ter um tratamento especial para cada jogador; - O ideal seria saber o jeito de cada um; - Acho que o fato do treinador me conhecer fez com que eu melhorasse; - O treinador faz uma avaliação criteriosa antes de pegar no pé de um ou de outro; - Isso mostra que o treinador presta atenção em cada um.	O técnico deve saber lidar com cada atleta	Acho que precisa de um tratamento especial para cada jogador. Cada um é de um jeito, é muito difícil. Mas o problema é a falta de tempo. O ideal seria saber o jeito de cada um, o importante para cada um. Por exemplo, aquele jogador em todo treino eu tenho que falar pra ele coisas positivas, porque senão ele não vai evoluir. Aquele outro que tem que xingar todo treino, só assim ele melhora. Cada um tem que ter um tratamento específico e é muito difícil isso. Lembro que no começo, o que talvez me ajudou a melhorar, foi falar para o treinador que, ao invés de orientar sobre o que fazia errado, ele deveria falar como eu faria pra acertar, porque ele me colocaria pra cima, me orientaria melhor assim. Isso pra mim fez diferença. Acho que o fato do treinador me conhecer mais, de saber como jogo, os meus comportamentos fora de quadra, fez com que eu melhorasse. Acho que o treinador avalia também quem é essa pessoa, se

				sou eu ou o jogador A ou B, ele avalia quem é essa pessoa pra saber como lidar com esse desenvolvimento, o que precisa. Ele procura avaliar qual a melhor hora de cobrar mais de um, cobrar mais de outro, cobrar em determinado aspecto ou em outro. Acho que o treinador faz uma avaliação um tanto criteriosa antes de pegar no pé de um ou pegar no pé de outro pra melhorar alguma coisa. Acho isso bom, eu percebo que quando o treinador vai cobrar uma coisa de outro jogador é um pouco diferente de como ele me cobra. Acho isso importante porque mostra que o treinador se importa com a maneira com que a pessoa vai receber a crítica, isso mostra que o treinador presta atenção em cada um em um contexto geral, acho que é bacana sentirmos essa particularização também.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1, S10	20	- O treinador é jovem, consegue discutir assuntos da nossa faixa etária.	A pouca diferença de idade ajuda	Acho que a diferença de idade é um fator que ajuda bastante. Como o treinador é jovem, ele consegue discutir mais assuntos da nossa faixa etária.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S4	10	- Aprendemos a trabalhar juntos; - Encontramos um modo do treinador me orientar diferentes dos outros.	O treinador e os jogadores aprenderam a trabalhar juntos	Aprendemos a trabalhar juntos, a entender mais um ao outro, respeitar mais um ao outro. Eu vejo isso como um crescimento porque tive alguns momentos em que ficava muito nervoso e não entendia as orientações. Conversando, encontramos um modo do treinador me orientar diferente dos outros, porque eu só entendia de outro jeito, então foi tudo uma questão de conversa. Eu acho do começo até hoje, a relação melhorou muito.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S4	10	- Acho que poderia ter mais intimidade, confiança, proximidade.	A relação poderia ser mais próxima	Acredito que poderia ter mais intimidade, confiança, proximidade mesmo, com mais tempo de convivência. Existiu um período que o treinador estava viajando, por conta do mestrado dele e eu também não tive tão presente em algumas coisas que aconteciam aqui.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S4	10	- O treinador será uma pessoa que levarei pro resto da minha vida; - Ele me ensina coisas que não aprenderia com nenhum outro tipo de pessoa.	Importância do treinador como professor	Eu considero uma pessoa muito importante, um professor pra mim. Da mesma forma que levarei os meus amigos de time para a vida, com certeza o treinador será uma pessoa que levarei pro resto da minha vida como um dos meus melhores professores. Têm professores na Universidade que não vou lembrar, enquanto irei lembrar do meu treinador o resto da minha vida. Ele me ensina coisas que não aprenderia com nenhum outro tipo de pessoa. Eu também enxergo quanto sério ele leva o nosso time, acho que nosso time é especial pra ele e isso faz com que seja especial pra nós também, pra mim é.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S8	10	- Queria que ele cobrasse mais os jogadores;	O treinador deve cobrar mais os jogadores	Queria que ele cobrasse mais os jogadores, porque a maioria deles não tem essa formação no futsal, não sabe bem como é o futsal, não sabe

		- Precisa de um pouco mais de rigidez do treinador.		como tem que ser para ganhar as partidas, pra ganhar campeonatos, pra seguir sendo vitorioso. Ele precisa disso, precisa de um pouco mais de rigidez do treinador e precisa um pouco mais dessa parte tática mesmo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
S8	10	- Acredito que ele vai evoluir porque está se aprimorando.	O treinador busca se aprimorar	Gosto muito dele, acho que ele é um bom técnico, jovem ainda, tem muito o que evoluir e acredito que vai evoluir porque sei que ele busca sempre novas condições, novos padrões de jogo, novas formas de evolução. Ele está se aprimorando até mesmo com pesquisas, então sei que ele vai melhorar. Vai melhorar na parte tática também e tenho certeza que quando ele evoluir um pouco mais, acho que o time vai ficar muito melhor do que é hoje.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 12	Discurso do Sujeito Coletivo 12
S9	10	- Consegui ver que ele realmente entendia o que estava fazendo; - Ele acertou nosso time; - O que ele disse em relação à nossa organização tática foi muito bom.	A confiança no treinador é proporcional ao seu entendimento sobre o jogo	Eu comecei a aceitar ele como técnico ou como pessoa a partir do momento... eu lembro muito bem, falo isso pra todo mundo... que em um dos jogos, tínhamos treinado muito pouco e eu consegui ver que ele realmente entendia o que estava fazendo. Ele conseguiu acertar o nosso time em cinco minutos conversando com uma prancheta na mão. Por mais que algumas vezes os outros times não eram tão bons assim quanto o nosso, vi que o que ele disse em relação à organização tática do nosso time foi muito bom. A partir daquilo eu comecei a aceitar ele como meu treinador.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 13	Discurso do Sujeito Coletivo 13
S9	10	- Era notável a questão dele querer fazer com que você melhorasse como jogador; - Eu via no meu técnico o fato dele sempre querer encontrar um jeito do nosso time jogar.	O treinador quer melhorar o time	A relação foi sempre boa. Era notável a questão dele querer fazer com que você melhorasse como jogador, a questão dele querer fazer nosso time vencedor. Eu via no meu técnico o fato dele sempre querer encontrar um jeito do nosso time jogar, tanto que no ano passado ele encontrou um jeito e conseguimos ganhar algumas coisas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 14	Discurso do Sujeito Coletivo 14
S9	10	- O meu tempo de jogo foi diminuindo; - O fato de ter perdido espaço, aquilo era uma situação desconfortável; - Eu não via no meu treinador a confiança que ele tinha em mim.	Dificuldades por conta da perda de espaço na equipe	Ano passado tínhamos um time reduzido, tínhamos de cinco a seis jogadores que eram mais experientes e já tinham jogado alguns torneios anteriores, sendo que o time dependia desses cinco, seis jogadores. A confiança que o treinador tinha em você era maior, a confiança que seus companheiros tinham em cima de você era maior e no ano passado deu resultado. Os torneios que sempre quis ganhar e não conseguia ganhar, com a chegada do novo treinador conseguimos ganhar. Mérito dos jogadores e mérito dele. Nessa época o time dependia mais de mim. Esse ano, por ter tido uma renovação maior, por eu ter treinado menos ou pelas pessoas que antigamente não tinham experiência terem um tempo maior no time, o meu tempo, a minha participação no jogo foi diminuindo e foi

				<p>por isso que conversei com o treinador. Em muitos momentos, a questão do atrito que tinha com meu treinador era pelo fato de eu não ver mais a importância da minha participação pra ele e para o time. Eu era só mais um dentro do time e pensava que ele não considerasse que eu pudesse resolver um jogo, que faria um gol e ganharíamos um título. O fato de ter perdido espaço, aquilo pra mim era uma situação desconfortável. Eu não via mais no meu treinador a mesma confiança que ele tinha em mim no ano passado. O treinador diz que é tudo uma questão de mérito, talvez eu não merecesse mais essa confiança.</p>
--	--	--	--	--

O SC se aproxima de muitas das ideias apresentadas no referencial teórico. O SC1 revela aspectos referentes à importância de participar das decisões do treinamento, partilhando das ideias de Buceta (2010) e D'Arripe-Longueville et al. (2001). De acordo com o SC1, o técnico analisado apresenta um estilo de liderança que se aproxima do estilo participativo (CHELLADURAI E HAGGERTY, 1978) e do estilo consultivo (CHELLADURAI, 1990). O SC nos remete à Lourenço (2010), ao escrever sobre liderança inspirado nas palavras expressas por José Mourinho, famoso técnico de futebol português. Para o treinador:

A liderança não é uma mera questão de emitir ordens, mas envolve também a orientação por meio do exemplo e a atração dos outros para que se cumpram um determinado papel. [...] liderar é guiar. Quando você manda, você castra. Quero desenvolver capacidades quer ao nível individual quer ao nível coletivo. Guiar é um percurso que dá alguma flexibilidade ao nível comportamental, também ao nível mental e por isso os jogadores não se sentem algemados e sentem alguma liberdade (LOURENÇO, 2010, p. 66).

O SC2 e o SC4 se aproximam dos autores Pinto Sobrinho, Mello e Peruggia (1997), destacando a relevância da criação de um ambiente de treinamento saudável, em que exista amizade entre os membros do grupo. O SC3 e o SC7 caminham nessa mesma direção, indicando que o tempo de convivência é um dos fatores responsáveis pela construção do ambiente saudável citado anteriormente. O SC9 corrobora os estudos de Bronfenbrenner (1995) e Jowett (2008), ressaltando a importância do treinador como alguém que influenciou positivamente na sua vida.

O SC5 destaca a importância de o treinador saber como se relacionar e como ensinar cada atleta durante os treinamentos e jogos. Podemos relacionar esse discurso com as ideias de Gardner (1999), Nista-Piccolo (2005), Zylberberg e Nista-Piccolo (2008), entendendo os diferentes caminhos que podem levar o aluno a se desenvolver, trabalhando com cada aluno de modo diferente, atingindo a todos. O SC6 ressalta que o fato do treinador ter uma idade próxima da idade dos jogadores auxilia no diálogo diário.

O SC8 aponta a possibilidade de estreitamento da relação entre o treinador e os jogadores, indicando que isso deva acontecer mediante ações e atitudes de ambas as partes. O SC12 e o SC13 afirmam que os jogadores respeitaram o treinador a partir do momento em que sua competência foi percebida, mediante os resultados do trabalho desenvolvido nos treinamentos, como também perceber a disposição do treinador em buscar evoluir a equipe.

O SC10 e o SC14 revelam aspectos que podem ser considerados como prejudiciais no relacionamento entre os jogadores e o treinador. O SC10 ressalta a necessidade de o treinador cobrar mais os jogadores durante os treinamentos, entendendo que isso é necessário para melhorar o desempenho do time. Já o SC14 aponta dificuldades no relacionamento com o treinador nos momentos em que passou a jogar menos. No seu depoimento esclarece que não é possível verificar os motivos dessa decisão por parte do treinador, mas sugere que o treinador se mostrou aberto ao diálogo em relação a essa questão, o que consideramos como ponto positivo. Acreditamos que essas informações estão associadas ao estilo de liderança do treinador, já comentado anteriormente.

O SC11 comunga com a escrita de Rosado e Mesquita (2008), entendendo que a formação acadêmica universitária constitui um excelente ambiente na produção de novos saberes. Entendemos que os treinadores devem buscar a capacitação profissional, seja mediante a realização de cursos de formação ou realizar pesquisas acadêmicas, como cursos de pós-graduação. A interlocução entre a atividade profissional e as pesquisas científicas é o caminho para a produção dos novos conhecimentos, que são indispensáveis para melhorar a prática profissional dos treinadores.

4.1.6 Pergunta 6 - Expectativas dos jogadores

Abordamos anteriormente a necessidade de o treinador ocupar a função de mediador do processo de ensino, aprendizagem e treinamento das modalidades desportivas. No Interesse em fazer parte da equipe de futsal, verificaremos os diferentes aspectos que compõem o interesse dos alunos em fazerem parte das equipes de futsal na IES. Entendemos ser importante que o técnico desportivo compreenda quais são as expectativas dos indivíduos ao procurarem o desporto universitário, como também investigar se elas são atendidas.

Para investigarmos quais são as expectativas dos jogadores e se elas são atendidas, formulamos a seguinte questão “Você acredita que suas expectativas são atendidas nos treinamentos?”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos

ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 6.

Quadro 6 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Você acredita que suas expectativas são atendidas nos treinamentos?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2, S3, S5, S6, S7, S9	70	- Sempre que estou disposto evoluo; - Eu procuro fazer o meu melhor; - Me tornei um atleta melhor.	As expectativas são atendidas	São atendidas. Sempre que estou disposto acho que evoluo no treinamento. Mas em dias que estou desanimado, fui mal à prova, não rendo o esperado. Eu procuro fazer o meu melhor e procuro gerar os melhores resultados. As coisas foram sendo alcançadas a partir do momento que fomos trabalhando, isso foi uma coisa nova que aprendemos. A expectativa nossa é sempre melhorar. Eu me tornei um atleta melhor, taticamente falando.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S7, S9	30	- É me desenvolver como pessoa mas como atleta também; - Isso é mais importante do que melhorar na parte técnica; - É como se fosse uma família, acho que é muito bom treinar isso.	Expectativas dos jogadores de se desenvolver como atleta e como pessoa	As minhas expectativas com os treinamentos é me desenvolver não só como pessoa mas como atleta também. Isso é atendido e o importante, como o treinador sempre fala é melhorarmos como pessoa, isso é muito mais importante do que melhorar na parte técnica. No jogo, você faz o que pode, tenta melhorar aquilo em que você não é bom. Porém, mais importante que isso é você procurar melhorar como pessoa, melhorar as atitudes. No futsal você tem o sentimento de equipe, união, apoio. É como se fosse uma família, um grupo de trabalho, acho que é muito bom treinar isso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S3, S4, S6	30	- Eu vou para o treino para suar.	Desgaste Físico	Eu vou para o treino para suar mesmo. Eu tenho a expectativa de ir ao treino e chegar em casa cansado.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S2, S3	20	- Quando não consegue, não é culpa do técnico; - É culpa dos jogadores que estão com problemas; - Vinha treinar e não tinha gente.	Quando não atende a culpa é dos jogadores	Quando não consegue, não é culpa do técnico. É culpa dos jogadores que estão com problemas. Por exemplo, todos tiveram prova, estão desanimados, acho que o técnico não tem culpa sobre isso. Não importa o que ele fizer, pois as pessoas estarão desmotivadas. Quando não estamos em época de prova, raramente tem um treino que não dá certo. Agora teve greve, quase todo período foi época de prova, aí não deu. Às vezes vinha treinar e não tinha tanta gente. Isso é um ponto que altera nossa expectativa... Tomara que os treinos sejam levados mais a sério ano que vem, mais que nesse ano.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S5, S8	20	- Acho que atende quando saio com vontade de melhorar.	Treinar para aprender coisas novas	Eu acho que atende quando saio do treino cansado e com muitos pensamentos sobre o jogo, tentando pensar em jogadas, tentando lembrar o que foi passado no treino, tanto na

				parte de movimentação quanto jogada ensaiada, quando saio com vontade de melhorar. Eu venho sempre com a expectativa de dar os meus 100%, de treinar, de tentar evoluir ao máximo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S8, S10	20	<ul style="list-style-type: none"> - Você vê um desenvolvimento sempre; - Acho que o treinador gosta de ensinar o pessoal; - Os jogadores chegam aqui e já conseguem ter uma evolução; - Vejo um grande esforço da comissão técnica em fazer o melhor para o time. 	Evolução da equipe a cada semestre	<p>Avaliando agora depois de dois anos, se você fizer uma avaliação de seis em seis meses, você vê um desenvolvimento sempre. Pra mim é fundamental não terminar um semestre sem ter desenvolvido nada, nenhuma questão técnica ou tática e acho que isso aconteceu. Acho que o treinador gosta de ensinar o pessoal, quer dar uma base para os que não têm, porque muitos aqui não tinham e entram no time sem saber. O treinador tentou treinar uma base e evoluir o atleta. O treinador atual é diferente dos outros que tive aqui, porque os jogadores chegam aqui e já conseguem ter uma evolução. Eu já observei em alguns atletas aqui essa evolução. Acho que, por conta do tipo de treinamento, o investimento que está tendo, o time tende a crescer bastante, se continuar com essa filosofia, se o treinador continuar com os seus ensinamentos, continuar com a discussão aberta nos treinos, continuar a se esforçar para melhorar o time. Vejo um grande esforço da comissão técnica em fazer o melhor para o time, fazer com que o time melhore também. Eu acredito muito nesse time, eu acho que vai pra frente se continuar assim. Estão entrando cada vez mais alunos na Universidade e cada vez mais vão existir jogadores melhores. Acho que quando você se empenha em alguma causa, como é o caso da nossa comissão técnica e nossos jogadores, só tende a melhorar porque é se empenhando, se esforçando que o time cresce.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S8, S9	20	<ul style="list-style-type: none"> - A importância do treinador dentro da equipe é muito grande; - Faz muita diferença o contato diário com o treinador; - Os jogadores não depositam a mesma confiança no outro profissional. - Se ensinamos, acabamos não aprendendo. 	Não atende quando o técnico não participa do treino	<p>Passamos por um período de dificuldade nos treinos. A importância do treinador dentro do time, dentro da equipe é muito grande. O treinador está fazendo sua pesquisa, está procurando evoluir e por isso ele não conseguiu ficar com o time nos dois treinos que temos semanalmente e isso dificultou muito. O auxiliar técnico é uma excelente pessoa, porém não tem uma base de futsal, não foi criado no futsal e não conhece tanto de esporte. Assim, acaba que o treino com o auxiliar tem muita diferença do treino 100%, de um treino com o treinador aqui. Acho que faz muita diferença ter o contato diário com o treinador, com a pessoa que conhece mais futsal, mais do que eu porque estudei pra isso, está estudando isso. Nós jogadores não temos conhecimentos técnicos, teóricos. Conviver com alguém que sabe mais você é sempre melhor do que conviver com alguém que sabe menos. Se ensinamos, acabamos não aprendendo. Precisamos ir ao treino para aprender sempre mais, é o único jeito de evoluir. A partir do</p>

				momento em que o treinador passa a não fazer parte de um treinamento durante a semana, faz com que os jogadores não tenham a mesma confiança, eles não depositam a mesma credibilidade no outro profissional que vai estar comandando o treino naquele dia. Aquilo vai desmotivando. Por que vou treinar se o treinador não está lá? Eu pensava assim, mas isso é uma visão errada de atleta.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S5	10	- É desgastante conciliar a universidade e o time.	Dificuldades para conciliar a IES e o Futsal	É desgastante conciliar a Universidade e o time. Você vê os colegas terem prova, ou aula no dia de treino, isso prejudica o nosso desenvolvimento no treino. Não é por falta de vontade, vontade de melhorar todos tem. Não estamos aqui pra jogar, não somos pagos pra jogar, temos poucos jogadores, e quem está aqui vem para aprender a jogar porque gosta.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S9	10	- Os torneios que sempre quis ganhar conseguir.	Conquistas pessoais alcançadas	Os torneios que sempre quis ganhar consegui. Antes, não conseguia ganhar porque meu time não tinha capacidade. Com a chegada do novo treinador, conseguimos ganhar: mérito dos jogadores e mérito dele.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S10	10	- Eu gostaria de ter um treinador de goleiros.	Necessidade de um treinador de goleiros	As minhas muitas vezes não são, porque sou goleiro. Eu gostaria de ter um treinador de goleiros acompanhando os treinamentos, porque acredito que assim eu evoluo muito. Em um período em que o auxiliar técnico treinava especificamente os goleiros, mesmo em períodos reduzidos, eu já senti diferença. Nessa parte as minhas expectativas não são atendidas.

O SC indica diferentes expectativas a serem atingidas no treinamento do futsal. Para a maioria dos sujeitos, as expectativas individuais são atendidas (SC1). Bloom (1985), De Rose Jr. (2013), Bronfenbrenner (1995) ressaltam a importância do trabalho do treinador em transcender o desenvolvimento esportivo, buscando o desenvolvimento de valores e atitudes. Isso é confirmado pelas expectativas do SC2. O SC3 que relatam a busca do desgaste físico como objetivo no treinamento, afirmação essa que nos leva a refletir sobre os processos de iniciação esportiva vivenciados pelos jovens, que podem não contribuir para a formação desse indivíduo. O SC5 afirma ter a expectativa de aprender novos conhecimentos, de evoluir em relação ao treinamento desportivo, função essa característica do treinador. O SC6 e o SC9 abordam a importância de perceberem evolução na equipe e nos jogadores a cada semestre de treinamento (SC6) e o fato de atingirem os objetivos pessoais traçados anteriormente (SC9).

Já o SC7, o SC8 e o SC10 relatam aspectos que os dificultam a atingir suas expectativas no treinamento. O SC7 revela que a ausência do treinador durante alguns treinamentos dificultou a aprendizagem. Esse SC indica ainda a diferença na qualidade profissional entre o

treinador e seu auxiliar técnico, afirmando a importância da capacitação profissional para exercer a função de treinador. É importante comentarmos um discurso desse sujeito, “se ensinamos, acabamos não aprendendo”. Entendemos que o processo educativo consiste em uma via de mão dupla, em que todos os indivíduos envolvidos, independentemente do nível intelectual sobre aquele assunto, aprendem novos conhecimentos. O SC8 fala sobre a dificuldade em conciliar a realização do seu curso de graduação com o treinamento desportivo, indicando a falta de um planejamento da IES para que esses alunos possam se dedicar em ambas as atividades. Esse discurso é compartilhado pelos gestores e ex-treinadores da IES, afirmando que o calendário acadêmico é muito extenso, o que prejudica o desenvolvimento de atividades extracurriculares. O SC10 afirma dificuldades por conta da posição de goleiro. Esse SC afirma que os treinamentos para os goleiros acontecem em períodos reduzidos, já que a IES não possui um treinador específico para os goleiros. Isso prejudica o aprimoramento do desempenho necessário para essa posição, fundamental no futsal.

4.1.7 Pergunta 7 - Treinos desenvolvidos na IES

Para Reverdito, Scaglia e Paes (2013), apesar dos avanços alcançados na concepção da Pedagogia do Esporte, existem obstáculos que ainda precisam ser superados. Um desses aspectos consiste no fato do papel do treinador ser reduzido a um caçador de talentos, não acreditando na possibilidade do esporte ser ensinado. Os autores ressaltam também a distância entre o que o professor acredita que ensina e como ele ensina, contribuindo assim para o distanciamento entre a teoria e a prática, como também a ausência de estudos relacionados com as implicações pedagógicas que envolvem a prática esportiva.

Isso posto, investigamos a percepção dos jogadores sobre como o treinamento na IES estudada acontece, como também quais são os conteúdos desenvolvidos pelo treinador. Para isso, formulamos a questão “Fale sobre o treinamento atual, como ele acontece, os conteúdos desenvolvidos, aspectos positivos e negativos”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 7.

Quadro 7 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o treinamento atual, como ele acontece, os conteúdos desenvolvidos, aspectos positivos e negativos.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S3, S4, S5, S6, S7, S9, S10	70	<ul style="list-style-type: none"> - Acho muito bom essas jogadas de 2x1, 4x3, 3x2; - Temos que saber qual é a melhor forma de se posicionar nessa hora; - Eu tenho que confiar no método do treinador; - Percebo que isso traz resultados para o time. 	Presença de atividades de superioridade, igualdade e inferioridade numérica como positivas	Acho muito bom essas jogadas que temos nos treinos de 2x1, 4x3, 3x2, eu gosto de jogar. Gosto mais de defender do que atacar nesses treinamentos. Gosto de situação que estamos em desvantagem. Quando fazemos 3x2, temos que saber qual é a melhor forma de se posicionar nessa hora, às vezes até mesmo na saída de bola, quais formas temos de rodar, quadrado, triângulo. São essas orientações que precisamos, precisamos de um técnico que saiba como fazer pra nos ensinar. Os treinos com um a menos na defesa tem ajudado bastante nos campeonatos. Esses treinos, eu particularmente acho chato, acho chato qualquer coisa que não seja 5x5. Mas acho que isso reflete na partida e como todos se empenham no treino, isso gera bons resultados. Eu fico me cobrando por achar chato, às vezes treino com preguiça, esperando a hora do jogo mesmo. Mas eu tenho que confiar no método de treino do treinador. Ele estuda isso, percebo que isso traz resultados pro time. Eu acho que por causa dessas atividades o time melhorou bastante.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2, S4, S7, S8, S9, S10	70	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentações de ataque e defesa; - O treinador começou a introduzir um método de jogo pro time; - Tínhamos aquelas coisas repetitivas; - Treinos de defesa. 	Presença importante de treinos táticos	Um exemplo de treinos táticos são aqueles com movimentações de ataque e defesa. Como não tínhamos nenhum padrão de jogo, o treinador começou a introduzir um método de jogo pro time, tanto que muitos dos jogadores, eu mesmo, passamos a aprender muitas coisas, por exemplo, o jeito de marcar. Ano passado, praticamente o time era marcador, então quando chegávamos ao treino tinha aquelas coisas repetitivas, que faziam com que você chegasse em casa morto, aquilo deu muito resultado. Treinos de defesa, dobrar a marcação, aquilo pra mim era novidade, aquilo melhorou muito todos os jogadores de uma forma que hoje, quando você joga um jogo de brincadeira assim, se você dobra a marcação é certeza você pegar a bola, sabe? Aquilo desenvolveu todos, aquilo foi fundamental pro nosso time ter conseguido ganhar algumas coisas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S4, S5, S7, S10	50	<ul style="list-style-type: none"> - Temos que saber qual é a melhor forma de se posicionar; - Treinamos isso bastante antes e 	Treino baseado em situações de jogo	Quando fazemos atividades de 3x2, temos que saber qual é a melhor forma de se posicionar quando estamos nessa situação num jogo. Essa é a jogada que sempre acaba acontecendo no coletivo. Treinamos isso bastante antes e depois no jogo acaba saindo. Aplicamos à mesma ideia, a mesma coisa sem saber. Eu percebo o

		depois no jogo acaba saindo. - Tudo que fazemos na quadra tem uma finalidade e vai agregar em alguma coisa pro nosso jogo.		treinamento de diversos pontos, treinamento simulando várias situações de jogo, com várias possibilidades. Absorvemos bastante daquilo que achamos que é brincadeira, isso acontece bastante. Às vezes no treino fazemos uma atividade tipo brincadeira, sem intenção nenhuma e com o passar dessa brincadeira o treinador nos dá uns toques. Nessa hora, percebemos que no fundo tem algum fundamento pro nosso jogo em si. Tudo que fazemos dentro da quadra, mesmo que seja brincadeira, tem uma finalidade e vai agregar em alguma coisa pro nosso jogo por exemplo. Nenhuma brincadeira é sem sentido.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S2, S3, S4, S6	40	- Poderíamos ter mais treinos físicos; - Esse é um ponto negativo; - Falta musculação para melhorar o desempenho do atleta.	Faltam treinos físicos	Poderíamos ter mais treinos físicos, mas sei que isso é muito difícil. Acho que isso falta, no jogo é muito importante. Acho que as pessoas não conseguem ir treinar fora do horário de treino. Acho que os jogadores valorizam muito o treino quando começamos com exercícios físicos no começo, com atividades dinâmicas com cone, com corda, com marcação de tempo, corrida. Eu já cheguei a analisar uma época em que o treinador começava o treino com atividades físicas, era muito difícil alguém chegar atrasado, porque sabia que se chegasse atrasado ia perder aquela atividade. Acho que esse é um ponto negativo, porque devemos ter duas horas de atividade de treino técnico, mas infelizmente não são todos que conseguem ir fora do horário fazer um treino físico. Talvez, tirar um pouquinho desse tempo não vai prejudicar o lado técnico. Acho que falta musculação pra melhorar o desempenho do atleta. Eu não sei a diferença que teria meu desempenho com esse tipo de treino. Eu não sei por que nunca fiz. Tenho certeza que meu desempenho seria melhor, o problema é que não gosto muito do treino físico, como a maioria não gosta. Talvez, se essas atividades fizessem parte dos treinos, eu poderia mudar de ideia.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1, S8	20	- O treino é bem específico em relação à época do ano em que estamos; - essa parte técnica e tática varia conforme a nossa necessidade; - Depende do que o treinador achar deficiente naquele momento.	Treinos específicos em relação à necessidade atual da equipe	O treino é bem específico em relação à época do ano em que estamos, se estamos em preparação para o ano ou se estamos perto de algum campeonato. O treinamento é levado conforme a capacidade e a mentalidade do atleta universitário permite. Fazemos jogadas que são básicas, porém eficientes, que dão certo porque estamos ganhando. Essa parte técnica e tática varia conforme a nossa necessidade. Por exemplo, se nos últimos campeonatos precisamos melhorar a marcação, o treino é sobre isso. Se precisarmos melhorar o ataque, o técnico trabalha para isso, vai depender do que o treinador achar deficiente naquele momento e eu acho isso certo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6

S1, S2	20	- Treinos específicos em relação a melhorar os fundamentos; - A diferença técnica é muito grande.	Presença de treinos para melhorar os fundamentos	Acho que temos bastante treino específico em relação a montar uma jogada, a melhorar os fundamentos e particularmente gosto disso, de ter treinos para melhorar fundamentos. Acho isso muito importante, simplesmente não pegamos a bola e ficamos jogando. Acho que isso acontece pelo fato do time ser muito heterogêneo, têm alguns que nunca jogaram e a diferença técnica é muito grande.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S2, S5	20	- Um ponto negativo é as pessoas não irem ao treino.	As faltas dos atletas prejudicam os treinos	Um ponto negativo é as pessoas não irem ao treino. Chegar atrasado ao treino é algo que também me irrita. Sempre têm alguns atrasados, acho que tinha que ter uma punição pra quem chega atrasado. Porque às vezes isso acontece por falta de vontade mesmo, não por conta de algum compromisso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S3, S9	20	- Temos que treinar mais jogadas de bola parada; - Nosso time não tem padrão de jogadas ensaiadas. - Isso precisa ser um pouco mais maçante; - Esse tipo de jogada é fundamental.	Faltam treinos de bola parada	Temos que treinar mais jogadas de bola parada. Talvez, nesses dois anos que estou no time, o que vi como deficiente é que nosso time não tem nenhum padrão de jogadas ensaiadas. Para um time que já ganhou bastante, isso é uma deficiência. Sempre treinamos na véspera do torneio. Acho que isso precisa ser um pouco mais maçante. Da mesma maneira que o técnico estabeleceu um padrão de jogo defensivo, um padrão de jogo que fez com que conseguíssemos ganhar alguma coisa ano passado, através da repetitividade, isso deveria acontecer com as bolas paradas. Acho que esse tipo de jogada é fundamental para o futsal e, por isso, poderíamos fazer isso de uma maneira um pouco mais repetitiva. Ele não é inexistente, mas esse aspecto é precário no nosso time.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S1	20	- Ele deixa os jogadores se desenvolverem no tempo que temos.	O técnico não cobra resultados imediatos	Acho o treinador bem tranquilo em relação a cobrar, ele deixa os jogadores se desenvolverem no tempo que temos. Quando ele quer que os jogadores melhorem ou mudem alguma coisa na maneira de jogar, ele não quer que tenhamos isso pronto pra amanhã. O treinador dá a liberdade de nos adaptarmos a isso e mudar de acordo com o tempo que temos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S1	20	- De aspecto negativo, o que vejo é o humor com que cada um chega aqui.	O humor dos jogadores prejudica o treino	De aspecto negativo, o que vejo é o humor com que às vezes cada um chega aqui e isso atrapalha o treino. Às vezes, eu chego mal humorado, tive uma prova que eu não fui bem, eu estou num dia estressado e não sabemos como não levar isso pra dentro de quadra e isso acaba atrapalhando.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
S8	10	- É difícil pro técnico implementar algumas mudanças no treino por conta da cabeça das pessoas aqui;	O treino acontece conforme a capacidade e a mentalidade do atleta universitário	O treinamento precisa ser um pouco mais puxado, ele precisa ter um pouco mais de parte tática, ele precisa ser um pouco mais mecânico, não que a parte criativa de um jogador, a parte individual não seja importante. Eu mesmo faço isso e meu jogo funciona assim. Mas eu acho

		<p>- A maioria dos atletas não leva tão a sério o treino.</p> <p>- Em alguns treinos existem apagões, todos esquecem o que treinamos semana passada.</p>		<p>que pra chegar numa situação onde o jogo desequilibra, onde você fica no 1x1, você precisa de uma parte tática muito forte e acho que isso é a única coisa em que o treinador peca um pouco. Precisamos de uma parte tática mais forte, de uma parte mecânica tática que todos entendam. Isso tem que ser feito, saber pra onde deve correr naquela situação, saber qual é a jogada 2 de escanteio, qual é a jogada 3, as formas de saída de bola, etc. Sei que é difícil pro técnico implementar algumas mudanças no treino, por conta da cabeça das pessoas aqui. Somos universitários atletas e não atletas universitários. Não concordo muito com essa frase, eu me vejo como um atleta ainda. Na verdade, queria ser um atleta e não um universitário, mas as coisas me levaram a ser primeiro um universitário e depois um atleta. Acho que poderíamos ganhar muito mais coisas se pensássemos de uma forma diferente. Essa cabeça, essa mentalidade de determinados atletas... a maioria dos atletas não leva tão a sério o treino. Às vezes você ensina uma jogada diferente de escanteio, uma jogada diferente de lateral e você acha que o cara vai fazer aquilo e a pessoa não faz. O treinamento é levado conforme a capacidade e a mentalidade do atleta universitário permitem. Fazemos jogadas que são básicas, porém eficientes, que dão certo e estão dando certo porque estamos ganhando. Mesmo assim, em alguns treinos existem apagões, todos se esquecem do que treinamos semana passada, esquecem o que é treinado há um semestre. Isso limita o treinador em relação a novas possibilidades, aos novos esquemas de jogo, novos padrões.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 12	Discurso do Sujeito Coletivo 12
S9	10	<p>- Eu aprendi a jogar;</p> <p>- Eu adquiri uma disciplina tática muito grande.</p>	Aprendizado sobre a modalidade	<p>Eu aprendi a jogar. O que sei como atleta de futsal aprendi após a mudança de treinador. Eu adquiri uma disciplina tática muito grande, tanto que quando conversamos sobre isso, o pessoal sempre fala de características de jogadores, tipo o jogador A é muito habilidoso, o jogador B chuta muito. Percebo que antigamente os treinos davam mérito pra esse tipo de jogador, hoje não. Hoje a disciplina tática, o papel que você faz dentro de quadra pode até ser coadjuvante, mas mesmo assim você tem o seu valor. Eu me lembro de algumas coisas que o treinador falava, em relação a jogarmos com um pouco mais de inteligência. Eu aprendi isso agora, fazendo parte desse time. O treinador sempre falava para prestar atenção nos jogadores adversários, se ele é destro ou se é canhoto, e essas coisas assim eu não tinha na cabeça. Outro exemplo acontece quando aprendemos a dobrar a marcação. É certeza que no jogo recuperaremos a bola. Hoje, quando você vai jogar assim, parece que é um jogo mais inteligente.</p>

O SC nos apresenta diversas informações interessantes e relevantes para esse estudo. Torna-se importante comentarmos o perfil do treinador atual (o próprio pesquisador), para entendermos e ampliarmos a discussão sobre os dados encontrados sobre os conteúdos presentes nos treinamentos. O treinador atual participou dos processos de treinamento por longo prazo na modalidade futebol, visando ao desempenho de alto nível, mas não se tornou um atleta profissional. cursou Educação Física em uma IES pública brasileira e buscou seguir a carreira de técnico desportivo, principalmente nas modalidades futebol e futsal.

Isso posto, observamos diversos aspectos levantados pelo SC em relação à presença de ideias defendidas pela Pedagogia do Desporto para o ensino, aprendizagem e treinamento das modalidades desportivas coletivas. De antemão, comungamos com os apontamentos de José Mourinho (técnico de futebol) presente em Mourinho (apud LOURENÇO, 2010). Para o treinador:

Só o treino, como perspectiva de jogo, poderá proporcionar o surgir de situações imprevisíveis, impossíveis ou difíceis de planejar, e que, uma vez treinadas, possam ser transferidas para o real, trabalhando dessa forma essa mesma imprevisibilidade. Sendo o treino, afinal, como o jogo, o imprevisto do jogo é o imprevisto em treino, logo, quando se chega ao jogo, através dessa “representação” do real, o que era imprevisível no treino deixou de ser no jogo (MOURINHO apud LOURENÇO, 2010, p. 59).

O SC1 relata a presença de atividades de superioridade, igualdade e inferioridade numérica; o SC2 sugere a realização de treinos táticos; o SC3 indica a presença de situações de jogo. Todos esses discursos apresentam o desenvolvimento de atividades semelhantes àquelas defendidas por Bayer (1994), Garganta (1998), Greco (1998), Scaglia (2003), Graça e Mesquita (2002), Corrêa, Silva e Paroli (2004) e Reverdito e Scaglia (2007). Compartilhamos ainda do entendimento de José Mourinho sobre o treinamento, declarado em Mourinho (apud em LOURENÇO, 2010):

Eu [...] tenho de criar condições de treino integrado onde trabalho a complexidade do jogo por meio de situações o mais próximo possível da realidade, daquilo que se espera que venha a ser o jogo. Por isso, quando trabalho a finalização dos meus jogadores coloco-lhes oposição porque é isso que acontece na partida, ou seja, antes de finalizar o meu jogador tem o adversário pela frente e tem de ultrapassá-lo para só então efetuar o arremate. Assim, ao fazer o treino de finalização, estou fazendo do treinamento o próprio todo do jogo, onde não estou apenas treinando a finalização dos meus atacantes, mas também os meus defensores, que terão nos seus jogos, atacantes pela frente, os meus volantes, os meus goleiros (MOURINHO apud LOURENÇO, 2010, p. 56).

O SC4 fala sobre a ausência de treinos físicos. Parece-nos que o desenvolvimento das capacidades físicas pode estar incluído no treinamento, já que não surgiu nenhum relato sobre as deficiências físicas da equipe. Comungamos com Reilly (2005), em que o autor faz

referências a uma melhor adaptação e condicionamento físico dos atletas, na realização de exercícios que abordem situações em que a bola esteja presente e se assemelhe ao jogo formal. Assim, quanto mais específica é a adaptação melhor será o desempenho do atleta no jogo, já que além do aspecto físico, essas atividades envolvem os aspectos técnicos/táticos/psicológicos. Ressaltamos que isso possa acontecer nos treinamentos desenvolvidos nessa IES, como também apontamos a importância de treinamentos físicos para a modalidade, especialmente o treinamento de força. Compartilhamos com Mourinho (apud OLIVEIRA et al., 2006) e Mourinho (apud LOURENÇO, 2010), sobre a necessidade de refletirmos sobre o desenvolvimento das capacidades físicas desconectadas da especificidade da modalidade treinada:

Não sei onde acaba o físico e começa o psicológico, ou o tático. Para mim, futebol é a globalidade, tal como o homem (MOURINHO apud OLIVEIRA et al., 2006, p. 40). Um grande pianista não corre a volta do piano ou faz flexões com a ponta dos dedos. Para ser grande toca piano. Toca a vida inteira. E ser um grande jogador de futebol não é correr, fazer flexões ou exercícios físicos geral. A melhor maneira de se ser um grande jogador é jogar futebol (MOURINHO apud LOURENÇO, 2010, p. 60).

O SC5 afirma que os treinos realizados se baseiam nas necessidades apresentadas pela equipe naquele momento. O SC6 relata a presença de treinos técnicos para o desenvolvimento dos fundamentos do futsal. O SC9 afirma que o treinador não cobra resultados imediatos, o que nos parece plausível por conta da diferença na qualidade dos jogadores (fato este colocado pelos próprios jogadores nos seus discursos sobre o assunto). O SC12 diz que aprendeu a jogar futsal na IES.

Algumas dificuldades nos treinamentos são relatadas nos discursos do SC, como por exemplo o SC7 que comenta sobre a ausência de alguns jogadores nos treinamentos prejudicando o desenvolvimento da equipe. O SC8 aborda a necessidade da existência de um número maior de treinamentos envolvendo situações de lateral, escanteio e faltas (bola parada). Comungamos com esse SC acerca da relevância das situações de bola parada no futsal. Esse é um aspecto negativo relevante para a pesquisa, trazendo modificações nas ações desenvolvidas pelo treinador nos treinamentos. O SC10 indica que o humor dos jogadores muitas vezes afeta negativamente os treinamentos. Sobre essas situações, ressaltamos a importância do prazer que o desporto deve proporcionar aos jogadores. Isso posto, entendemos que o treinador deve promover atividades que contribuam para o prazer dos jogadores nos treinamentos. Um exemplo dessa necessidade está presente em Deco (apud LOURENÇO, 2010). Deco, jogador profissional português, aborda esta temática, afirmando a importância do seu treinador (José Mourinho) estimular o prazer nos treinamentos:

Imagine um dia em que você está cansado, com dificuldades de treinar. Ele entende tudo isso e gere da melhor forma, e você, que é grato, quando regressa vai dar mais para ele do que daria em condições normais. É assim: uma coisa é alguém fazer o seu trabalho, cumprir o que as pessoas lhe pedem; outra coisa é ter-se prazer em fazer isso. Com Mourinho nós tínhamos prazer e isso fazia com que o rendimento dobrasse, porque uma coisa é fazer trabalho como obrigação, outra coisa é fazê-lo com alegria e prazer. E assim ele conseguia com que o jogador se sentisse importante, esse é o segredo (DECO apud LOURENÇO, 2010, p. 82).

Ainda sobre os aspectos negativos que foram levantados em alguns discursos, o SC11 afirma que os treinos acontecem conforme a capacidade e a mentalidade do atleta universitário, sugerindo que, muitas vezes, o jogador universitário não apresenta condições para desenvolver um treinamento próximo ao de alto nível. O SC11 indica ainda a necessidade de o treinador melhorar a qualidade do treinamento, ação que vem sendo realizada, conforme comentado na Relação com o treinador. Compreendemos que sua atividade profissional desenvolvida pelo pesquisador apresenta aspectos negativos que necessitam de ajustes. Desse modo, novas pesquisas, como também cursos de capacitação são necessários para a melhoria da atividade profissional exercida por ele.

4.1.8 Pergunta 8 - Presença do diálogo nos treinamentos

Sabe-se que grande parte das decisões que envolvem uma equipe desportiva é da função do treinador. Hernandez (2012) escreve que o treinador deve dominar o âmbito técnico (aspectos como a preparação física, os aspectos técnicos e táticos da modalidade); o âmbito psicopedagógico (estratégias e técnicas de ensino, planejamento, comunicação e avaliação); e o âmbito organizativo (seleção de atletas, estruturas físicas, horário dos treinamentos e escolha das competições). Já Buceta (2010) traz que treinadores com menos habilidade para gerir o grupo de atletas e a comissão técnica podem ter um estilo de liderança mais rígido, podendo ser pouco participativo, enquanto que treinadores mais experientes e com mais habilidade nesse processo são mais flexíveis, concedendo espaço para a participação tanto dos atletas como intervenções que sejam realizadas pela sua comissão técnica.

Isso posto, foi investigado junto aos jogadores como se dá o diálogo entre eles e o seu técnico nos treinamentos. Para averiguar as informações a respeito dessa questão, formulamos a seguinte questão aos jogadores: “O técnico é aberto ao diálogo durante os treinamentos?” A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 8.

Quadro 8 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O técnico é aberto ao diálogo durante os treinamentos?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S4, S5, S6, S7, S8, S9	70	<ul style="list-style-type: none"> - A melhor jogada vai prevalecer porque todos vão concordar; - Nosso treinador deixa aberta essa discussão; - Todos tem a mesma liberdade de participar ou de conversar sobre as coisas do time. 	O diálogo é importante	Isso é bom para o time porque traz uma discussão. Um jogador usa um argumento, outro jogador expõe outro. Aí, com certeza a melhor tática, a melhor jogada vai prevalecer porque todos vão concordar, a maioria vai concordar que aquela é a melhor jogada. Nosso treinador deixa bastante aberta essa discussão. Isso eu gosto, acho importante. Talvez todos não tenham a mesma participação, mas todos têm a mesma liberdade de participar ou de conversar sobre as coisas do time, coisas pessoais, sobre suas dificuldades dentro da equipe.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2, S4, S5, S7, S8, S10	70	<ul style="list-style-type: none"> - Sabemos que o treinador vai escutar e vai tentar melhorar o time a partir daquilo que falamos; - Eu gosto quando dou uma sugestão e o treinador acaba concordando; - Ninguém tem 100% de razão; - Acho que essa é uma filosofia dele; - Temos uma visão do que estamos fazendo que o treinador não tem; - Somos o reflexo do que o treinador faz. 	A partir das colocações dos jogadores o treinador melhora o treinamento	Quando estamos treinando, temos a liberdade de questionar o que o treinador faz, podemos opinar, oferecer opção. Sabemos que o treinador vai escutar e vai tentar melhorar o treino a partir daquilo que falamos. Em algumas vezes, falamos besteira, mas o treinador escuta. Não sei se isso acontece por causa da pouca diferença de idade entre nós, mas quando treinava na escola não tinha isso. Dentro de quadra não tínhamos essa liberdade de questionar. Eu particularmente gosto muito quando dou uma sugestão e o treinador acaba concordando. Acho muito bom, porque ninguém tem 100% de razão em tudo e é bom estarmos dispostos a aprender com o outro. Mesmo ele tendo mais conhecimento que nós, qualquer conhecimento que um jogador tenha, mesmo que seja pequeno, pode ser agregado no treinamento. Acho que essa é uma filosofia dele, essa forma de passar, passar bem a ideia tática, a informação, mas também deixa aberto para os atletas discutirem outras possibilidades, outras ideias, outras jogadas, outros tipos de marcação. Nós temos uma visão do que estamos fazendo e que o treinador não tem. O treinador acha que seguir por um caminho é a melhor maneira e, às vezes, alguém ali dentro da quadra, dá outra opção e chegamos a um consenso que no final das contas é a melhor decisão. Essa abertura ao diálogo, ela melhora o desenvolvimento do treino em si, essa conversa pode ajudar tanto um lado quanto outro a melhorar o seu trabalho, os jogadores dentro da quadra e o treinador fora. Isso é importante, porque a partir disso o treinador vai tirar os pontos que julga necessário pra melhorar o treino, vai ver isso pelos jogadores. Nós somos o reflexo do que o treinador faz.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S4, S10	30	- Essa abertura é importante para nos	Os jogadores se sentem confortáveis	Acho muito válido, acho que melhora bastante o relacionamento de toda a equipe. Temos

		sentirmos confortáveis; - Isso ajuda a crescer ambas as partes.		abertura pra falar o que pensamos, o que estamos sentindo, o que achamos que está ruim, aquilo que está bom, acho que essa abertura é muito importante para nos sentirmos confortáveis. Às vezes pequenas coisas que não me agradam, se eu não puder me expressar sobre isso, isso me faz perder o interesse no treino. Acho que isso ajuda crescer as duas partes, tanto quando estamos certos ou quando estamos errados.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S3	10	- Isso não é tão relevante.	Pouca relevância	Acho que isso é a função do técnico. Depende como o técnico está naquele treino, se ele quiser aceitar tal jogada acho positivo. Se ele não quiser, caso ele saiba que não vai dar certo, não me incomoda, isso pra mim não é tão relevante.

O SC demonstra em seu discurso que o treinador se mostra aberto ao diálogo nos momentos de treinamento. Mediante essas ações, entendemos que o treinador se aproxima de D'Arripe-Longueville et al. (2001), em que os autores ressaltam a intenção dos técnicos atribuírem autonomia aos atletas no processo de tomada de decisão, utilizando a cooperação e a negociação como estratégias na definição dos objetivos a atingir, sendo o treinador o mediador desse processo.

O SC1 ressalta a importância da presença do diálogo no treinamento, afirmando que o diálogo influencia positivamente no desenvolvimento da equipe. O bom ambiente criado com essa prática se assemelha às ideias de Telema (1986), indicando que os efeitos educativos que serão proporcionados na aprendizagem dependem da situação na qual se cria (ambiente estimulador) especialmente em relação aos aspectos de interação social, ao clima afetivo-emocional e motivacional existentes. Estas condições dependem de diversos fatores, entre os quais o determinante será a intervenção do educador, mediando o processo de aprendizagem. O SC2 afirma que o treinador utiliza as colocações dos seus atletas para melhorar aspectos do treinamento. Como já comentado anteriormente na Relação com o treinador, a liderança exercida pelo treinador se aproxima do estilo consultivo (CHELLADURAI, 1990). Estes dados comungam com Garganta (1998), em que o autor destaca a necessidade de múltiplas competências do treinador e do atleta para interagir com situações assim caracterizadas no ambiente de treinamento. A partir disso, o técnico desportivo pode trabalhar com os pressupostos que sustentam seus procedimentos pedagógicos e considerar a flexibilidade dos mesmos, buscando-se a integração das diversas competências do indivíduo que constantemente interagem com o complexo sistema de práticas de preparação, o jogo formal e suas exigências.

O SC3 destaca o fato dos jogadores se sentirem bem diante do ambiente de relacionamento criado no treinamento. Esse SC ressalta a importância de se expressarem nas

situações de treino, comungando com Baía (apud LOURENÇO, 2010) ao autor trazer o depoimento do jogador português Vitor Baía a respeito do trabalho do seu treinador:

Os jogadores gostam de se sentir importantes. Com a descoberta guiada, nós nos envolvíamos no processo, mas era um envolvimento global, desde os chamados craques aos garotos que haviam acabado de chegar dos juniores. Por outro lado, esse envolvimento total facilitava a emergência, o desenvolvimento e a consolidação do tal espírito de grupo que tanto se falava no FC Porto (BAÍA apud LOURENÇO, 2010, p. 97).

O SC4 classifica essa questão como não sendo relevante para o desenvolvimento do trabalho, indicando que a decisão sobre ouvir ou não os atletas é de responsabilidade do treinador. Parece-nos importante que os treinadores promovam o diálogo constante entre os membros da equipe nos treinamentos, pois são os jogadores os principais atores do desporto.

A pergunta anterior gerou novos questionamentos feitos por este pesquisador aos jogadores. Entendemos que, a partir dos discursos obtidos, era necessário verificarmos os meios utilizados pelo treinador para ensinar os conteúdos comentados anteriormente. Para isso, formulamos a questão: “Como o técnico ensina? O que você pensa sobre isso”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 9.

Quadro 9 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Como o técnico ensina? O que você pensa sobre isso?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10	100	- Vejo meu técnico com uma prancheta tática na mão; - Consegue mostrar a movimentação dentro de quadra; - Visualização completa da atividade.	Utilização de prancheta tática	Eu vejo bastante meu técnico com uma prancheta na mão, nos ensinando como fazer, ele fala muito bem o que temos que fazer. Ele consegue mostrar a movimentação dentro de quadra na prancheta, pra poder passar ao atleta uma visualização completa da atividade, para o atleta executar dentro de quadra. Acho que esse é o melhor modo possível.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9	80	- Ele às vezes até participa das atividades; - Quando os jogadores não entendem, ele vai lá e faz.	Faz na prática	O treinador mostra bastante na prática o que ele quer que façamos, às vezes até participa das atividades. Quando o treinador percebe que os jogadores não entenderam o que ele pediu pra fazer, ele vai lá e faz. Às vezes, perguntamos pro treinador e ele mostra o que deveria ser feito naquela situação, na quadra mesmo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S4, S5, S6, S8, S9	60	- Vimos vídeos do time adversário.	Mostra vídeos dos jogos da equipe e dos adversários	Às vezes usamos um recurso de assistir a um vídeo do jogo, alguma coisa assim pra enxergarmos o que estamos fazendo de certo ou

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S2, S6, S7, S8, S9, S10	60	- É uma forma fácil de entender; - Isso é muito bom porque dá resultado.	São os recursos corretos	Acho que é uma forma fácil de entender, é muito mais difícil você pegar um ginásio grande, colocar todos lá na quadra falar pra ir pra lá ou pra cá, a prancheta é uma maneira muito mais fácil de você entender. Eu valorizo muito isso como também valorizo a utilização de vídeos. Isso é muito bom porque dá resultado. Por exemplo o vídeo, aquilo antecipa o que você vai encontrar no jogo. Talvez pudéssemos utilizar os vídeos no nosso treinamento mesmo, para o jogador ver o que ele faz dentro de quadra. É muito bom você se olhar, perceber o que você está fazendo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1, S3, S4, S5, S10	50	- Ele conversa bastante; - Ele explica o que quer; - Ele dá um motivo pra que façamos aquilo.	Utiliza instruções verbais	Acho que o treinador conversa bastante, ele fala boca a boca. Explica o que quer, o porquê daquilo, dá um motivo pra que façamos aquilo, mostra no que aquilo vai agregar ao nosso jogo. O treinador explica, explica de novo, vai lá e explica de novo até dar certo. Essa parte é muito importante, e depois que colocamos em prática no coletivo acaba saindo, e vemos que aprendemos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1, S3, S4	30	- O treinador atinge a todos; - Casa um aprende de uma forma.	É possível atingir a todos	Alguns têm facilidade de entender só no teórico, só na prancheta, só com o que o treinador fala e alguns só entenderão quando o técnico for pra dentro da quadra e fazer como demonstração. Acho que o treinador acaba atingindo a todos, trabalhando na parte teórica e prática. Cada um entende uma mesma coisa de formas diferentes, acho muito importante ter esse dinamismo. Cada atleta é de um jeito, cada um aprende de uma forma. Alguns têm mais facilidade com uma coisa e outros com outra.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S3, S5	20	- Eu prefiro ver na prática e na prancheta do que só ouvir.	Preferência pela utilização da prancheta ou do exemplo prático	Eu prefiro ver na prática e na prancheta do que só ouvir, deve ser dificuldade.

O SC afirma que o treinador se utiliza de quatro recursos para ensinar os conteúdos necessários para o treinamento do futsal: utilização de uma prancheta tática (SC1); utilização de demonstrações práticas (SC2); utilização de vídeos da própria equipe e dos adversários; e a utilização de instruções verbais (SC5). Parecem-nos que esses meios são os mais comuns, presentes em muitas sessões de treinamento de futsal em diferentes níveis da aprendizagem. Mediante o discurso do SC, temos a impressão que o treinador se preocupa em fazer com que todos os jogadores aprendam e, conforme já foi relatado em discursos anteriores, o treinador parece entender que cada jogador aprende de uma maneira diferente, não sendo possível ensinar

a todos da mesma forma. Esse pensamento é compartilhado por Gardner (1999) reforçado por Nista-Piccolo (2005).

Verificamos também que o SC (S4, S6, S7) comunga com os pressupostos da Teoria das Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1999) e das ideias sobre as rotas de acesso (NISTA-PICCOLO, 2005), entendendo que, diante da diferença entre os indivíduos, não é possível apresentar o conhecimento a todos pelo mesmo caminho. Torna-se interessante que o treinador conheça individualmente cada jogador, encontrando os melhores caminhos para apresentar o conhecimento a ser aprendido, facilitando a aprendizagem.

4.1.9 Pergunta 9 - Trabalho do treinador em amistosos e jogos de competições

Comungamos com Mourinho (apud LOURENÇO, 2010) em que o autor nos traz os principais objetivos do trabalho desenvolvido pelo treinador:

Ora, o que eu pretendo é prepara-los para a autonomia que eles terão de ter quer na sua vida quer no campo, onde eles tem, por semana, 90 minutos de autonomia, onde a minha ação, durante esses 90 minutos, é uma ação extremamente limitada. Nessa altura eles tem de ter o poder decisório e decidir. Tem de ter a capacidade criativa e criar (MOURINHO apud LOURENÇO, 2010, p. 67).

Compartilhando da citação anterior e entendendo que o treinador possui uma ação limitada durante os jogos, investigamos junto aos jogadores como acontece o trabalho do técnico na IES, nos jogos amistosos e nas competições. Neste último momento em que os jogadores ofereceram informações ao presente estudo, buscamos refletir sobre a coerência entre os discursos produzidos pelos sujeitos sobre as temáticas analisadas (anteriores à participação em competições) e o trabalho desenvolvido pelo treinador durante o principal objetivo desportivo, ou seja, no jogo, na competição em si. Para isso, formulamos a seguinte questão: “Fale sobre o trabalho do técnico em amistosos e jogos de competição”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 10.

Quadro 10 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Fale sobre o trabalho do técnico em amistosos e jogos de competição.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S4, S5, S6, S8, S9, S10	70	<ul style="list-style-type: none"> - Os atletas sugeriram outra opção que acabou sendo aceita pelo técnico; - O técnico pergunta dentro de duas opções a que queremos fazer; - Como são os atletas que jogam, acho isso muito bom; - Em alguns momentos, podemos justificar o porquê de estarmos fazendo aquilo. 	O técnico escuta a opinião dos atletas nos jogos	Já tiveram alguns casos em que o técnico sugeriu alguma coisa e os atletas sugeriram outra opção que acabou sendo aceita pelo técnico. Como também já tiveram jogos em que o técnico pediu alguma coisa pro time fazer no início de jogo e o time seguiu aquela orientação e fez um bom jogo. Muitas vezes o técnico pergunta dentro de duas opções a que queremos fazer. Como são os atletas que jogam, acho isso muito bom. Às vezes, os atletas já conhecem o adversário, e por isso o técnico escuta o que temos a dizer. Em alguns momentos, podemos justificar o porquê de estarmos fazendo aquilo, podemos questionar o porquê do treinador querer que façamos daquela maneira e não de outra. Sempre tem diálogo, nunca são ordens, são orientações iguais aos treinos. Em todos os momentos eu converso com o treinador, quando estou no banco converso, quero saber o que estou fazendo de errado, fazendo certo, o que tenho que melhorar, todas as conversas são muito boas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S4, S5, S6, S7, S10	60	<ul style="list-style-type: none"> - O técnico tenta nos lembrar do quanto treinamos para chegar até ali. 	O técnico faz uma retrospectiva do que os jogadores fizeram nos treinamentos para chegar até ali	Acho que no vestiário o técnico tenta nos lembrar do quanto treinamos, do quanto nos esforçamos, treinamos até ali, pra chegar até ali, tenta elevar o motivacional do time para colocar tudo isso em prática, sem ter receio de pôr em prática tudo aquilo que treinamos, sacrificamos antes. Isso é muito importante pra focarmos no nosso objetivo, ter um objetivo comum, construir, fortalecer esse objetivo pra corrermos atrás dele dentro de quadra.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S4, S7, S8, S9, S10	60	<ul style="list-style-type: none"> - Nunca vi o treinador se exaltar em algum momento em que estamos perdendo; - As orientações são mais intensas, mas não mudam para uma ordem; - O treinador continua tentando encontrar uma estratégia para contornar as situações de dificuldade; - Acho que meu técnico nesse aspecto é excelente. 	O técnico não muda o comportamento na vitória ou na derrota	Eu nunca vi o treinador se exaltar em algum momento em que estamos perdendo. Talvez as orientações sejam mais intensas, mas não mudam pra uma ordem. O treinador continua centrado, focado no nosso objetivo e tentando encontrar uma estratégia pra contornar as situações de dificuldade. Ele sempre tem esse lado de incentivar quando está certo, quando estamos ganhando. Quando estamos perdendo nos orienta para não errarmos mais e acertar. Pra mim, técnico que manda pegar leve quando o jogo está 8x0 é fraco. Se o time está ganhando de 8x0, a melhor forma de você manter o respeito pelo adversário é você fazer 16x0, é o único jeito. Se hoje eu estou melhor que você, eu vou continuar jogando sério, sem fazer gracinha e é por isso que vamos ganhar. Acho que meu técnico nesse aspecto é excelente, sempre mantém o mesmo padrão de jogo. Se

		- Acho que nosso treinador é o ideal.		estivermos perdendo, mantém a calma, tranquiliza os jogadores, fala para os jogadores continuarem trabalhando que a bola vai entrar. Acho que quando estamos perdendo para algum time é porque estamos errando, acho que nosso treinador é o ideal.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S2, S5, S7, S8, S9, S10	60	- faz substituições que não faria em um jogo de campeonato; - nos amistosos ele é mais flexível; - ele dá espaço para todos fazerem parte da equipe; - aproveitar o máximo de cada jogador; - é papel do treinador saber quando colocar cada atleta; - todos se sentirem valorizados;	Nos amistosos o treinador trabalha diferente dos jogos de campeonato	Nos amistosos geralmente não temos tanta motivação. Mas ele vai, passa instrução, faz substituições que ele não faria em um jogo de campeonato. Acho que nos amistosos o treinador é mais flexível, não exige tanto porque não estamos competindo. É importante porque vai ser um treino sério, diferente dos treinos normais. Ele dá espaço pra todos fazerem parte da equipe, desenvolver a sua função dentro de quadra. Talvez os jogadores não tenham o mesmo tempo de jogo, talvez um atleta novo que entrou recentemente não tenha o mesmo tempo de jogo que um atleta que está no time há 2, 3 anos. Mas nos amistosos o treinador quer aproveitar o máximo de cada jogador, de querer ver a reação desse jogador durante uma partida, como é o comportamento dele. Tinham atletas no time que se sentiam desvalorizados, que não tinham tanta importância no time, que acabaram saindo do time. Em um time universitário, você não tem tanta reposição assim, apesar do número de alunos da Universidade. Então os jogadores são poucos, todos que temos ao alcance devem ser valorizados. E isso é papel do treinador, de saber quando colocar o atleta. Colocar todos pra jogar em jogos não tão difíceis, pra todos se sentirem valorizados. Na Universidade, você precisa estimular se preocupar com a parte mais humana da pessoa, para segurar todos no time, saber administrar, saber levar o psicológico de cada pessoa para que os atletas se sintam importantes e participem dos treinamentos para que você tenha um time competitivo sempre.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S2, S3, S4, S5, S6	50	- acho um absurdo técnicos que gritam com os atletas; - recebemos orientações construtivas; - meu técnico fala motivando; - o treinador é um professor, está ali para ensinar; - dentro do jogo ele é compreensivo; - em todo momento ele está tentando corrigir o que estamos fazendo;	O técnico tenta corrigir os erros durante os jogos	Geralmente quando estamos no intervalo, o técnico corrige o que está errado no jogo, com calma. Acho que ele não pode extravasar, ele deve passar as informações, falando o que tem que melhorar ou acalmando o time. Eu acho um absurdo os técnicos que gritam com os atletas, berram e xingam fora da quadra e todos ficam bobos de ver. Ninguém erra porque quer, acho que isso é uma das coisas que faz eu gostar muito do esporte aqui na IES. Nós recebemos orientações construtivas durante um jogo, durante um campeonato, para pensarmos e levarmos pra casa, não somos somente xingados e colocados pra baixo. Meu técnico sempre fala motivando. O técnico não é de xingar, ele sempre nos motiva, nos faz aprender com o erro quando perdemos. O treinador é um professor,

		<p>- durante o jogo não temos como ouvir o técnico;</p> <p>- a pessoa recebe informação quando entra na quadra.</p>		<p>ele está ali pra me ensinar. O treinador não está ali pra mandar em mim, está pra orientar, então tem que ser assim e é assim, acho isso bom. Dentro do jogo, ele está sempre atento a nossas ações, ele é muito compreensivo. Ele é muito chato também, às vezes jogo preocupado pra saber se estou fazendo certo ou errado, mas não é uma coisa ruim não. Em todo momento ele está tentando corrigir o que estamos fazendo. Felizmente temos a nossa bateria presente nos jogos, e durante o jogo não temos como ouvir o técnico. Naquela hora, estamos por conta de tudo que treinamos, estamos cientes que talvez não consigamos escutar o treinador. Às vezes o treinador pede tempo, conversa, pelo menos nunca o vi ficar muito bravo conosco. Ele chega e conversa; se não está dando certo, diz pra fazermos o que combinamos. Quando alguém vai entrar na quadra, essa pessoa recebe informação. Quando está dentro de quadra é praticamente impossível entender o que é pra fazer.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1, S3, S7, S9	40	<p>- não procura conversar imediatamente após os jogos;</p> <p>- conversar nessa hora não vai adiantar;</p>	<p>O técnico não discute nenhum assunto após os jogos</p>	<p>O técnico não procura conversar imediatamente depois do jogo. Conversamos no outro dia, numa outra ocasião em que talvez todos tenham feito uma avaliação do que foi o jogo pra si. Eu gosto disso, porque ele espera a poeira baixar. Às vezes, depois do jogo todos ficam nervosos ou se achando os melhores do mundo. Conversar nessa hora não vai adiantar, ninguém vai levar a sério.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S1, S8, S9, S10	40	<p>- preleção é extremamente tática;</p> <p>- o treinador mostra o que o outro time faz;</p> <p>- aquilo que você tem que fazer para ganhar o jogo;</p> <p>- ele sabe das dificuldades que iremos encontrar;</p> <p>- mostra que o técnico correu atrás da informação;</p>	<p>O treinador observa o adversário para depois traçar a nossa estratégia de jogo</p>	<p>Isso é uma diferença que existe para com os meus outros técnicos. Aqui, fazemos uma preparação muito bacana pros jogos. Sempre conversamos muito antes dos campeonatos e antes de cada jogo, nos preparamos bem. Acho que a parte do trabalho antes e pós jogo é muito boa. Acho que as nossas preleções são muito boas mesmo, são preleções melhores do que as dos outros treinadores que já tive, com anos de experiência, que hoje estão em equipes profissionais. Ela é boa porque ela é extremamente tática, o treinador mostra o que o outro time faz e aquilo que você tem que fazer para ganhar o jogo. Como cada jogo é um jogo, não adianta o treinador falar, "olha vamos fazer o nosso jogo, vamos marcar individual ou vamos marcar zona". O treinador sempre olha o que o adversário faz e a partir disso escolhe o que vamos fazer. Acho isso importante porque é na preleção que o atleta conhece o próximo adversário e é decidido como jogaremos. Acho que o nosso treinador consegue nos motivar a jogar mais, a nos empenharmos mais, porque ele sabe das dificuldades que iremos encontrar. Temos conseguido resultados positivos, isso mostra o trabalho do técnico, mostra que ele está</p>

				interessado, mostra que ele correu atrás da informação. Acho que os atletas têm que fazer isso também, mas acho que o principal responsável por isso tem que ser o técnico.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S1, S7, S9	30	- se o time está fazendo de acordo com o combinado, o técnico não tem o que reclamar; - mesmo jogando bem iremos perder; - o treinador acredita que a vitória e a derrota são consequências.	O técnico avalia o trabalho da equipe para depois avaliar o resultado do jogo	Se o nosso time está fazendo o que é para ser feito, se está fazendo de acordo com o combinado, o técnico não tem muito o que reclamar. Às vezes, iremos perder mesmo jogando bem, porque encontramos uma equipe com jogadores melhores e mesmo jogando bem iremos perder. Eu já vi em jogos que estamos ganhando mas não estamos jogando bem o técnico ficar um pouco mais bravo, cobrar um pouco mais. Mas com relação à vitória ou à derrota não. Acho que o treinador acredita que a vitória e a derrota são consequências, o importante é fazermos nosso trabalho. Como treinamos um padrão de jogo, devemos jogar assim ganhando, perdendo ou empatando. Não é porque estamos ganhando que o treinador vai aliviar e não é porque estamos perdendo que o treinador vai deixar o time jogar de qualquer jeito.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S2, S5, S6	30	- é natural mudarmos o comportamento; - o técnico fica nervoso igual aos jogadores.	O time e o técnico variam o comportamento conforme o placar	Acho que é natural mudarmos o comportamento quando estamos ganhando ou perdendo. Diferença tem: quando estamos ganhando o técnico passa tranquilidade, mas quando o jogo está complicado, muda um pouco. Acho que o técnico é uma pessoa como todos os jogadores e fica nervoso igual aos jogadores. Esse ano, muitas vezes estávamos perdendo por causa de falhas, por bobearias. Aí você via o nosso técnico irritado, ele estava insatisfeito com o que está acontecendo e mesmo ganhando o jogo ele continuou sério. Talvez aquilo não tenha sido um bom jogo pra ele.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S4, S6, S9	30	- o treinador está sempre preocupado; - ele está sempre orientando; - está sempre presente.	O técnico se preocupa com tudo que afeta ao rendimento da equipe	Nos campeonatos acho que o comprometimento do técnico não podia ser melhor. Desde a programação da viagem até o dia-a-dia na competição. O treinador está sempre preocupado. Ele interfere desde o que comemos, até a hora que vamos dormir ou temos que acordar. Ele está sempre orientando, ele está presente.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
S8	10	- poderia ter mais rodízio entre os jogadores; - acho que o treinador confia mais em alguns.	Durante os campeonatos o treinador poderia realizar um maior rodízio entre os jogadores	Eu acho que poderia ter mais rodízio entre os jogadores. Acho que o treinador confia mais em alguns. Porém, nesse semestre, isso já está acontecendo mais.

Para facilitar a interpretação, dividimos os discursos do SC referentes ao trabalho do treinador em quatro grupos: trabalho do técnico em amistosos; trabalho antes dos jogos de campeonato; trabalho durante os jogos de campeonato; trabalho após os jogos de campeonato.

Em jogos amistosos, o SC4 releva que o treinador trabalha de modo diferente. Esse SC afirma que o treinador se preocupa com a aplicação dos conteúdos desenvolvidos nos treinamentos como também busca utilizar todos os jogadores.

Em relação ao trabalho do treinador antes dos jogos de campeonato, o SC1 afirma que o treinador escuta a opinião dos jogadores antes das partidas. Isso nos parece coerente, já que são os jogadores os principais responsáveis pelo desenvolvimento do jogo, comungando com Garganta (1998) e D'Arripe-Longueville et al. (2001). É importante ressaltar que a presença do diálogo constante entre o treinador e os jogadores já foi comprovada anteriormente na Presença do diálogo nos treinamentos. O SC2 afirma que o técnico busca relembrar aos jogadores todo o esforço feito pelo grupo para chegar até aquela competição, fazendo uma retrospectiva de todo trabalho desenvolvido até ali. O SC7 indica que o treinador busca observar a equipe adversária para depois traçar a estratégia da equipe. O SC10 traz que o treinador se preocupa com tudo que afeta ao rendimento da equipe, comungando com Bloom (1985). Esse aspecto sugere que o treinador compreende a complexidade dos fatores que são responsáveis pelo desempenho esportivo, buscando um modo de proporcionar à sua equipe o melhor ambiente possível para isso.

Acreditamos que um treinamento coerente busca desenvolver todos os fatores responsáveis pelo desempenho de alto nível, como os aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos. Nesse desenvolvimento, as equipes devem ser preparadas para as inúmeras situações que o jogo apresenta, já que o jogo é imprevisível. Entendemos que quanto mais o treinador preparar a sua equipe para essas ações, maior será a chance de êxito; como também é fundamental que o treinador e os jogadores busquem aproveitar ao máximo as qualidades da sua equipe e minimizar as suas deficiências. Comungamos com Mourinho (apud LOURENÇO, 2010) sobre essa temática:

Eu, ao construir uma equipe, tenho de tentar esconder as más qualidades dessa equipe e também tentar esconder as más qualidades dos jogadores e esta ideia eu tenho de ter sempre presente. Todas as equipes, todos os jogadores, todos os sistemas, todos os modelos tem defeitos e tem qualidades. No que toca aos jogadores, eu tenho de tentar aproveitar as qualidades de uns para esconder as deficiências de outros e eu quero não só que eles saibam quais são as suas qualidades e defeitos como também as qualidades e defeitos dos companheiros de equipe (MOURINHO apud LOURENÇO, 2010, p. 175).

O SC afirma que durante os jogos de campeonato, o treinador não altera seu comportamento conforme o placar da partida (SC3), enquanto o SC9 traz que o time e o treinador alteram seus comportamentos conforme o placar do jogo. Diante desses discursos contraditórios, ressaltamos a comprovação de que em uma mesma situação, os olhares podem apontar para lados opostos mediante a interpretação dos sujeitos. Ambos os olhares nos parecerem possíveis, já que o treinamento necessita estimular as diferentes situações possíveis no jogo, preparando a equipe para os momentos de vitória, derrota momentânea ou igualdade no placar, como também o fato dos jogos desportivos apresentarem alta carga emocional, sendo que nem sempre é possível o controle das atitudes dos sujeitos envolvidos. O SC5 indica que o treinador tenta corrigir os erros da equipe durante os jogos, sendo esse comportamento natural de todo treinador. O SC11 sugere que, durante os campeonatos, o treinador deveria utilizar mais jogadores, apontando certa evolução desse aspecto na equipe.

No trabalho do treinador após os jogos de campeonato, o SC6 afirma que o técnico procura não discutir nenhum assunto após o término do jogo, o que para ele se mostra positivo. Já o SC8 fala que treinador avalia o trabalho da equipe antes de avaliar o resultado do jogo. Este discurso assume relevância ao analisarmos o trabalho do treinador. Entendendo o jogo desportivo como um ambiente que a imprevisibilidade é constante, nem sempre o resultado do jogo reflete na qualidade apresentada por cada equipe, sendo necessária uma avaliação mais profunda para identificar os fatores que levam ao resultado final.

4.2 ENTREVISTAS - GESTORES

A escolha pela realização de entrevistas com gestores é justificada pelo envolvimento direto desses sujeitos com ações institucionais voltadas à promoção do desporto na IES estudada. Para isso, foram formuladas três temáticas de questionamentos, sendo estas apresentadas abaixo.

4.2.1 Pergunta 1 - Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso

Ao caracterizarmos a IES estudada, verificamos que o desporto fez parte das atividades desenvolvidas pelos alunos e foi apoiado pela administração da Universidade ao longo do tempo. Chama-nos a atenção o fato de verificarmos a existência de professores de EF no quadro de docentes e técnico-administrativos da IES, mas a instituição não possuiu em nenhum

momento da sua história cursos de graduação ou outra modalidade envolvida com a área da EF ou do esporte.

Assim, investigamos quais motivos os gestores atribuem a este fato. Isso posto formulou-se a seguinte questão: “A IES é caracterizada por cursos na área de Engenharia e Tecnologia. Entretanto, ao investigarmos a história da instituição percebemos que profissionais de EF fizeram parte do quadro de docentes e servidores técnico-administrativos, desenvolvendo diversas atividades. O que você pensa sobre isso?”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 11.

Quadro 11 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: A IES é caracterizada por cursos na área de Engenharia e Tecnologia. Entretanto, ao investigarmos a história da instituição percebemos que profissionais de EF fizeram parte do quadro de docentes e servidores técnico-administrativos, desenvolvendo diversas atividades. O que você pensa sobre isso?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2	66,6	- a IES é uma das últimas Universidades a sair do resqúcio da EF no terceiro grau; - temos essa herança militar que tem tudo a ver com a área tecnológica, a área da engenharia, com a história da cidade principalmente; - a Universidade tem a tradição de possuir professores de EF; - a Legislação 4876 obrigava que todos os cursos tivessem obrigatoriamente na sua grade curricular a disciplina EF.	A presença dos professores é um resqúcio da obrigatoriedade da EF no terceiro grau	A IES é uma das últimas Universidades a sair do resqúcio da EF no terceiro grau. Aqui, temos essa herança militar que tem tudo a ver com a área tecnológica, a área da engenharia, com a história da cidade principalmente. Por conta disso, a Universidade tem a tradição de possuir professores de EF. Antigamente a Legislação 4876 obrigava que todos os cursos tivessem obrigatoriamente na sua grade curricular a disciplina EF. Aqui tínhamos a EF 1 e EF 2. Os alunos tinham que correr, fazer ginástica, etc. Eu cheguei a fazer isso aqui enquanto aluno. Enquanto essa legislação esteve em vigor, essas aulas existiram. Achava que não era importante somente a atividade obrigatória, entendia ser possível formar times muito bons para representar a Universidade. Para minha decepção, na época em que foram contratados alguns novos professores, eles não encararam dessa forma. Não organizavam equipes para competir regionalmente ou então para os próprios alunos participarem de competições internas. Não é pelo fato de da IES ter um perfil tecnológico que devemos desprezar isso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1, S2	66,6	- o esporte divulga a Universidade; - quando ganhamos um campeonato aparece na mídia.	O esporte é uma forma de divulgar a IES	Queremos ter times muito bons porque o esporte divulga a Universidade. Quando ganhamos um campeonato aparece na mídia de vários lugares do Brasil, dependendo do nível da competição.

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S2	66,6	<ul style="list-style-type: none"> - Não tem como não pensarmos em Políticas de Esporte; - precisamos colocar isso no papel; - Eles não desaparecerão, sem sombra de dúvida, se a EF na IES não virar curso; - temos facilidades aqui dentro porque temos gestores envolvidos que gostam muito do trabalho desenvolvido na EF e no Esporte; - se na próxima gestão as pessoas responsáveis por isso não tiverem o mesmo interesse, pode ser que isso tudo que está sendo feito aqui acabe; - temos de criar normas para garantirmos isso. 	Necessidade da criação de uma política de esporte	<p>Não tem como não pensarmos em Políticas de Esporte, não tem como não traçarmos diretrizes. Já falamos sobre isso algumas vezes. O Planejamento Institucional está sendo produzido, precisamos colocar isso no papel. Precisamos planejar o que a IES espera do esporte pro futuro. De repente, os problemas podem ser minimizados se tivermos uma política de esporte, uma política clara de reposição de aula, de liberação de prova, de mudança de pensamento, mas eles não vão desaparecer. Eles não desaparecerão, sem sombra de dúvida, se a EF na IES não virar curso. Se virar um curso, vão vir outros problemas novos. Mas pelo menos conseguiremos atingir outro estágio. Nós temos facilidades aqui dentro porque temos gestores envolvidos que gostam muito do trabalho desenvolvido na EF e no Esporte. Temos pessoas influentes afetas ao esporte como o Gestor de Finanças, o Reitor e o Vice-Reitor, o Pró-Reitor de Extensão, o Diretor de Cultura e Esporte que aliviam algumas coisas. Na época da contratação dos técnicos desportivos, ligamos esses profissionais diretamente à Reitoria. Se isso não for um projeto da administração superior, as coisas não andam. Se a administração superior não valoriza, nada vai pra frente. Se na próxima gestão as pessoas responsáveis por isso não tiverem o mesmo interesse, pode ser que isso tudo que está sendo feito aqui acabe. Acho que temos de criar normas para garantirmos isso.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1, S2	66,6		O esporte pode estimular o desenvolvimento de vários aspectos importantes para o desenvolvimento humano	<p>Acho que, sem dúvida, o esporte ajuda no aspecto formativo, por conta de vários valores que são trabalhados. Quando você participa de um time, você trabalha disciplina, desempenho, desenvolvimento físico que chamem de muleta ou não é importante para o desenvolvimento do ser humano como um todo. Acho que o esporte aqui é usado aquém de como deveria ser usado por falta de diálogo entre as pessoas envolvidas. Eu me coloco como peça que não dialoga. Por conta dessa falta de diálogo, perdemos muito do aspecto formativo que o esporte deveria ter. Mesmo no currículo dos cursos aqui as disciplinas de EF são acessórios. O currículo do aluno deveria ter as atividades formativas do núcleo comum, em que todas as disciplinas técnicas do curso de engenharia deveriam entrar. Além delas o currículo deveria ter um hall de disciplinas eletivas, de atividade complementar. Eu acho que se uma atividade complementar for coordenada por uma pessoa que oriente esse trabalho, de repente porque não essa atividade entrar no currículo. Hoje, se usa muito o argumento que se essa atividade não é desenvolvida por um docente, ela não pode</p>

				entrar no currículo. Mas mesmo assim, temos muita disciplina que alunos do mestrado, do doutorado ministram. Temos também as atividades de laboratório, que são desenvolvidas por um técnico de laboratório e não por um docente. Acho que temos que estudar isso de uma forma que isso seja matematicamente viável. Mas por que não valorizar aquele aluno que participa das equipes da Universidade, que são coordenadas pelos técnicos desportivos da própria Universidade? Acho que isso deve acontecer com os projetos especiais também, como o Eco veículo. Isso deveria funcionar como progressão da graduação, você pode ganhar até tantos pontos por ter feito isso, pode ganhar até tantos créditos. Não considerar isso é um erro.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1	33,3	<ul style="list-style-type: none"> - esbarramos em empecilhos que são normais em uma Universidade que não pensa na EF como uma área de ensino; - os times para competição são preparados, mas os professores do curso não liberam esses alunos de aulas para isso; - existem várias questões mal resolvidas que giram em torno de decisões politicamente mal pensadas e mal planejadas; - não temos comunicação com os setores da Universidade como um todo; - nossos técnicos desportivos não tem status de docentes. 	Possuir profissionais de EF não garante a ausência de dificuldades	Sempre esbarramos em empecilhos que são normais em uma Universidade que não pensa na EF como uma área de ensino, uma área de conhecimento. Um dos problemas é que os times para competição são preparados, mas os professores do curso não liberam esses alunos de aulas para isso. Outro problemas: os técnicos não podem exigir muito dos atletas nos períodos de provas; eles não conseguem treinar todo o período necessário; às vezes não conseguimos recurso para custear o torneio; não consigo falar em esporte de rendimento para os alunos da AAAUNIFEI porque ela não é um órgão responsável pelo esporte de rendimento. Ou seja, existem várias questões mal resolvidas que giram em torno de decisões politicamente mal pensadas e mal planejadas. O que de fato pode ser uma facilidade por termos vários profissionais inseridos na área da EF, constituiu-se em um problema, porque não temos comunicação com os setores da Universidade como um todo. Nosso setor esportivo não tem a estrutura necessária mínima de internet e telefone, de reposição de material, de pessoal, de limpeza, entre outros. Nossos técnicos desportivos não tem status de docentes, não tem o respeito necessário.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1	33,3	- a questão da contratação de quatro técnicos desportivos aconteceu pela vontade política e pessoal dos antigos gestores.	A contratação dos técnicos desportivos aconteceu por vontade pessoal dos gestores	A questão da contratação de quatro técnicos desportivos aconteceu pela vontade política e pessoal dos antigos gestores, principalmente por conta do antigo vice-reitor que acreditava no esporte. Essa vontade também resultou no desvio de função de um técnico em assuntos educacionais da IES, que era formado em EF, para trabalhar com esporte. Acho que em defesa da área da EF é interessante. Termos profissionais na IES que conseguem

				desenvolver várias atividades, mas por outro lado, embora tenhamos quatro técnicos desportivos, não temos o apoio e abertura desejada para executar políticas e projetos na área do esporte.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S2	33,3	<ul style="list-style-type: none"> - sempre encarei a atividade esportiva de forma bastante importante; - o esporte é o que congrega melhor as pessoas do ponto de vista de relacionamento, amizade, conhecimento. 	O esporte deve ser valorizado pela IES	Desde que entrei na Universidade, sempre encarei a atividade esportiva de forma bastante importante. Eu participava (jogando mesmo) e depois que passei a exercer algumas funções relacionadas à gestão na Universidade, entendi que os professores responsáveis deveriam melhorar essas atividades esportivas, mesmo a Universidade tendo o perfil tecnológico. Entendo que o esporte, por exemplo, o futsal, é o que congrega melhor as pessoas do ponto de vista de relacionamento, amizade, conhecimento. Lembro-me que a maioria dos professores que conheci aqui na IES que não eram do meu departamento, eu conheci na atividade esportiva. Encaro que mesmo sendo uma Universidade tecnológica, essa atividade esportiva deva ser extremamente valorizada. Eu questionava esse aspecto com os docentes de EF da época, sugerindo que eles movimentassem isso muito mais.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S2	33,3	<ul style="list-style-type: none"> - A EF se restringia apenas na atividade física; - foco no exercício e não no aluno que faz o exercício. 	As disciplinas obrigatórias de EF se restringiam apenas a prática de exercícios físicos	A EF, antes obrigatória, se restringia apenas na atividade física. Não era encarada como atividade esportiva de congraçamento, de lazer, era apenas uma aula de 50 minutos de atividade física, com o foco no exercício e não no aluno que faz o exercício.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S2	33,3	<ul style="list-style-type: none"> - tivemos a possibilidade de contratar novos profissionais de EF; - era melhor termos vários técnicos desportivos do que ter alguns docentes de EF; - poderíamos contratar um número maior de técnicos desportivos do que docentes; - Depois da contratação dos técnicos desportivos, nossas atividades esportivas melhoraram muito; - vejo diferentes atividades esportivas que não existiam antes; 	Melhoramos o oferecimento de atividades esportivas com a contratação de técnicos desportivos	Com a expansão da Universidade por conta do Reuni, tivemos a possibilidade de contratar novos profissionais de EF para movimentar a Universidade em relação às atividades esportivas. Entendemos que era melhor termos vários técnicos desportivos do que ter alguns docentes de EF. Normalmente, os docentes de EF não gostam de ficar diuturnamente no Centro Poliesportivo, cuidando do oferecimento de atividades esportivas. Eles querem construir suas carreiras acadêmicas, querem fazer mestrado, doutorado, vão mais para a parte científica. Os docentes muitas vezes querem fazer uma pesquisa muito pura e isso não trazia benefícios para a parte esportiva da Universidade. Claro que, do ponto de vista de capacitação docente, a Universidade ganharia com isso. Assim, optamos por contratar técnicos desportivos. Outro ponto que contribuiu para isso é que poderíamos contratar um número maior de técnicos desportivos do que docentes. Depois da contratação dos técnicos desportivos, nossas atividades esportivas melhoraram muito. Hoje, vejo diferentes atividades esportivas que não existiam antes. Acho que o esporte é a

		- os técnicos desportivos atualmente fazem muito bem esse papel, de maneira sistematizada, com um número maior de eventos, mais modalidades esportivas.		melhor maneira de congraçamento, de lazer, de amizade em todos os níveis, seja de corpo docente, discente e servidor técnico-administrativo. Os alunos chegam aqui de todo o Brasil. No primeiro período não conhecem ninguém, a maioria dos alunos não é da cidade. Acho que é no esporte que se conhece mais as pessoas. Eu valorizo muito isso e acho que os técnicos desportivos atualmente fazem muito bem esse papel, de maneira sistematizada, com um número maior de eventos, mais modalidades esportivas. Antigamente, existiam só dois cursos, e todos se conheciam. Entravam por ano 252 alunos. Hoje entram mais de 1000 alunos. Antes, naturalmente eles mesmos se organizavam. O Centro Poliesportivo não ficava diuturnamente ocupado com os nossos alunos. Ele vivia ocupado com mais gente de fora do que com os próprios alunos. Hoje acontece o contrário. Hoje eu sei que de manhã, tarde e noite o Centro Poliesportivo está ocupado. Isso foi valorizado e acho que estamos no caminho correto.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S3	33,3	- a existência de várias atividades mostram que a IES não pode se fechar somente naquilo que ela tem como seu foco principal; - Precisamos dar outras opções de atividades aos nossos alunos, atividades que desenvolvem o ser humano; - vejo que a EF se insere nesse segmento de formação.	A Universidade não pode se fechar somente na sua principal função	Falando sobre a parte esportiva a existência de várias atividades mostram que a IES não pode se fechar somente naquilo que ela tem como seu foco principal, em formar profissionais. Precisamos dar outras opções de atividades aos nossos alunos, atividades que desenvolvem o ser humano como um profissional mais qualificado, indo além da sua formação técnica. Eu já ouvi profissionais da área de recursos humanos dizerem que nossos alunos se destacam em processos de seleção. Eles diziam que nossos alunos tinham não só competência técnica, tinham também o perfil mais voltado para a qualidade de relacionamento, educação, coisas que os qualificavam como melhores do que os profissionais de Universidade maiores. Eu vejo que a EF se insere nesse segmento de formação, tudo isso se torna importante para o currículo do futuro profissional.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
S3	33,3	- as empresas valorizam um recém formado que tenha conquistado alguns méritos em relação a equipes competitivas pela sua Universidade; - isso se tornou currículo; - quem teve uma boa formação em EF sempre poderá ser valorizado.	As empresas atuais cobram alguns valores que o esporte pode estimular nos futuros profissionais	Atualmente, as empresas valorizam muito um recém formado que tenha trabalhado na área social, que tenha feito um estágio com população carente, que tenha conquistado alguns méritos em relação a equipes competitivas pela sua Universidade, isso se tornou currículo. Não é importante somente aquele profissional focado no âmbito técnico, mas também aqueles com outras qualidades. Quem teve uma boa formação em EF sempre poderá ser valorizado, porque sempre existe um clube pra você praticar um esporte ou isso pode acontecer na própria empresa.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 12	Discurso do Sujeito Coletivo 12

S1	33,3	<ul style="list-style-type: none"> - criar disciplinas; - discussão que pode servir como formação; - seria interessante que o esporte se colocasse em uma área de discussão que os outros cursos pudessem participar; - existem janelas de discussão que podem ser abertas; - por conta do esporte ser considerado, essas janelas estão de antemão fechadas. 	<p>O esporte deveria ser colocado em uma área de discussão acessível aos cursos da IES</p>	<p>Lembro-me que, no ano passado, o Pró-Reitor de Graduação falava sobre criar disciplinas... eu achava as ideias dele interessante. Criei uma disciplina chamada Lazer e Planejamento com o Instituto de Recursos Naturais. Por exemplo, nessa disciplina, discutia com os alunos o quanto é importante a localização de um banco na praça, ou como são importantes árvores que forneçam sombra para atividades como ginástica. Nesse momento, estou criando uma discussão interessante, que pode servir como aspecto de formação. Isso pode servir até para os outros cursos. Por exemplo, nessa disciplina tinha um aluno da engenharia civil e ele apresentou um seminário sobre quais tipos de materiais podem ser usados para construção de pisos e bancos em praças públicas, para que aconteçam mais atividades esportivas. Eu estou exagerando um pouco mas por não termos o curso de EF na nossa Universidade, seria interessante que o esporte se colocasse em uma área de discussão que os outros cursos pudessem participar também. Temos agora um curso de ciências biológicas, de física, física médica então já existem janelas de discussão que possam ser abertas. Mas por conta do esporte ser considerado acessório, essas janelas estão de antemão fechadas, sendo difícil fazer essa interlocução. Aqui na Universidade existe diferenciação entre docente e técnico administrativo, é muito difícil que trabalhem juntos em um mesmo projeto sem que aja um certo preconceito. E outro ponto chave são as disciplinas de EF que não são mais obrigatórias, agora elas entram como eletivas. Nas disciplinas eletivas o aluno não pode ser reprovado. Eu tenho aulas que começam cheias e em semana de provas acabam ficando vazias. Mesmo no currículo dos cursos aqui as disciplinas de EF são acessórios. O currículo do aluno deveria ter as atividades formativas do núcleo comum, em que todas as disciplinas técnicas do curso de engenharia deveriam entrar. Além delas, o currículo deveria ter um <i>hall</i> de disciplinas eletivas, as disciplinas de atividade complementar. Eu acho que se uma atividade complementar for coordenada por uma pessoa que oriente esse trabalho, de repente porque não essa atividade entrar no currículo? Hoje, se usa muito o argumento que se essa atividade não é desenvolvida por um docente, e por conta disso ela não pode entrar no currículo. Acho que temos que estudar isso de uma forma que isso seja matematicamente viável.</p>
----	------	---	--	--

Com os dados apresentados, verificamos dois motivos principais para a existência de profissionais de EF na IES. O primeiro reflete o discurso do SC1, indicando que a presença dos profissionais refere-se ao fato da EF ser componente obrigatório dos currículos de graduação

das IES brasileiras em um passado não tão distante (fato esse discutido anteriormente no Problema). O segundo motivo se refere ao discurso do SC6, em que é relatada a “simpatia” de alguns gestores pelo esporte, fato este que resultou na contratação de técnicos desportivos para a IES.

Outros assuntos importantes são comentados pelo SC. O SC2 releva a importância do esporte como meio de divulgação da IES. Esse argumento é colocado com a justificativa da possibilidade de divulgação das conquistas esportivas em diferentes meios de comunicação. O SC5 indica que, mesmo com a presença de profissionais de EF na IES, existem dificuldades a serem superadas. Parece-nos que essas dificuldades estão diretamente relacionadas ao papel do desporto para a maioria da comunidade acadêmica da IES, entendendo-o como “acessório”, fala essa confirmada adiante pelo SC6 nas o Expectativas em relação às equipes de representação da IES. Refletindo acerca dos caminhos para minimizar essas dificuldades, o SC3 sugere a necessidade da criação de políticas institucionais para o desenvolvimento do esporte na IES. O SC3 afirma que as ações desenvolvidas são reflexos do interesse pessoal de alguns gestores. Ainda o SC3 ressalta a importância dessas ações se tornarem parte da política institucional, promovendo ações futuras no esporte independentemente de quais gestores dirigem a IES. Interessante destacar que o SC3 sugere que a IES deveria refletir sobre a abertura de um curso de graduação voltado para a área da EF e do esporte, podendo este ser um caminho interessante para minimizar os problemas encontrados.

O SC7 indica a necessidade de valorização do esporte pela IES, afirmando que o esporte é uma atividade que congrega as pessoas do ponto de vista de relacionamento, amizade, conhecimento, atividades estas importantes para os alunos. O SC8 se refere ao fato das disciplinas de EF, anteriormente obrigatórias, se restringirem apenas a prática de exercícios físicos. O SC8 ressalta a necessidade de ir além do desenvolvimento dos aspectos físicos dos indivíduos, fala essa presente nesse estudo e nas ideias de autores como Santana (2005), De Rose Jr. (2013a) e Bento (2006; 2013). O SC9 aponta a melhora na quantidade e qualidade das atividades esportivas oferecidas posteriormente à contratação dos técnicos desportivos. Indica também que o interesse dos técnicos desportivos e as normas do regimento de trabalho desse respectivo cargo são os principais fatores responsáveis por essa melhoria.

O SC10 ressalta a importância da IES não se dedicar somente à formação profissional, ideia essa complementada pelo SC11. Para esse SC, as empresas responsáveis pela captação do futuro profissional esperam desses indivíduos alguns valores e atitudes que transcendam o conhecimento técnico-profissional, podendo o esporte ser um caminho para esse objetivo. O SC12 indica a necessidade de o esporte estar relacionado aos cursos de graduação da IES. Como

exemplo para isso, relata formas possíveis de diálogo entre os conhecimentos adquiridos na formação técnica-acadêmica ofertados pelos diferentes cursos da IES com o esporte, indicando possíveis relações a serem feitas. Isso nos parece interessante, já que o desporto poderia ser tema de discussão em sala de aula, relacionando as experiências promovidas pela IES com as possibilidades de discussões promovidas pelos conteúdos específicos dos cursos de graduação. Mediante essas ações, pode-se ampliar a importância do desporto na IES.

4.2.2 Pergunta 2 - Expectativas em relação às equipes de representação da IES

Como um dos principais focos de investigação do estudo envolve as equipes de representação, investigamos quais expectativas são apresentadas pelos gestores em relação à essas equipes. Isso posto, perguntou-se aos gestores da IES a seguinte questão: “O que você espera das equipes de representação que a IES possui?”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 12.

Quadro 12 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O que você espera das equipes de representação que a IES possui?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S2	66,6	- espero que os alunos cresçam e se desenvolvam mediante as experiências esportivas que estão desfrutando; - aprendam a lidar bem com a derrota e a vitória.	Espero que os alunos se desenvolvam mediante as experiências esportivas que vão viver	Eu espero principalmente que os alunos cresçam e se desenvolvam mediante as experiências esportivas que estão desfrutando. Espero que eles aprendam a lidar bem com a derrota e a vitória, que pensem quais as qualidades do treinamento desportivo e quais as experiências proporcionadas pelos campeonatos podem ajudá-los no seu crescimento pessoal ou até na formação acadêmica. Acho que isso vem muito antes ou caminha junto com a questão dos resultados.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S2, S3	66,6	- esperamos é que tenhamos times de excelência nas várias modalidades; - quem tiver qualidade terá a oportunidade; - antes, quem era amigo de fulano é quem entrava no time;	Espero a criação de equipes de excelência com oportunidades aos alunos que tenham competência técnica e se empenhem	O que esperamos é que tenhamos times de excelência nas várias modalidades. Com cerca de 5 mil alunos, quero crer que temos bons atletas nas diferentes modalidades esportivas que existem. Os técnicos desportivos estão aqui para fazer essa seleção. Quem tiver qualidade terá a oportunidade de representar a IES. Antes, quem era amigo de fulano é quem entrava no time e hoje o trabalho é desenvolvido em cima da competência técnica e empenho. Como gestor, espero que tenhamos equipes de excelência, que consiga competir

		- hoje o trabalho é desenvolvido em cima da competência técnica e empenho; - ganhar é consequência do trabalho e isso é extremamente relevante para a formação do aluno.		externamente, mas não com o objetivo especificamente de ser campeão. Acho que o fato de participar, de conhecer outras Universidades, outros alunos, faz com que nosso aluno se desenvolva mais, conheça novas possibilidades na sua formação. Entendo que ganhar é consequência do trabalho desenvolvido anteriormente e entendo que isso é extremamente relevante para a formação do aluno.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1, S3	66,6	- espero que as equipes divulguem o trabalho esportivo que fazemos aqui; - essa é uma das maneiras de divulgarmos nossa instituição; - a Universidade tem tradição em tradição na área esportiva, sendo muito importante que isso continue acontecendo, crescendo.	Espero que as equipes divulguem o trabalho que fazemos aqui	Eu espero que as equipes divulguem o trabalho esportivo que fazemos aqui. Espero que elas sejam bastante competitivas, que tragam resultados para a Universidade, porque essa é uma das maneiras de divulgarmos nossa instituição, principalmente por não estarmos no centro do país. Um dos nossos indicadores é através dos alunos e isso ocorre com a formação acadêmica de uma forma geral. A Universidade tem muita tradição em relação a bons profissionais que coloca no mercado de trabalho. Como também tem tradição na área esportiva, sendo muito importante que isso continue acontecendo, crescendo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S3	33,3	- poderia ser divulgado melhor, dar conhecimento a todos sobre o que está acontecendo em termos de planejamento; - precisamos de mais comunicação entre os professores e os profissionais do esporte.	Precisamos divulgar melhor o trabalho das equipes dentro da Universidade	Acho poderia ser divulgado melhor, dar conhecimento a todos sobre o que está acontecendo em termos de planejamento, de número de alunos que participam, as dificuldades, fazer mais reuniões, etc. Devíamos agendar bate-papos como este, com professores, com outros profissionais aqui da Universidade, formar comissões de pessoas que possam participar e que queiram ajudar. Acho que a divulgação é importante, tanto no sentido ruim de mostrar que não existem pessoas querendo trabalhar com alguma coisa ou como no bom sentido de dizer de existem muitas. Acho que esse envolvimento tem que existir. Precisamos de mais comunicação entre os professores e os profissionais do esporte. Porque na hora que da vitória é uma festa, vemos fotos na página da Universidade, quem está no Conselho Universitário vê o pessoal chegando, vê troféus passando por todo lado. Mas e as dificuldades, os problemas envolvidos pra chegar naquilo? Penso que muitas pessoas poderiam ajudar a solucionar esses problemas, mas não ajudam por não terem conhecimento.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1	33,3	- as atividades extracurriculares também são importantes para a formação do aluno;	A Universidade precisa valorizar as atividades extracurriculares	Acho que precisamos fazer com que as pessoas entendam que as atividades extracurriculares também são importantes para a formação do aluno. E não estou falando só de esporte, estou falando de participação em centro acadêmico, em atividades culturais, nos projetos especiais,

		- falta de diálogo com nossos alunos e docentes, para valorizarmos as atividades extracurriculares.		trabalho voluntário, entre outros. Falta de diálogo com nossos alunos e docentes, para valorizarmos as atividades extracurriculares.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1	33,3	- isso acontece por conta da EF na IES ser um acessório ainda; - eu posso excluir o acessório se ele me incomodar; - os gestores aqui ajudam até o momento que acharem que ele está incomodando muito.	Espero dificuldades no desenvolvimento das equipes	Isso acontece por conta da EF na IES ser um acessório ainda. Antes, ela era disciplina obrigatória, então isso era mais fácil. Agora, como não é mais obrigatória, eu posso excluir o acessório se ele me incomodar. E é assim que acontece muitas vezes. Isso não acontece só com os professores, mas com os funcionários como um todo, com os setores como um todo. Tem o caso de um técnico desportivo aqui que incomoda a Universidade porque ele quer melhorar o trabalho desenvolvido. Os gestores aqui ajudam até o momento que acharem que ele está incomodando muito. Isso não acontece só com o esporte, mas com tudo. As pessoas aqui acham que o esporte é importante, acham que cultura é importante também. Mas se o desenvolvimento dessas atividades "importantes" incomodarem muito, esse trabalho será revisto. Eu não acho que deva ser por aí.

Os dados encontrados nos possibilitam refletir sobre as ideias apresentadas a respeito dessa temática a partir dos discursos produzidos na Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso. O SC1 comunga com Bento (2013b), entendendo o desporto como a possibilidade de desenvolvimento pessoal e auxiliador na formação acadêmica, mediante a vivência de aspectos como o esforço e prazer, a derrota e vitória, o sacrifício e realização, entre outros possíveis. O SC1 comunga com o SC4 na Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso, entendendo que o esporte pode estimular o desenvolvimento humano. O SC2 espera a criação de equipes de excelência com oportunidades aos alunos que tenham competência técnica e se empenhem nos treinamentos para isso. É interessante ouvir o SC falar sobre “equipes de excelência” no desporto universitário, principalmente em uma IES pública. Diante dos dados apresentados neste estudo, verificamos que a criação dessas equipes nesse ambiente nos parece algo muito distante. Encontramos aspectos que contribuem para isso, como a escassez de alunos na IES que passaram por períodos de treinamento em longo prazo e o fato de não existir na IES nenhuma ação política que estimule a formação das equipes, já que os alunos não possuem “facilidades” acadêmicas, visando a prática do desporto. Ressaltamos como aspecto positivo o entendimento do desporto ser oportunizado a todos, não somente aos

mais talentosos, afirmação esta defendida anteriormente pelo pesquisador e pelos autores presentes no referencial teórico.

O SC3 afirma esperar que as equipes divulguem o desporto desenvolvido na IES, indicando que o êxito esportivo consiste em uma forma de divulgar a IES no cenário esportivo e educacional, discurso esse defendido também pelo SC2 na Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso. O SC4 fala sobre a necessidade das ações desportivas desenvolvidas serem divulgadas dentro da própria IES, informando que, muitas vezes, a comunidade acadêmica não tem ciência das ações que são realizadas. Esse SC indica ainda a possibilidade de um maior número de pessoas afetas ao desporto auxiliarem na sua promoção, caso seja realizada uma melhor divulgação dentro da IES. O SC5 entende o desporto como uma atividade extracurricular existente na instituição. Esse SC defende a importância das atividades extracurriculares, entendendo que estas devam estar voltadas para a formação dos alunos. Essa informação parece-nos relevante, pois defendemos uma formação acadêmica ampla, muito maior do que os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Podemos imaginar, mediante as afirmações do SC3 na Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso, que a criação de uma política institucional para desenvolvimento do esporte possa ser um caminho para concretização dessas ideias.

O SC6 relata a expectativa de surgimento de muitas dificuldades para o desenvolvimento das equipes de representação. Para esse SC, o fato da EF possuir um papel de “acessório” na IES, sendo considerada importante somente em alguns momentos, por conveniência ou interesse político, sugere essas dificuldades. Essa afirmação nos remete aos comentários realizados anteriormente sobre as contradições referentes ao desporto universitário brasileiro. Acreditamos não existir clareza nos objetivos da sua promoção ou quais sujeitos deveriam participar desta etapa de desenvolvimento desportivo. Na ausência desses aspectos, torna-se impossível a defesa do desporto como auxiliador na formação dos alunos.

4.2.3 Pergunta - Expectativas em relação ao trabalho dos técnicos desportivos com as equipes de representação

Discutimos anteriormente a função do treinador. Inúmeros aspectos referentes essa temática foram apresentados. Verificamos junto aos jogadores das equipes de futsal informações relevantes sobre o trabalho realizado pelo treinador. A partir disso, investigamos as expectativas apresentadas pelos gestores para com o trabalho dos técnicos desportivos com suas equipes. Para isso, formulou-se a seguinte questão aos gestores: “O que você espera que

os técnicos desportivos desenvolvam com as equipes de representação da IES?'. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 13.

Quadro 13 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: O que você espera que os técnicos desportivos desenvolvam com as equipes de representação da IES?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1, S3	66,6	<ul style="list-style-type: none"> - nosso currículo é muito inchado; - na IES é comum você ver alunos com 35, 40 horas de aula; - eles abrem mão de tudo para conseguirem nota. 	O currículo acadêmico dificulta o desenvolvimento das equipes	Na IES temos um agravante sério, o nosso currículo é muito inchado. Se em outros cursos é normal que tenhamos 20, 25, 27 horas de aula por semana, aqui na IES é comum você ver alunos com 35, 40 horas de aula. Como que o aluno irá pensar em fazer outra coisa sendo que ele faz 35 horas de aula por semana? E de dois em dois meses tem aquela história das provas, sendo que eles abrem mão de tudo para conseguirem nota.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S2, S3	66,6	<ul style="list-style-type: none"> - para ele ter um rendimento melhor nos cursos, ele precisa ter atividades físicas; - eu encaro que a atividade esportiva faz com que ele cresça como pessoa; - não estamos aqui só para formar tecnicamente as pessoas; - a parte técnica todos são capazes de aprender, só basta dedicação; - formar pessoas, ser gente, isso demora; - acredito que a formação esportiva ajuda muito o nosso aluno a virar gente. 	O técnico desportivo deve auxiliar a Universidade a ir além da formação técnica	Quando o aluno ingressa na IES para fazer um determinado curso, seja de engenharia, matemática, física, química, entre outros, o aluno não pode pensar que agora é dedicação exclusiva para o curso, principalmente na faixa etária que o jovem chega aqui na Universidade que é de 18 anos, não mais que 24 anos. É o auge da sua capacidade física e logicamente ele não irá suportar ficar tempo integral só estudando, não fazendo nenhuma outra atividade. Para ele ter um rendimento melhor nos cursos, ele precisa ter atividades físicas. Eu encaro que a atividade esportiva faz com que ele cresça como pessoa. Não estamos aqui só para formar tecnicamente as pessoas. As pessoas precisam aprender a ser gente. Se ele não aprender a se relacionar terá muitas dificuldades no futuro e a atividade esportiva traz isso. Veja bem, a parte técnica... eu sou professor de Resistência de Materiais e se o aluno não aprende bem o que estou tentando passar, se durante um dia todo ele sentar e estudar, com certeza aprenderá. A parte técnica todos são capazes de aprender, só basta dedicação. Mas formar pessoas, ser gente, isso demora. Para ser gente, precisamos conviver com as pessoas, se relacionar, conhecer outras culturas e acho que o esporte congrega muito isso. Acredito que a formação esportiva ajuda muito o nosso aluno a virar gente. Não basta hoje formar a pessoa do ponto de vista técnico científico só, é preciso ser gente. No seu trabalho ele precisa se relacionar, respeitar, cumprir. Acho que o esporte contribui muito com isso.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3

S1, S3	66,6	<p>- seria interessante que o alunos tivessem uma avaliação das suas aptidões para que os melhores talentos possam ser aproveitados;</p> <p>- isso tudo só se descobre com o contato direto entre os professores e os alunos;</p> <p>- o carro chefe do esporte universitário não deixa de ser o esporte de competição;</p> <p>- acho condição básica que o técnico esportivo promova as atividades de treinamento, promova a formação de equipes representativas.</p>	Os técnicos precisam selecionar os melhores atletas e participar de competições	<p>Eu não sei se os alunos conhecem todas as atividades esportivas oferecidas pela Universidade ou se eles são convidados a participar. O que eu considero fundamental é um trabalho de base, que esse trabalho de base ocorra para os alunos serem avaliados em relação às suas habilidades. Acho que toda equipe se torna competitiva a partir desse trabalho de base bem feito. Aqui por sermos uma Universidade e muitos alunos virem de fora da cidade, não conhecemos os seus potenciais. Logo no início, seria interessante que o alunos tivessem uma avaliação das suas aptidões para que os melhores talentos possam ser aproveitados. Sabemos que no esporte não é só o talento que se destaca, depende muito do esforço. E isso tudo só se descobre com o contato direto entre os professores e os alunos. O carro chefe do esporte universitário não deixa de ser o esporte de competição. Por conta de dois motivos principais: nosso sistema universitário combina muito com o ambiente esportivo de competição; e as pessoas envolvidas estão em uma faixa etária em que, muitas vezes, possuem vivências em competições esportivas e queiram continuar isso na Universidade. Acho condição básica que o técnico esportivo promova as atividades de treinamento, promova a formação de equipes representativas, acho que isso é básico na descrição desse cargo.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1	33,3	<p>- o técnico desportivo pode ir além de apenas desenvolver as modalidades;</p> <p>- pensaria em quais iniciativas eu posso tomar para que o esporte seja mais do que somente a prática pela prática.</p>	O técnico desportivo pode desenvolver aspectos condizentes com a educação no ensino superior	<p>Acho que o técnico desportivo pode ir além de apenas desenvolver as modalidades. Como ele está trabalhando com esporte em uma instituição de ensino superior, pensaria em quais iniciativas eu posso tomar para que o esporte seja mais do que somente a prática pela prática. Acho que o técnico desportivo tem esse desafio de pensar o esporte não só a prática pela prática mas de que maneira o esporte pode ser desenvolvido dentro da Universidade, não só para os alunos mas para os funcionários e porque não para a comunidade.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1	33,3	<p>- podemos fazer parcerias com outras Universidades para desenvolver pesquisas na área do esporte;</p> <p>- estendermos as parcerias que já temos com a prefeitura para que os times da IES também representem a cidade.</p>	O técnico desportivo deveria buscar parcerias para desenvolver seu trabalho	<p>Acho que podemos fazer parcerias com outras Universidades para desenvolver pesquisas na área do esporte, já que não temos a possibilidade de fazer isso aqui por conta de não termos o curso de EF. Ou, por exemplo, estendermos as parcerias que já temos com a prefeitura para que os times da IES também representem a cidade. Podemos desenvolver projetos de extensão com a ajuda dos alunos que têm certa experiência em alguma modalidade.</p>
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1	33,3	- falta diálogo com os coordenadores de	Os técnicos desportivos devem	<p>Acho que falta muito um trabalho mais próximo dos técnicos com os setores da Universidade.</p>

		curso, para conciliar disciplina, liberar alunos, ou para apresentar o trabalho que está sendo desenvolvido.	dialogar com os outros setores da Universidade	Falta diálogo com os coordenadores de curso, para conciliar disciplina, liberar alunos, ou para apresentar o trabalho que está sendo desenvolvido. Acho que falta diálogo dos técnicos com a equipe de assistência estudantil, do departamento pessoal.
--	--	--	--	---

Isso posto, verificamos que o SC apresenta diferentes expectativas em relação ao trabalho dos técnicos desportivos com as equipes de representação. O SC1 releva a existência de dificuldades no desenvolvimento das ações pelos técnicos desportivos. Esse SC relata que o currículo acadêmico dos cursos de graduação das IES é muito extenso. O fato dos alunos possuírem muitas aulas por semana faz com que seja difícil a realização de outras atividades. Esse pensamento é compartilhado pelo SC nas Entrevistas – Ex-treinadores. Desse modo, o técnico desportivo não consegue promover um número de atividades adequadas por semana para atingir os objetivos pretendidos com o treinamento das equipes. O SC3 sugere a seleção dos melhores atletas para participação em diferentes competições. O SC2 e o SC4 afirmam a expectativa de se ir além do treinamento desportivo, estimulando outros aspectos que podem ser oportunizados pela prática desportiva, comungando com as ideias de outros SC apresentados neste estudo. O SC2 relata a necessidade de a Universidade ir além da formação técnica dos alunos, sendo necessária a estimulação de valores e atitudes condizente com a formação humana, comungando com Bento (2013a) e Santana (2005). Essas atitudes, na visão do SC2, têm no desporto um excelente ambiente para essa finalidade. Já SC4 aponta que o técnico desportivo pode desenvolver aspectos envolvidos com a educação no ensino superior, transcendendo a “prática pela prática”. Essa afirmação se relaciona com o discurso do SC1, na Presença de professores de EF em uma IES que não possui o curso.

O SC5 revela que o técnico desportivo deveria buscar parcerias (com a prefeitura ou outras IES) para desenvolver seu trabalho. Um dos principais motivos para essa afirmação se refere à IES não ter cursos de graduação voltados para a EF e/ou o desporto. O SC6 afirma que os técnicos desportivos devem dialogar com os outros setores da Universidade, buscando melhorar o trabalho realizado.

4.3 ENTREVISTAS - EX-TREINADORES

A escolha pela realização de entrevistas com ex-treinadores é justificada pelo envolvimento direto desses sujeitos em todo o processo de desenvolvimento esportivo. Inicialmente, era prevista a realização de entrevistas com dois ex-treinadores, responsáveis pela

promoção do desporto em determinado período na IES. Infelizmente, um dos ex-treinadores apresentou problemas de saúde no período de realização da pesquisa, não sendo possível coletar o seu discurso. Mediante os dados coletados e analisados, podemos entender de modo mais amplo o desenvolvimento do desporto dentro da IES estudada. Para isso, foram formuladas três temáticas de questionamentos, sendo estas apresentadas abaixo.

4.3.1 Pergunta 1 - Desenvolvimento do desporto na IES

Diante da carência de documentos pesquisados durante a etapa da Análise Documental e as dúvidas ressaltadas no O Desporto Universitário, tornou-se fundamental pesquisarmos junto a um ex-treinador da IES analisada questões referentes ao desenvolvimento do desporto. Para isso, formulou-se a seguinte questão: “Como se deu a implantação do desporto dentro da IES?”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 14.

Quadro 14 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Como se deu a implantação do desporto dentro da IES?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1	100	- fui procurado pelos alunos; - necessidade de um treinador.	Interesse por parte dos alunos	Eu vim para a IES transferido há uns 10 anos, para trabalhar no Centro Poliesportivo. Na época, fui procurado pelos alunos da AAAUNIFEI, eles diziam ter a necessidade de um treinador para o futsal.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1	100	- se a diretora e a reitoria autorizassem;	Autorização para trabalhar com as equipes pela IES	Falei que, se a Diretora do CPE juntamente com a Reitoria autorizasse, eu assumiria os treinamentos da equipe. Eles procuraram a Diretora do CPE, procuraram o Chefe de Gabinete na Reitoria e eles autorizaram. Logo que assumi o futsal masculino, o futsal feminino também me procurou. Conversamos e após conseguirmos colocar os treinamentos das duas equipes no mesmo dia, assumi ambas as equipes.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1	100	- não existia treinador para nenhuma modalidade; - treinamentos direcionados por atletas.	Os jogadores eram responsáveis pelo treinamento	Quando cheguei à IES não existia treinador específico para nenhuma modalidade. Todos os treinamentos eram direcionados por atletas. O futsal feminino treinava na quarta, sendo que uma das jogadoras era responsável pelo treinamento. As outras modalidades também treinavam, mas não tinham a presença de

				treinadores, eram os alunos que comandavam os treinos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1	100	- os professores responsáveis por essas disciplinas permitiam que os alunos que treinassem comigo tivessem suas presenças e notas computadas nos treinamentos.	Parceria com os docentes das disciplinas de EF obrigatórias	Nesse período, as aulas de EF eram regulares, eram obrigatórias. Os professores responsáveis por essas disciplinas permitiam que os alunos que treinassem comigo tivessem suas presenças e notas computadas nos treinamentos no lugar da necessidade de estar presente na disciplina.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1	100	- muitas modalidades não tinham treinos; - o aluno que ia torcer ou curtir o evento virava atleta.	Ausência de treinamentos	Nesse período, muitas modalidades não tinham treinos. Por exemplo, quando viajávamos para uma competição os membros da AAAUNIFEI perguntavam aos alunos quem sabia nadar, quem jogava vôlei feminino, quem jogava basquete feminino. Nessa época, o aluno que ia torcer ou curtir o evento virava atleta, principalmente na categoria feminino. No masculino, existia aqui uma quantidade maior de alunos. Mas quando o aluno toma conta do aluno, nunca dá certo.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
S1	100	- necessidade de profissionais de EF; - cobramos profissionais para trabalhar com as equipes de representação; - o futsal deu certo por causa da presença de um treinador; - melhora na promoção do esporte.	Necessidade de profissionais de EF para o desenvolvimento do esporte de representação.	Eu sentia a necessidade de profissionais de EF no comando do esporte. Em todos os momentos que tinha condições de me expressar aos diretores aqui falava isso, falava da necessidade de profissionais. Não posso deixar de comentar que em uma das minhas reuniões com a Reitoria, eu cobrei a necessidade da contratação de mais profissionais. Os professores de EF ficavam responsáveis somente pelas aulas de graduação. Nessa reunião, a AAAUNIFEI e eu cobramos mais profissionais de EF para trabalhar com as equipes de representação. Batemos na tecla que o futsal deu certo na Universidade por causa da presença de um treinador, precisávamos então de mais técnicos para melhorar o trabalho. Nessa reunião o Vice-Reitor comentou que poderia contratar alguns técnicos desportivos para a Universidade. Falamos a ele que se ele tivesse essa chance, não deveria perdê-la. Com isso, a tendência do trabalho com o esporte era melhorar. E isso aconteceu. Com a chegada de mais profissionais, as outras modalidades estão crescendo, os treinamentos são mais específicos, conseguimos contratar bons profissionais na área do esporte. A cada dia que passa, o que eu comecei devagar, hoje vai muito bem. A presença de novos profissionais aqui, cada um desenvolvendo um bom trabalho, a cada dia que passa o esporte aqui na IES melhora mais e mais.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7

S1	100	- não tinha cobrança pelo resultado; - mas quando você traz resultados positivos, eles gostam.	Não existia cobrança por resultado	Não tinha cobrança pelo resultado, mas quando você traz resultados positivos, eles gostavam. E isso foi acontecendo aos poucos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S1	100	- os torneios foram aumentando; - os resultados foram aumentando; - os diretores começaram a apoiar mais; - isso aconteceu por causa do futsal; - melhora no relacionamento com a AAAUNIFEI; - levar a sério.	Melhorias a partir da conquista de bons resultados	Os torneios ao longo do ano foram aumentando, os resultados foram aparecendo e os diretores começaram a apoiar mais. Ofereciam suporte financeiro, passaram a acompanhar alguns jogos aqui na IES, e isso aconteceu principalmente por causa do futsal, que era a modalidade com melhores resultados. O relacionamento com a AAAUNIFEI foi melhorando, as pessoas se uniam mais pelo esporte. Com o destaque do futsal, os outros atletas das outras modalidades começaram a cobrar mais também. Pensavam em treinar, em levar a sério as competições, não pensavam mais em ir somente para as festas.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S1	100	- treinavam em horários livres; - torneios internos.	Atividades para quem não participava das equipes de competição	Os alunos que não participam da equipe de futsal treinavam nos horários livres, em que não aconteciam os treinamentos. Durante todo o dia, eles se juntavam a alunos dos cursos da IES, aos amigos de república e marcavam um horário para jogar no CPE. Eu sempre ficava atento a esses horários, quando notava um atleta que destacava, o chamava pra treinar. Existiam também torneios internos dirigidos pela AAAUNIFEI.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
S1	100	- em determinada época as atividades paravam; - o aluno não tinha mais acesso à parte esportiva; - material escasso; - os professores não liberavam os alunos das aulas.	Dificuldades para o desenvolvimento do esporte	Um dos principais problemas que dificultava o desenvolvimento do esporte era que nossa quadra, em muitos momentos, se tornava um salão de festas. Em uma determinada época as atividades paravam para dar lugar as formaturas que aconteciam aqui, e não eram só da nossa IES. Sempre fui contra isso. Em certa data não tínhamos treino, o aluno não tinha acesso à parte esportiva. O material para treinamento era escasso. Tínhamos muitos problemas. Quando viajávamos para competir no período letivo, os professores não liberavam os alunos das aulas. A AAAUNIFEI sempre lutou para melhorar essas coisas, faziam documentos pedindo dispensa para os alunos, para aplicar outra prova.

O SC1 comenta que seu trabalho com as equipes de futsal iniciou-se devido ao interesse dos alunos, que o procuraram informando sobre essa necessidade. O SC2 afirma que somente iniciou seu trabalho após autorização da direção da IES. O SC3 fala sobre o fato dos próprios jogadores serem os responsáveis pelos treinamentos, característica essa comentada como sendo comum nas equipes desportivas universitárias. O SC4 indica o contato com os docentes das

disciplinas obrigatórias de EF existentes na IES, afirmando que a presença nos treinamentos substituía a presença nas aulas. Mesmo imaginando que os treinamentos para o futsal se constituem em atividade semelhante às atividades que poderiam ser desenvolvidas nas disciplinas obrigatórias de EF, devemos criticar essa prática. Esse discurso nos permite perceber a pouca relevância das atividades desportivas desenvolvidas na IES, semelhante ao discurso do SC6 nas Expectativas em relação às equipes de representação da IES.

O SC5 indica a ausência de treinamentos, sendo que as equipes esportivas muitas vezes eram formadas na própria competição. O SC6 traz que mediante os argumentos anteriormente realizados, era necessária a contratação de profissionais de EF para o desenvolvimento do desporto e das equipes de representação. O SC7 revela a ausência de cobrança por parte da direção da IES pelo resultado esportivo, algo que consideramos normal devido ao conturbado ambiente de treinamento desportivo presente na instituição. O SC8 afirma que, a partir da conquista de bons resultados, melhorias aconteceram em relação ao desenvolvimento do desporto. O SC9 comenta sobre as atividades existentes para aqueles que não participavam das equipes de competição. As atividades apontadas refletem a escassez na promoção destas por parte dos profissionais de EF da IES, sendo que a maioria delas era desenvolvida pelos próprios alunos ou pela AAAUNIFEI. O SC10 revela quais eram as principais dificuldades para o desenvolvimento do desporto, partilhadas pelo SC6 nas Expectativas em relação às equipes de representação da IES.

4.3.2 Pergunta 2 - Treinamentos anteriores desenvolvidos na IES

Anteriormente, apresentamos os principais pontos defendidos pela Pedagogia do Desporto e os principais caminhos para o ensino das modalidades coletivas, em especial do futsal. Na seção das entrevistas com os jogadores, construímos discursos acerca dos treinamentos anteriores desenvolvidos, como também sobre os treinamentos atuais na IES. Para complementar nossa reflexão sobre essa temática, investigamos quais eram as ações promovidas pelo ex-treinador no desenvolvimento do desporto universitário. Para isso, formulou-se a seguinte questão: “Na sua gestão, como aconteciam os treinamentos?”. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 15.

Quadro 15 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Na sua gestão, como aconteciam os treinamentos?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1	100	- procurar bons atletas; - que participaram de times em suas cidades; - procurava orientá-los a participar dos treinamentos; - bons valores individuais e físicos.	Seleção de jogadores talentosos	Meu interesse era procurar bons atletas, que antes de entrarem na IES participaram de times em suas cidades e jogavam campeonatos. Aqueles que se destacavam, ou aqueles que eu percebia que tinham condições de participar da equipe, eu procurava orientá-los a participar dos treinamentos, dizia que eles iriam representar a IES. Eram bons atletas, aquilo que você pedia pra eles fazerem no jogo acontecia. Tínhamos bons valores individuais e físicos. A saída de bola era sempre em cima do nosso melhor jogador, ele resolvia o jogo. E deu certo. Conseguimos através dessa maneira bons resultados.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1	100	- não tínhamos os campeonatos que temos hoje.	Poucas competições	No primeiro ano não tínhamos os campeonatos que jogamos hoje. O aluno chegava aqui, começava a treinar em fevereiro, março e só ia competir em novembro.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1	100	- treinos abertos;	Treinos inicialmente abertos aos alunos	Eu deixava os treinos abertos. Eu comandava o treino, mas como eles tinham poucas atividades esportivas, eu deixava os treinos abertos a todos. Em alguns momentos, eu dizia a eles que no próximo treino eu só contaria com aqueles escolhidos, pois eram os que mais se destacavam.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1	100	- dificuldade de participar devido à despesa; - todos pagavam o mesmo preço; - o atleta não deveria pagar pra competir; - o atleta é importante.	Estímulos aos atletas	O que eu sentia é que em alguns momentos, o aluno tinha dificuldade de participar dos jogos fora da IES, devido à despesa. Uma das coisas que construí junto com a AAAUNIFEI é o fato de o atleta pagar um valor diferente do valor da torcida. Antigamente, eles dividiam o incentivo financeiro da IES entre os atletas e os torcedores e todos pagavam o mesmo preço. Chegamos à conclusão que o atleta não deveria pagar pra competir. Acho que o atleta que participa dos treinos, fica no CPE de duas a três horas, corre na pista de atletismo, faz musculação para melhorar seu desempenho, ele tem que ter um privilégio, ele é um atleta. O torcedor e a bateria fazem parte do esporte, mas o atleta é o importante.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
S1	100	- carga horária muito alta.	Dificuldade por conta do calendário acadêmico	Acho que a carga horária aqui na IES é muito alta, não é fácil para o aluno participar das equipes, quase todos estão em cursos de período integral.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6

S1	100	- tentava conscientizar os jogadores; - o futsal se destacou por causa disso.	Seriedade nas competições	Nos torneios, sempre existiam festas também. Tentava conscientizar os jogadores que para ganharem eles precisavam levar a sério. O futsal se destacou por causa disso. As outras modalidades notaram que o futsal se sobressaia devido ao treinamento e a responsabilidade dos atletas em levar a sério.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
S1	100	- trabalhava sozinho; - acumulava dupla função; - eu tinha que ajudar todas as equipes.	Poucos profissionais para trabalhar com o esporte	Eu trabalhava sozinho no CPE no período da noite. Ao mesmo tempo em que eu comandava o treino, eu era responsável pela parte administrativa, pelas quadras externas, pela musculação. Em alguns momentos eu tinha que parar um treinamento para ascender à luz da quadra externa, para receber ou fornecer uma chave de alguma sala, eu acumulava dupla função. Nos torneios era complicado porque muitas vezes eu tinha que ajudar todas as equipes. Já fiquei responsável pelo handebol, futebol de campo e pelo futsal masculino e feminino. Ficava correndo da quadra pro campo, quando os jogos eram simultâneos.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
S1	100	- sempre gostei de desenvolver a parte física.	Foco na parte física	Sempre gostei de desenvolver a parte física. Eu acho que uma boa condição física reflete na parte técnica.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
S1	100	- treinávamos em uma quadra externa muito ruim; - temos muitos alunos; - precisamos de mais quadras; - precisamos de mais espaços esportivos.	Falta de estruturas físicas adequadas	Em determinado período nosso ginásio coberto ficou fechado por dois anos para reforma, e treinávamos em uma quadra externa muito ruim. Se era difícil treinar os jogadores de linha nessa quadra, imagina os goleiros. Tivemos atletas que se machucaram nessa quadra por conta do piso, coisa que não aconteceria em uma quadra melhor. Hoje, a nossa quadra coberta está em condições, mas nós temos muitos alunos. Cada dia que passa aumenta o número de alunos aqui na IES. Precisamos melhorar a nossa área esportiva, as quadras externas precisam ser reformadas, precisam ser cobertas. Hoje, por exemplo, temos um grande número de materiais esportivos como bolas. Se colocarmos uma dessas bolas na quadra externa, ela dura um dia. Precisamos de mais quadras. Muitas vezes nossa quadra coberta fica por conta de aulas dirigidas e treinamentos. Se as quadras externas tivessem organizadas, arrumadas, com piso adequado, cobertura, isso seria muito bom para atender aos outros alunos. Nós precisamos de mais espaços esportivos.

O SC1 traz que, para a formação das equipes de futsal, uma das suas principais preocupações era o momento de seleção de jogadores talentosos, discurso esse oposto ao discurso de autores como Santana (2005), Nista-Piccolo e Moreira (2012) e Reverdito, Scaglia e Montagner (2013). As informações ofertadas pelo SC1 indicam a necessidade de realizarmos

uma reflexão sobre o assunto. Os treinadores devem se preocupar com os processos de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos, mas devem se basear em autores como Reverdito, Scaglia e Paes (2013). Para eles, apesar dos avanços alcançados promovidos pela Pedagogia do Esporte, há obstáculos que ainda precisam ser superados, como privilegiar somente as práticas esportivas aos indivíduos talentosos, reduzindo o papel do professor/treinador a um caçador de talentos, não acreditando na possibilidade do esporte ser ensinado. Comungamos com Santana (2005), na importância do desporto proporcionar uma prática inclusiva, possibilitando a todos o aprendizado. O SC2 indica a ausência de um grande número de competições ao longo do ano letivo, o que dificulta o desenvolvimento do treinamento. Entendemos que a competição é importante para o desenvolvimento esportivo e sua falta pode diminuir o interesse dos atletas pelo treinamento.

O SC3 revela que os treinamentos das equipes de futsal eram inicialmente abertos a todos os alunos, destacando a ausência de atividades desportivas na IES. Ao mesmo tempo, o SC3 afirma que, em determinados períodos, selecionava aqueles que mais se destacavam. Mais uma vez, devemos ressaltar os cuidados necessários dos treinadores em relação a essas atitudes, já que defendemos que o desporto pode ser ensinado a todos (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013). O SC4 aponta a criação de estímulos aos atletas, como apoio financeiro para representar a IES nas competições. Nesse discurso, é revelada a falta de importância do desporto universitário, já que é comentado o fato dos gastos financeiros, com as despesas nas competições, serem muito próximo entre torcedores e jogadores. O SC5 indica a existência de dificuldades por conta do calendário acadêmico, questão essa já comentada pelo SC1 nas Expectativas em relação ao trabalho dos técnicos desportivos com as equipes de representação.

O SC6 fala que buscava conscientizar os jogadores sobre a seriedade necessária para alcançar as vitórias nas competições. Aqui, fica nítida a existência do modelo desportivo já comentado anteriormente. Nele, o desporto é a “maquiagem”, ou seja, os alunos afirmam que o desporto é algo que deva ser desenvolvido, mas no fundo o que interessa são as festas, os shows, o excesso de bebida, a curtidão, ações essas enraizadas nos universitários de um modo geral e são comumente agregadas ao desporto universitário. Entretanto, o SC6 afirma que as equipes de futsal, mediante o seu trabalho organizado, inspiraram as outras modalidades a se organizarem e entenderem o esporte sob uma ótica de empenho e seriedade. O SC7 traz que desenvolvia muitas funções na IES, não podendo se dedicar do modo que gostaria nas ações voltadas para o treinamento.

O SC8 indica que, nos treinamentos, sua maior preocupação consistia em desenvolver as capacidades físicas dos jogadores, visão essa que nos parece equivocada, já que os

treinadores devem buscar o desenvolvimento harmonioso de todos os aspectos relacionados com o desporto, como os físicos, os técnicos, os táticos, os psicológicos, etc. O SC9 revela falta de estruturas físicas adequadas para o treinamento desportivo, fato este que não é exclusivo da época em que desenvolveu suas ações na IES. O SC1 no Apoio da IES para o desenvolvimento do desporto, afirma que, atualmente um dos grandes problemas para o desenvolvimento do desporto na instituição é a carência de estruturas físicas adequadas.

4.3.3 Pergunta 3 - Interesses dos jogadores pelo treinamento desportivo

Apresentamos nesse estudo o interesse de muitos alunos buscarem a prática desportiva na Universidade, principalmente em compor as equipes de representação competitiva. Já verificamos os principais interesses apresentados pelos jogadores que fazem parte das equipes de representação de futsal da IES. Após o discurso do ex-treinador acerca dos treinamentos anteriores desenvolvidos na instituição, verificamos como o ex-treinador percebia o interesse dos seus jogadores. A discriminação dos discursos dos sujeitos, o percentual dos mesmos relativos ao total da amostra, as principais ECH, as IC e os DSC construídos são apresentados abaixo no Quadro 16.

Quadro 16 - Discriminação dos discursos dos sujeitos, percentual de sujeitos relativos ao total da amostra, Expressões-Chave, Ideias Centrais e o DSC para a questão: Os atletas se mostravam interessados durante os treinamentos?

Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
S1	100	- exista muito problema.	Problemas devido à falta de profissionais contratados pela IES	Quando cheguei aqui, a faixa etária do aluno era de 18 a 27 anos. Eles vinham treinar, o responsável era um treinador contratado pela AAAUNIFEI existia muito problema.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
S1	100	- eles me respeitavam; - se dedicavam nos treinamentos.	Melhorias com o trabalho do treinador da IES	Quando assumi a equipe, isso melhorou muito. Eles me respeitavam, se dedicavam nos treinamentos, passaram a treinar sério e no primeiro ano já tivemos bons resultados.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
S1	100	- eles se dedicam muito; - o aluno gosta de representar a Universidade.	O aluno gosta de representar a IES	O aluno aqui da IES, é muito bom de se trabalhar com ele. Quando você apresenta um trabalho organizado, sério, cobra a participação deles, eles se dedicam muito. O aluno aqui na IES gosta de representar a Universidade.
Sujeitos	%	Expressões-Chave	Ideia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
S1	100	- o aluno faz isso porque gosta;	O interesse principal para o desenvolvimento do esporte é dos alunos	O aluno que treina, que participa, ele faz isso pelo coração, faz isso porque gosta. O aluno que treina precisa ter um apoio na parte educacional, os professores precisam entender que isso

	<ul style="list-style-type: none"> - o aluno que treina precisa ter um apoio educacional; - os professores precisam entender que isso também é importante. - a AAAUNIFEI precisa lutar mais. 		também é importante. Acho que a AAAUNIFEI tem que lutar mais, pra ter mais apoio. Hoje já melhorou se compararmos a quando cheguei aqui.
--	---	--	--

O SC1 afirma que existiam problemas referentes a essa temática devido à falta de profissionais contratados pela IES, sendo que a organização das equipes eram realizadas pela AAAUNIFEI e pelos treinadores contratados por ela. O SC2 indica melhorias no trabalho com as equipes de representação a partir do momento em que um profissional de EF da IES assumiu essa função. O SC3 admite que o aluno da IES estudada goste de representar sua instituição. Esse argumento é interessante, pois comprova a vontade dos alunos em representarem a IES, independente do apoio oferecido para isso. Esse aspecto é ressaltado também pelo SC5 no Apoio da IES para o desenvolvimento do desporto. O SC4 aponta que o interesse principal para o desenvolvimento do esporte é dos alunos, fato esse confirmado pelo SC2 no Apoio da IES para o desenvolvimento do desporto.

5 UM CRUZAMENTO DOS DADOS REVELADOS NO OLHAR DO PESQUISADOR

Após a construção da análise e sua respectiva apresentação, buscamos relacionar todos os DSC. Entendemos que abordar nosso pensamento frente aos dados produzidos, fundamentados nos autores estudados, pode dar significado maior à nossa pesquisa. Os sujeitos entrevistados revelam informações que nos permitem avançar no conhecimento a respeito dessa temática, além de afirmarem a existência de incoerências no desenvolvimento do desporto na IES estudada.

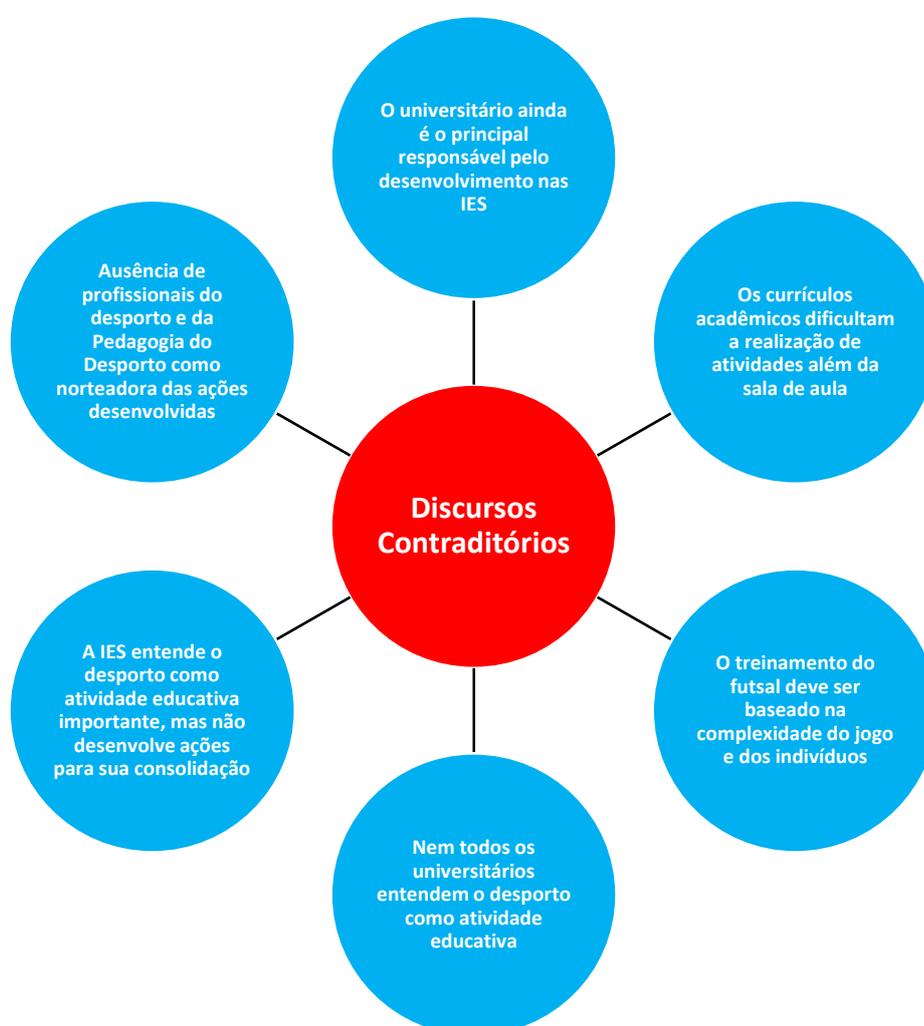


Figura 6 - Cruzamento dos dados revelados no olhar do pesquisador.

Foi verificado no discurso do ex-treinador que, no passado, os próprios alunos da instituição eram os responsáveis pelo desenvolvimento do desporto, seja no aspecto organizacional, como também na realização dos treinamentos. Isso posto podemos imaginar que esse fato contribui para a existência dos problemas discutidos nesta pesquisa, referentes ao

desporto universitário. Nossa experiência profissional em competições do desporto universitário aponta que, muitas vezes, são as Associações Atléticas Acadêmicas as principais responsáveis por todo o desenvolvimento das práticas desportivas. Nessas associações, é comum a existência de alunos que não defendem o desporto na sua visão ampla, como uma prática formativa, com objetivos claros e métodos de trabalho adequados, aspectos já abordados anteriormente pautando-se na Pedagogia do Desporto. Ressaltamos a importância da IES estudada em contratar profissionais do desporto para serem os responsáveis pela sua promoção. Isso acontece também em outras IES públicas, ou seja, a existência de técnicos desportivos no seu quadro de servidores. Mesmo que este fato possa contribuir para o desenvolvimento do desporto universitário de forma mais organizada e sistematizada, fundamentado em conceitos atuais sobre a prática desportiva quando esse profissional se empenha em sua atuação, sabemos que esse não é o único fator que contribui com a evolução do desporto universitário.

Um ponto a ser destacado é que nem todos os jogadores que compõem as equipes desportivas que representam a instituição, pensam no desporto como parte de sua formação. Como já comentado anteriormente neste estudo, muitos jogadores ainda atrelam essa atividade universitária à oportunidade de divertimento mediante festas, com excesso de bebidas, tendo no desporto somente uma “justificativa” para sua participação nessas equipes. E isso também pode ser estendido à AAAUNIFEI que, muitas vezes, se diz defensora do desporto, mas realiza ações que desvirtuam os valores e atitudes que deveriam ser estimulados numa prática desportiva universitária.

Foi possível verificar que os profissionais de EF anteriormente contratados pela instituição cumpriam apenas a obrigatoriedade da aplicação de uma disciplina como componente dos currículos dos cursos de graduação. Naquela época, parece-nos que as ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores em suas aulas não se baseavam nas ideias aqui apresentadas, referentes à Pedagogia do Desporto, tendo como principal objetivo a ser atingido somente a prática pela prática. Ao mesmo tempo, identificamos nos discursos dos gestores a defesa do desporto como atividade educativa, que auxilia na formação do aluno, devendo ser oferecida pela instituição. Analisando os documentos expressos pela IES não foi possível detectar esse aspecto como uma meta a ser atingida. Em nosso ponto de vista o desenvolvimento de práticas desportivas durante a graduação deveria integrar o projeto pedagógico da IES, destacando-o como um meio na formação dos alunos, e como uma atividade com finalidades próprias. Diante também da experiência profissional como técnico desportivo na IES, é possível afirmar que esse discurso ainda não se refletiu em ações específicas para esse fim. Como o desporto não faz parte do projeto educacional da instituição, muitos docentes não apoiam o seu

desenvolvimento. Desse modo, os jogadores e os técnicos desportivos encontram inúmeras dificuldades em relação à participação em treinamentos e competições desportivas. Não é oferecido aos jogadores qualquer tipo de incentivo acadêmico para participarem dos treinamentos, como também para participarem das competições, conforme descrição dos mesmos. Além disso, muitos docentes da instituição não se colocam à disposição para auxiliar nas participações competitivas dos alunos, dificultando a trajetória acadêmica dos estudantes, como remarcações de tarefas a serem cumpridas. Ao contrário, muitas vezes, dificultam a participação dos alunos que compõem às equipes de representação, apontando que a obrigação deles está voltada exclusivamente para o estudo.

Como comentado pelos próprios gestores, o cumprimento do currículo acadêmico demanda muito tempo dos alunos, dificultando o desenvolvimento de atividades que vão além da sala de aula. Verificamos aqui mais uma incoerência, já que os gestores afirmam que a Universidade não deve se preocupar somente com a formação técnica dos alunos. Como é possível incentivarmos os alunos a realizarem outras atividades que não são agregadas ao currículo acadêmico? Por que um aluno se dedicaria à prática desportiva, sendo que para isso precisaria dispende um tempo o qual pode prejudicar o seu desenvolvimento no curso na IES? Como abordamos anteriormente, muitos dos discursos produzidos não se transformaram ainda em ações práticas, permitindo a continuidade dos problemas encontrados.

Verificamos nos discursos dos jogadores a ausência de algumas ideias acerca da Pedagogia do Desporto nos treinamentos que antecederam às suas entradas na IES. Estes dados nos causam preocupação, pois a iniciação desportiva deveria ser promovida pelas escolas e clubes, e nos parece que os ambientes vivenciados pelos jogadores das equipes de futsal não foram adequados para uma formação desportiva de qualidade, segundo seus próprios depoimentos. Salientamos aqui a necessidade de profissionais do desporto estarem atualizados em seus conceitos e procedimentos metodológicos visando melhorar a qualidade de suas ações pedagógicas, abandonando as práticas desportivas mediante uma abordagem reducionista.

Visualizamos também nesses discursos aspectos que defendem o desporto como atividade importante na instituição, destacando que o desenvolvimento do desporto acontece exclusivamente pelo interesse dos alunos, o que nos parece coerente diante da ausência do desporto do projeto educacional da instituição. Um discurso recorrente refere-se às dificuldades mediante a carência de estruturas físicas adequadas. Como é possível gestores defenderem a promoção do desporto sem o oferecimento de estruturas físicas adequadas? Essa é mais uma incoerência levantada no cruzamento dos dados encontrados nessa pesquisa.

Também foi possível verificar com os jogadores das equipes de futsal, a relação do que o treinador ensina e o que os jogadores aprendem e apreciam, além do apontamento de questões significativas a serem aperfeiçoadas. Após a visualização dos aspectos referentes ao interesse dos jogadores em fazer parte das equipes, dos relatos de seus treinamentos anteriores e da relação com os colegas de equipe, percebemos que muitas das ideias defendidas pela Pedagogia do Desporto estão presentes nas ações pedagógicas apresentadas pelo treinador, o que representa aspectos positivos na atuação deste profissional. Os jogadores destacam ações pedagógicas significativas à aprendizagem das diferentes situações que o jogo apresenta, entendendo que essas atividades são importantes não só para o entendimento da dinâmica do jogo em si, como para seus desempenhos nos mesmos.

Parece-nos que a importância do desporto como atividade para estimular a formação humana é partilhada pelos jogadores. Os discursos revelam que isso é discutido pelo treinador nos treinamentos, sendo assimilada e partilhada segundo seus discursos. Não podemos deixar de comentar aspectos levantados por eles referentes à presença constante de diálogos nos treinamentos. Os jogadores ressaltam a importância dessas ações para melhor qualidade dos encontros. A experiência profissional deste pesquisador na IES revela que essa ação não era comum no ambiente vivenciado anteriormente, tanto na própria IES quanto ao ambiente escolar. Verificamos que muitos jogadores apresentam dificuldades em expressarem seus posicionamentos, esperando que o professor/treinador ofereça todas as respostas para os problemas encontrados nos treinamentos e jogos. Há também jogadores extremamente desafiadores, questionando muitas das ações desenvolvidas. Ao mesmo tempo, não só pelos discursos apresentados como pelos momentos vivenciados na prática desportiva identificamos que essas discussões não ultrapassam o ambiente desportivo, não sendo estendido às inúmeras dificuldades apresentadas pela IES, em todas as vertentes.

A importância da boa relação entre o grupo de jogadores foi um importante fator a ser destacado nesta pesquisa. Parece-nos que o ambiente universitário consiste em um bom momento para a criação de fortes laços de amizade, sendo necessário que o treinador adote ações pedagógicas que incentivem essa prática. Os jogadores ressaltam também a importância do treinador se relacionar com cada jogador de modo diferente, apontando que cada jogador aprende de uma forma, indicando a necessidade de diferentes mediações criadas pelo treinador para oportunizar o aprendizado a todos.

Entendemos que toda a discussão produzida por esta pesquisa deva “sair do papel” e se transformar em atuações práticas, visando à organização do desporto como componente curricular importante para os alunos da IES estudada. Ao mesmo tempo, necessitamos defender

que profissionais do desporto sejam os responsáveis pela sua promoção e desenvolvimento no ambiente universitário. Sem querer generalizar os dados encontrados como resultados de todas as IES brasileiras que disputam torneios universitários, podemos concluir que nossa pesquisa pode colaborar com o avanço dos princípios que norteiam a prática desportiva nessa perspectiva.

6 CONCLUSÕES

Devemos admitir que ao estudar as relações do desporto com o ambiente universitário e o papel do treinador como mediador do processo de ensino e aprendizagem da modalidade futsal, como um meio de representação universitária competitiva, consiste em uma temática controversa em nosso país. O desporto universitário desenvolvido por aqui não atrai a atenção dos pesquisadores, devido à falta de objetivos e entendimento sobre suas possibilidades nessa etapa do desenvolvimento dos indivíduos, seja este humano, profissional ou desportivo.

Percebemos que algumas ideias defendidas neste estudo foram ratificadas pelos grupos pesquisados, nos incentivando a continuar na defesa da importância da compreensão do desporto como um direito humano, que deve ser praticado, estudado, analisado e interpretado como um fenômeno que se alastra na sociedade e ganha uma dimensão ampliada em sua concepção.

Com base nos resultados deste estudo, afirmamos que os objetivos inicialmente pretendidos foram conquistados. Mediante a construção dos discursos referentes ao SC pertencente aos grupos pesquisados, foi possível desvelar aspectos que devem ser defendidos como importantes no desenvolvimento do desporto universitário, como também a relevância do papel do treinador como mediador dos processos de ensino, aprendizagem e treinamento, visando a representação competitiva.

Especificamente, ao refletirmos sobre a relação dos conceitos teóricos apresentados neste estudo com o pensamento do SC envolvido com o ambiente estudado, verificamos que:

1. O desporto deve ser entendido como um fenômeno plural, que promove as relações humanas, contribuindo para a formação dos indivíduos.
2. O profissional de EF, ao trabalhar com o desporto, nas suas diferentes dimensões, deve se pautar nos constructos da Pedagogia do Desporto, entendendo principalmente que o desporto deve ser ofertado a todos (e não somente àqueles mais talentosos), sendo passível de ser ensinado.
3. O desporto deve fazer parte do projeto educacional das IES brasileiras, nas suas diferentes vertentes. Os responsáveis pela sua promoção devem traçar objetivos para seu desenvolvimento, os quais visem à estimulação de valores e atitudes que contribuam principalmente para a formação dos indivíduos, não excluindo o desenvolvimento das capacidades e habilidades.
4. O desporto competitivo pode se constituir em uma atividade importante para o desenvolvimento dos nossos universitários, como também pode agregar valor à

escolha de uma determinada IES. Muitos deles possuem diversos interesses que levam os sujeitos a procurarem a sua prática. Para isso, tanto os gestores como os profissionais de EF responsáveis pelo desenvolvimento do desporto devem dialogar e construir um projeto coerente para atender as expectativas dos alunos.

5. As IES brasileiras podem auxiliar o desenvolvimento do desporto universitário no nosso país. Os gestores responsáveis pelas instituições precisam dialogar com as federações e confederações responsáveis, construindo os principais objetivos pretendidos com o desporto universitário. Não devemos excluir o poder público neste processo, que também deve participar das discussões e buscar alternativas para os problemas encontrados em relação ao desporto desenvolvido no nosso país.
6. Especificamente sobre a função dos técnicos desportivos, a capacitação profissional torna-se um diferencial em relação à qualidade das atividades promovidas. É indispensável o conhecimento das ideias defendidas pela Pedagogia do Desporto, como também os conhecimentos oriundos da Teoria das Inteligências Múltiplas, auxiliando no processo de aprendizagem dos conhecimentos por parte dos alunos, entendendo as potencialidades e limitações de cada indivíduo.
7. O treinamento desportivo para o futsal deve se basear nas ideias comentadas no item anterior. Entendemos que o técnico desportivo deve buscar a formação de um ambiente de treinamento em que o diálogo entre todos os envolvidos seja constante. O processo educacional se apresenta como uma via de mão dupla: na relação técnico e atleta, ambos são “educados”. A utilização de um método de ensino coerente consiste em uma ação eficaz e pode contribuir para o aprendizado ótimo sobre uma modalidade desportiva coletiva. Entretanto, devemos entender que a ação pedagógica transcende o método de ensino. Isso acontece devido à imprevisibilidade dos jogos desportivos coletivos. Diante disso, inúmeras necessidades dos jogadores são exigidas aos técnicos desportivos, sendo que este deve reunir um conjunto de competências para dirigir os processos de ensino, aprendizagem e treinamento, sendo que o conhecimento empírico na modalidade não é mais suficiente (BALBINO, 2005).

Estimamos que a construção deste estudo constitua-se em um material de auxílio e reflexão para aqueles que atuam com o desporto universitário, como também para os treinadores de jogos coletivos desportivos, em especial o futsal. Esperamos ter contribuído para a compreensão do desporto no ambiente universitário, indicando os possíveis objetivos a serem

estimulados mediante a sua promoção. Esperamos também ter sugerido ideias referentes ao processo de formação dos treinadores como também sobre os conhecimentos necessários para o desempenho dessa função.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **Journal of Sport Sciences**. Londres, v. 24, n. 6, p. 549-564, jun., 2006.
- ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. In: VIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas (CIAVE), 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2008, p. 2208-2220.
- ALVES, J. A. M. Prefácio Primeiro. In: BRANDÃO, M.; R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção psicologia do esporte e do exercício, volume 4: o treinador e a psicologia do esporte**. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.
- ARESTIGÜI, A. Las Reglas del juego en el fútbolsala. In: MANUEL IEGA, J. **El fútbolsala: pasado, presente y futuro. La evolución de las reglas, la técnica y los sistemas de juego**. Madrid: Gymnos, p. 41-57, 2001.
- BALBINO, H. F. **Jogos Desportivos Coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2001.
- _____. **Pedagogia do Treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2005.
- BARBERO, J. C. **Desarrollo de um sistema fotogramétrico y su sincronización de los registros de frecuencia cardíaca para el análisis de la competición em los deportes de equipo: una práctica para el fútbol sala**. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) – Facultad de Educación y Humanidades de Melilla, Universidad Granada, Granada, 2002.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.
- BENTO, J. O. **Desporto e humanismo: O campo do possível**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.
- _____. Do sentido cultural do desporto. In: PRISTA, A. et al. **Actividade Física e Desporto: Fundamentos e contextos**. Lisboa: FCDEUP, 2003, p. 13-22.
- _____. Esclarecimentos e Pressupostos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006a, p. 3-11.
- _____. Da Pedagogia do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006b, p. 26-40.
- _____. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2013a.

_____. Dos sentidos do agonismo grego e do desporto. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013b, p. 19-40.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballentine, 1985.

BOMPA, T. O. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

BRACHT, V. Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Curitiba, v.22, n.1, p. 53-63, set., 2000.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, v. 134, n. 248, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Regimento Geral da Universidade Federal de Itajubá, de 17 de Junho de 2013. Disponível em:
<<http://www.unifei.edu.br/files/Regimento%20Geral%20UNIFEI-alterado%20-17-06-13.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2013.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological model from a life course perspective: reflections of a participant observer. In: MOEN, P.; ELDER, G. H.; LÜSCHER, K. (Org.). **Examining lives in context: perspectives on the ecology of human development**. Washington, DC: American Psychological Association, 1995, p. 599-618.

BUCETA, J. M. Psicologia dos treinadores esportivos: conceitos fundamentais e áreas de intervenção. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. (Ed.). **Coleção psicologia do esporte e do exercício: o treinador e a psicologia do esporte**. Volume 4. São Paulo: Editora Atheneu, 2010, p. 17-41.

BUNKER, D.; THORPE, R. A Model for the Teaching of Games in Secondary Schools. **Bulletin of Physical Education**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.

CANO, O. M. **Fútbol: Entrenamiento global basado en la interpretación del juego**. Sevilla: Editorial Deportiva, 2001.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CBDU. **Confederação Brasileira do Desporto Universitário**. 2013. Disponível em: <http://www.cbdu.org.br>. Acesso em: 05 mai. 2013.

CHATZOPOULOS, D. et al. Girl's soccer performance and motivation: games vs. technique approach. **Perceptual and motor skills**, Missoula, v. 103, n. 2, p. 463-470, out., 2006.

CHELLADURAI, P. Leadership in sports: a review. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 21, p. 328-354, 1990.

CHELLADURAI, P.; HAGGERTY, T. R. A normative modelo f decision styles in coaching. **Athletic Administrator**, [S.l.], v.13, n.1, p. 6-9, 1978.

CORRÊA, U. C.; SILVA, A. S.; PAROLI, R. Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 2, p. 79-88, mai. /ago., 2004.

COSTA, V. T.; SAMULSKI, D.; NOCE, F. Análise do estilo de liderança de treinadores de futsal de alto rendimento: um estudo comparativo entre o perfil Ideal e o perfil desejado (modelo ideal). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 10., CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Resumo dos trabalhos apresentados...** Rio de Janeiro: [s.n.] 2003.

COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n.1 p.123-150, jan./mar., 2009.

CUNHA, A. G. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2010.

CSIKSZENTMIHALYI, K.; RATHUNDE, K.; WHALEN, S. **Talented teenagers: the roots of success and failure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

D'ARRIPE-LONGUEVILLE, F. et al. Coach-athlete interaction during elite archery competitions: an application of methodological frameworks used in ergonomics research to sport psychology. **Journal of Applied Sport Psychology**, Indianápolis, v. 13, n. 3, p. 275-299, 2001.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos. Modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n.4, p. 99-104, out., 2002.

DE BOSSCHER, V. et al. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, Sydney, v. 12, p. 113-36, 2009.

DELGADO NOGUEIRA, M. A. Los métodos didácticos en la Educación Física. In: BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, D. **Fundamentos de educación física para enseñanza primaria**. Vol. II. Barcelona: INDE, 1993, p.1045-1066.

DE ROSE JR., D. A formação do profissional especializado em esporte: o que se espera de um treinador de categorias de base? In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013a, p. 345-358.

_____. **O que é preciso para ser técnico de basquetebol?** (parte 2). São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://vivaobasquetebol.wordpress.com/2013/02>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. J. **Os grandes jogos: Metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1984.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Massachusetts, n. 3, p. 363-406, 1993.

FISU. **Federação Internacional de Esportes Universitários**. 2013. Disponível em: <<http://www.fisu.net>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FREIRE, J. B. Pedagogia do esporte. In: MOREIRA, W. W; SIMÕES, R. (Org.) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 91-95, 2000.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 2006. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2006.

_____. Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Revista Conexões**, Campinas, v. 6, n. especial, p. 404-415, jul., 2008.

GALLAHUE, D. L.; OSMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. São Paulo: Phorte, 2005.

GARDNER, H. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **O verdadeiro, o belo e o bom**: princípios educacionais para uma nova educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____. **Inteligência**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARGANTA, J. Modelação da dimensão tática do jogo de futebol. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Org.). **Estratégica e tática nos jogos desportivos colectivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1996, p. 63-81.

_____. **Modelação tática do jogo de futebol**. 1997. 318 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, 1997.

_____. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998, p. 11-25.

_____. A análise do jogo em futebol. Percurso evolutivo e tendências. In: TAVARES, F. (Ed.). **Estudo 2 – Estudo dos jogos desportivos**. Concepções, metodologias e instrumentos. Porto: Multitema, 1999, p. 14-40.

_____. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Org.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEFUP, 2000, p. 51-61.

_____. O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição ação. In: BARBANTI, V. et al. (Org.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. São Paulo: Manole, 2002, p. 281-306.

_____. Atrás do palco, nas oficinas do futebol. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. (Org). **Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**. Porto: Campos e Letras, 2004, p. 227-234.

_____. Ideias e Competências para “pilotar” o jogo de futebol. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 313-326.

GARGANTA, J.; CUNHA E SILVA, P. O jogo de futebol: entre o caos e a regra. **Revista Horizonte**, Lisboa, v. 16, n. 91, p. 5-8, 2000.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 40-50, 1999.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Org.). **Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos**. Porto: FCDEFUP, 1996, p. 7-23.

GAYA, A. Caminhos e descaminhos nas Ciências do Desporto. Entre o Porto Alegre e o Porto Sentido. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 80–87, 2001.

_____. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, p.125-27, set., 2006.

GAYA, A.; GAYA, A. R. O esporte como manifestação da Cultura Corporal do Movimento. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013, p. 41-55.

GEBARA, A. Educação física e esporte no 3º grau. In: PASSOS, S. C. E. (Org.). **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988, p.127-135.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J.; MALLET, C. Development paths and activities of successful sport coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Brentwood, v.1, n. 1, p. 69-76, 2006.

GOMES, A. R. **Liderança e relação treinador-atleta em contextos desportivos**. 2005. 382f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desporto) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2005.

GOMES, A. R., CRUZ, J. F. Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: A percepção de treinadores de alta competição. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n.1, p. 5-15, jan./abr., 2006.

GONDIM, S. M. G; FISCHER, T. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. **Cadernos Gestão Social**, Salvador, v.2, n.1, p. 09-26, set., 2009.

GRAÇA, A. Os contextos sociais do ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013, p. 79-102.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 2, n. 5, p. 67-79, 2002.

_____. Modelos instrucionais de ensino do Desporto. In: ROSADO, A.; MESQUITA, I. M. R. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Lisboa: FMH edições, 2009, p. 39-68.

GRECO, J. P. (Org). **Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Volume 2. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

GRIFFIN, L. L.; PATTON, K. Two decades of Teaching Games for Understanding: looking at the past, present, and future. In: GRIFFIN, L. L.; BUTLER, J. I. (Org.). **Teaching games for understanding: theory, research, and practice**. Champaign: Human Kinetics, 2005, p. 1-17.

HAAG, H. **Theoretical Foundation of Sport Science as a Scientific Discipline: Contribution to a Philosophy of Sport Science**. Schorndorf: Karl Hofmann, 1994.

HERNANDEZ, Y. B. Rol de entrenador como pedagogo dentro del colectivo desportivo. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 167, abril, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd167/rol-del-entrenador-como-pedagogo.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.

JOWETT, S. Outgrowing the familial coach-athlete relationship. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 29, n.1, 2008.

KAMI, C. **Jogos em grupo na educação infantil**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KIRK, D.; GORELY, T. Challenging thinking about the relationship between school physical education and sport performance. **European Physical Education Review**, Chester, v. 6, n. 2, p.119-134, 2000.

KIRSCHNER, P. et al. The design of a study environment for acquiring academic and professional competence. **Studies in Higher Education**, Abingdon, v.22, n. 2, p. 151-171, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEÃO, F. G. **Universidade Federal de Itajubá: 1913-2004**. Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2004.

LEBLANC, S.; SAURY, J.; SÈVE, C. **L'Entraînement**. Paris: Éditions Revue, 2004.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: Educus, 2003.

_____. **Depoimentos e discursos**: Uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Interface**: Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu, v. 10, n. 20, 517-524, jul./dez., 2006.

_____. **O Discurso do Sujeito Coletivo e o resgate das coletividades opinantes**. São Paulo, 2012. IPDSC - Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo Disponível em: <<http://www.ipdsc.com.br/scp/showcat.php?id=8>>. Acesso em: 10 set. 2012.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; MARQUES, M. C. C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 1193-1204, 2009.

LOURENÇO, L. **Mourinho**: a descoberta guiada. São Paulo: Almedina, 2010.

LOVISOLO, H. **Educação Física**: A Arte da Mediação. Rio de Janeiro, Sprint, 1995.

LYLE, J. **Sports coaching concepts**: A framework for coaches' behaviour. London: Routledge, 2002.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, S. C. E. (Org.). **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: MEC/SEED, 1988, p.225-255.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2000.

MATTOS, P. L. C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 823-847, jul./ago., 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

_____. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

McCALLISTER, S. G.; BLINDE, E. M.; WEISS, W. M. Teaching values and implementing philosophies: dilemmas of the youth sport coach. **Physical Educator**, Indianápolis, v. 57, n.1, p. 35-45, 2000.

McINTOSH, P. C. **O desporto na sociedade**. Lisboa: Prelo Editora, 1975.

MEIRIEU, P. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MEMMERT, D.; ROTH, K. The effects of non-specific and specific concepts on tactical creativity in team ball sports. **Journal of Sports Sciences**, Reino Unido, v. 25, n. 12, p. 1423-1432, out., 2007.

MESQUITA, I. Modelação no treino das habilidades técnicas nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Converge Artes Gráficas, 2000, p. 73-89.

MOMBAERTS, E. **Futebol**: Entrenamiento y rendimiento colectivo. Barcelona: Editora Hispano Europea, 1998.

MOREIRA, W. W.; CARBINATTO, M. V. Bases epistemológicas, a Educação Física e o Esporte: possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, p.129-30, set., 2006.

MOURA, C. C. et al. Pedagogia do esporte: a importância da utilização da situação problema no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-5, jan./abr., 2008.

NISTA-PICCOLO, V. Crescendo com a ginástica. In: NISTA-PICCOLO, V. (Org.). **Pedagogia dos esportes**. Campinas: Papirus, 1999, p. 113-126.

NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia da Ginástica Artística. In: NISTA-PICCOLO, V.; NUNOMURA, M.(Org.). **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2005, p.113-126.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W.W. **Esporte como Conhecimento e Prática nos anos Iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez Editora, 2012a.

_____. **Esporte para a vida no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez Editora, 2012b.

OLIVEIRA, B. et al. **Mourinho**: Porquê tantas vitórias? Lisboa: Gradiva, 2006.

OSIMANI, R. Allenamento pensante. **Nuovo Calcio**, [S.l.], v. 134, p. 174-177, 2003.

_____. Sistema Especial. **Nuovo Calcio**, [S.l.], v. 136, p. 164-169, 2004.

PAES, R. R. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE JR., D.; TRICOLI, V. (Org.). **Basquetebol**: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri: Manole, 2005, p. 15-29.

PEREZ MORALES, J. C.; GRECO, P. J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 291-99, out./dez., 2007.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINTO SOBRINHO, L. G.; MELLO, R. M. F; PERUGGIA, L. Influência de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A.A. (Org.). **Psicologia do esporte**: temas emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997. p. 57-80.

REILLY, T. Training Specificity for Soccer. **International Journal of Applied Sports Sciences**, Rosemead, v.17, n. 2, p. 17-25, 2005.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A Gestão do Processo Organizacional do Jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.13, n.1, p.51-63, jan./mar. 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J., MONTAGNER, P.C. (Org.). **Pedagogia do Esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J., PAES, R.R. Pedagogia do Esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p.600-610, jul./set., 2009.

_____. Pedagogia do Esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J., MONTAGNER, P.C. (Orgs.). **Pedagogia do Esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013, p. 19-40.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. A Formação para ser treinador. In: TAVARES, F. et al. (Org.). **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008, p. 48- 57.

SAMPEDRO, J. **Futebol Sala**: Las acciones del juego. Análisis metodológico de los Sistema de Juego. Madrid: Gymnos, 1997.

SANTANA, W. C. Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1-22.

_____. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2008.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se ensina e o futebol que se aprende**. 1999. 255f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1999.

_____. **O Futebol e os Jogos/brincadeiras de Bola com os Pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 178f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

_____. **Treino é jogo, jogo é treino**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

SIEDENTOP, D. **Sport Education: Quality PE through positive sport experiences.** Champaign: Human Kinetics, 1994.

SOUZA, P. R. C. **Validação de teste para avaliar a capacidade de tomada de decisão e o conhecimento declarativo em situações de ataque no futsal.** 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, UFMG, Belo Horizonte, 2002.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Revista Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-50, dez., 1996.

TELEMA, R. Consideraciones Socioeducativas del Deporte: aspectos pedagógicos del deporte para la juventud. **Dirección Deportiva**, [S.l.], v. 28, p. 26, 1986.

TEODORESCU, I. **Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos.** Lisboa: Horizonte, 1984.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez Editora, 1986.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TUBINO, M. J. G. **As teorias da educação física e do esporte: uma abordagem epistemológica.** São Paulo: Manole, 2002

VARGAS-TONSING, T. Coaches' preferences for continuing coaching education. **International Journal of Sports Science & Coaching.** Brentwood, v. 2, n. 1, p. 25-35, mar., 2007.

WILLIAMS, A. M.; HODGES, N. J. Practice, instruction and skill acquisition in soccer: challenging tradition. **Journal of Sports Sciences**, [S.l.], v. 23, n. 6, p. 637-650, jul., 2005.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZYLBERBERG, T. P; NISTA-PICCOLO, V. L. As contribuições dos estudos sobre inteligência humana para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, n. 11, p. 59-68, jan./jul., 2008.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UBERABA/MG

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Reflexões acerca da pedagogia do futsal no ambiente universitário: análises a partir do discurso do sujeito coletivo.

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo Reflexões acerca da pedagogia do futsal no ambiente universitário: análises a partir do discurso do sujeito coletivo, por estar diretamente envolvido com o ambiente estudado. Os avanços na área da Educação Física ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar o desporto no ambiente universitário e sua relação com o papel do treinador como mediador do processo de ensino e aprendizagem da modalidade futsal, como meio de representação universitária competitiva. Para o desenvolvimento dessa pesquisa serão realizadas entrevistas com gestores da IES, ex-treinadores e jogadores das equipes de futsal masculino e feminino. As entrevistas serão filmadas para posterior transcrição da gravação. Após as transcrições, as imagens serão apagadas. As perguntas a serem realizadas têm como objetivo desvelar a relação dos indivíduos pesquisados com o desporto desenvolvido na IES. A identidade dos sujeitos não será revelada (você será identificado com um número) e as informações obtidas através dos registros em entrevistas serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas somente para a elaboração dessa dissertação de mestrado e de artigos científicos relacionados ao assunto. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UBERABA/MG

Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: Reflexões acerca da pedagogia do futsal no ambiente universitário: análises a partir do discurso do sujeito coletivo.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Uberaba,//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores: Gabriel Dambros (35) 9131 6409 e Vilma Lení Nista-Piccolo (34) 3336 9938. Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3318-5854.